STRO
BELLO

FON-FON

XXIV — N. 27
5 de Julho
de 1930
ɔO: 1$000

SAUDADE

HYLARIO CORRÊA

I

— Que vem a ser a Saudade?

E o pequeno, de pé em frente ao professor, tendo á mão um livro aberto, dilatou muito o olhar, á espera da explicação.

Mas o professor estremeceu, estirou a vista pelo campo vasto que apparecia pela janella entreaberta, suspirou e quedou-se silencioso.

Dir-se-ia que seus olhos procurassem alguma coisa não mais existente, como a sombra dum amor já esvaecido, ou como o rumor dum beijo que se extinguisse, sem deixar um éco siquer.

E o pequeno, em face da inutilidade de sua interrogação, fechou o livro e voltou para a sua carteira.

Devia ser alguma coisa muito complicada, que nem o mestre soubera explicar.

Uma coisa assim como a regra de tres, que elle não conseguia entender nem a pau...

II

Porém, a regra de tres não é tão difficil assim.

Tanto não o é, que o pequeno a aprendeu.

E aprendeu mais. Francez, algebra, geographia, historia, grammatica...

E outras coisas de titulos apavorantes: calliphasia, pedagogia, uma dezena de "ias" eruditos e pesadões...

Tudo isso, ao cabo de alguns annos de escola, de vigilias sobre livros, de pesadelos tremendos em vesperas de exame e de "collas" engenhosas, se condensou num papel todo enfeitado de arabescos artisticos.

Um diploma de professor...

III

Depois de alguns mezes de descanso, elle tratou de colher o fruto de seus esforços.

Um bello dia, depois de haver viajado por muitas secretarias e repartições, veiu ter-lhe ás mãos a nomeação assignada pelo Presidente do Estado.

A sua primeira cadeira — uma escola de sitio.

E lá se foi o nosso professor, na sua elevada missão de apostolo do A B C, illuminar, com os fulgores da instrucção, o intellecto das criancinhas dum villarejo obscuro.

IV

Mas nem tudo o que se sabe é aprendido nas escolas.

Não foi lá, certamente, que elle aprendeu a descobrir a emotividade duns olhos femininos.

No villarejo onde leccionava, o nosso professor veiu a conhecer a mais formosa mulher que Deus já houvera posto no mundo.

Flor humilde do sertão, o modesto vestido de chita que ella vestia não empanava o brilho de seus encantos maravilhosos.

Clotilde — que roceira bonita!

Não se sabe porque, quando elle a viu, pensou num ponto de historia patria, dos seus tempos de estudante.

A descoberta do Brasil. Terra bonita, rica, esplendorosa, que jazia desconhecida, até que Cabral veiu patenteal-a aos olhos estupefactos do mundo.

Elle tambem repetira, em miniatura, o episodio. Pedro Alvares Cabral do seu Brasil amoroso...

V

Mezes depois, o professor considerava-se o homem mais feliz do universo.

Amava com todo o vigor de seus vinte e um annos; era correspondido pelos dezoito annos viçosos de Clotilde.

— Quando nós nos casarmos...

E, atraz destas quatro palavras, vinha uma torrente de projectos fagueiros, ridentes, luminosos...

VI

Numa tarde roceira, cantavam cigarras, e um ventinho carinhoso abanava os verdes pennachos dos milharaes sussurrantes. Errava no ar de amethista aquella beatitude tão propria das tardes de verão.

Clotilde descera ao borbulhante regato, com um cantaro biblico na mão.

Casualmente, o mestre-escola descia tambem o tenue audito que ia terminar no frescor das aguas querulas.

Os dois se encontraram.

Fosse a suggestão de duas borboletas que se abraçavam sobre a corolla duma flor, ou fosse algum malicioso segredo cochichado pela correnteza esquiva, não se sabe bem como foi aquillo. Quando os dois se deram fé, estavam abraçados á nemorosa sombra dum ingazeiro, face contra face, labio contra labio.

O cantaro, esse escapára das mãos inconscientes da moça, rolara pela ribanceira, e fôra espedaçar-se num seixo á flor dagua...

VII

Mas tudo tem fim no mundo, como disse um poeta anonymo.

E é tão commum um rompimento entre namo-

O COMMENTARIO

Mais um crime mysterioso. De certo tempo a esta parte, os crimes dessa natureza, se têm succedido, sem que consiga a policia deitar a mão ao criminoso. Os jornaes, então, falam contra ella, como si sua tarefa, numa cidade como o Rio de Janeiro, em casos semelhantes, seja coisa facilima.

O crime a que alludimos chama ainda mais a attenção, por ser a victima pessôa de distincção social e ter o mesmo revelado uma face da nossa degenerescencia social, de pouca gente conhecida. Foi talvez um alarme e espera-se que elle faça com que as nossas autoridades se resolvam a uma campanha seria e efficiente contra certos viciados.

DERROCADA

Conto de PAULO SPOSITO

Á meia luz do *abat-jour* rendado, cujos reflexos côr de rosa punham reverberos lucidos no tapete caro, Luciana Torres lia, pela millesima vez, as mesmas linhas da mesma carta, traçadas por identica mão — cruel missiva que lhe fôra entregue pelo correio da manhã. Ao lado, numa poltrona de vime, oleada a verde, Rogerio Diniz estudava-lhe os movimentos. Significativamente, acariciava o bigode cynico e sorria entre dentes, satisfeito, qual colleante e biliosa serpente que, após longa e cerrada luta, consegue, finalmente, em sua emmaranhada rêde, a presa cubiçada e se prepara para o decisivo golpe, certeiro e vil.

Exteriorizando sentimento capaz de possuir, pois nunca tivera um gesto elevado essa vida algo duvidosa, o comediante achou azado adocicar umas palavras mais, para reforçar e levar a bom termo o exito de seus iniquos desejos — precaução, de resto, não de todo infundada, em se tratando da inclinação de Luciana pelo insinuante Fabio.

Alisando a basta cabelleira negra, Rogerio avançou:

— Afinal, Ciana, devias presumir este fim. Julgava-te, até, preparada. Fabio, comquanto te queira com calor e sinta por ti impulsivo affecto, não pode fugir ás convenções sociaes. Dahi, serem seus esponsaes com a filha do commendador a nota do dia, na chronica mundana. Esquece ao Fabio, esquece.

"Não ignoras quanto te quero e sabes quanto te fui e serei dedicado. De que te serve ficares por ahi a pensar no irremediavel? Sus! Nada de lagrimas, que a alegria é o summo bem e a vida só é boa e só tem encantos quando é gozada. Não me repellirás, hoje, supponho, como me repelliste no passado."

Luciana Torres meditava.

Com effeito, que lucrára ella em ligar-se a Fabio Ribas? Nada, absolutamente, nada.

Depois do erro irremediavel que lhe roubara o affecto dos velhos paes, tivera noites de vigilias e longos dias de remorsos. Padecera tanto...

Comtudo, já se havia acostumado áquelle viver infeliz!

Um dia apparecera elle.

Bello, gentil, elegante, Luciana dera-lhe a alma, que era virgem, a despeito da vida que levava. E julgou possivel soerguer a lage da desventura, onde repousava todo o seu passado de mulher e de moça, não para rehaver a honra perdida, mas para gozar um pouco desse bem que a todo mortal é permittido.

Abandonando tudo, seguira-o.

Tivera dias felizes, tivera!... Ah, os dias felizes com que amargura se rememoram!

Depois, como tudo tem fim, aquillo tambem acabou. Voltaram os dias de tristeza, as infinitas horas de espectativa, o fantasma da duvida e, finalmente, a certeza do abandono, expressa naquella carta fria.

Olhou mollemente, apalermadamente, enojada.

Pela noite barrenta, nuvens volumosas condensavam-se ao longe.

Fitou, demoradamente, aquelle que a convidara tantas vezes, como o fazia naquelle momento. Achou-o hediondo e brutal. Antegozou o prazer daquella brutalidade e a attracção daquella hediondez.

Luciana Torres riu, convulsivamente, um riso de odio, de embriaguez, de loucura. Olhou, fixamente, como vibora que quer ser eliminada — aquelle havia de acabal-a. Não importa: antes assim.

Por que prolongar a agonia daquillo que, inevitavelmente, se ha de realizar? Estava escripto. Este ou aquelle, hoje ou amanhã, mais dias, menos dias: questão de tempo e não de duvida.

E, qual allucinado que, ás bordas do abysmo, sorri ao precipicio que o convida, ella, hypnotizada, sem forças para rechassar o cataclysmo que lhe verrumava o cerebro combalido, perdida a ultima cartada no panno verde do destino, levantou-se, passo incerto, semblante carregado, outra: não a Luciana meiga, amorosa, comedida, mas a mulher terrivel, a mulher vindicta, a mulher vampiro, fria e insensivel, que joga no tablado da existencia a banalidade da vida, e sibilou com voz retida e dura — "Vamos!"

Naquella noite, o *Café da Mascara Negra*, lobrega e duvidosa tasca, onde costumam reunir-se os párias da sociedade; prisca e conhecida taberna, onde muitas conheceram o ferrete da desgraça, engalanava-se toda, rangia nos velhos gonzos, dando passagem á formosura de Luciana Torres.

SAUDADE

(Conclusão)

rados, que não se estranhou o facto de o professor pedir sua remoção para outro logarejo distante.

Quando embarcou para ir tomar posse de sua nova cadeira, não poudé conter um soluço.

Por que Clotilde fôra tão falsa?

VIII

Lá, longe de tudo o que lhe fôra caro, procurou afogar no trabalho a magoa que o consumia.

Quem muito ama, muito soffre.

E elle soffria a dôr de ter sido ferido nos seus mais caros sonhos de amor.

Esses sonhos de que houvera feito a razão de ser de sua vida.

Ah! quanto dóe uma desillusão!

Um dia, o pae dum de seus alumnos enviou-lhe de presente uma cesta de taquara a transbordar de pamonhas.

Vinham cobertas por uma folha de jornal.

Por desfastio, elle poz-se a lel-a, e...

"*Bica de Pedra* (do nosso correspondente) — Na vizinha localidade do R..., deste municipio, contratou casamento o nosso amigo sr. F... com a prendada senhorinha Clotilde M., filha do estimado proprietario sr. J. M. Nossos augurios de felicidade ao venturoso par."

Nas prosaicas letras dum retalho de jornal resume-se, ás vezes, um drama inteiro.

Quanta coisa o mestre-escola sentiu passar pelo intimo!

Era como si dentro do peito uma horda de barbaros passasse pesadamente, espalhando a desolação e a ruina...

Nunca ninguem foi tão triste e taciturno como, dahi por deante, o nosso professor.

IX

— Seu mestre, que vem a ser saudade?

E o pequeno, ansiosamente, aguardou a resposta.

Mas o professor, ante a ingenua pergunta, estremeceu e espraiou a vista pelo firmamento, na direcção do villarejo onde áquella hora, talvez, Clotilde quebrasse novo cantaro por via dum beijo.

— A saudade... A saudade...

E nada mais poude dizer.

Ah! Si o menino tivesse conhecimento dessa coisa embrulhada que é a Vida, acharia, na lagrima que se alongou pelo rosto do mestre, a penosa explicação que elle não soube dar...

O Sol e o Mar me fazem bem

A agua do mar e o sol, quando offendem a sua cutis, amarguram-lhe as ferias? Pense que poderá passar todo o dia, alternando entre o banho de mar e o do sol, extendida na areia sempre que tome a precaução de usar todas as noites antes de deitar-se cêra pura mercolized, a qual déve ser applicada á cutis por meio de uma ligeira massagem. Procedendo desta maneira, a pelle do rosto, do collo e dos braços se manterá sã e l.mpida e sem nenhum dos defeitos originados pelas queimaduras de sol e agua salgada.

E o segredo desta maravilhosa acção da cêra pura mercolized, está em que ella ajuda a Natureza na tarefa diaria de renovação da tez.

A cêra pura mercolized actua imperceptivelmente dissolvendo e eliminando as particulas velhas e resecadas da cutis gasta exterior, particulas que por não serem elim nadas impedem a apparição da nova, formosa e perfeita cutis que se acha encoberta pela cutis velha e exterior. Procure hoje mesmo cêra pura mercolized e goze as suas ferias sem nenhum perigo, temor ou restricção.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure Mercolized Wax")

Em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toi ette em todo o Mundo.

NOSSO INVERNO

DECIDIDAMENTE, o Rio de Janeiro, essa cidade fadada, segundo affirmam, a ser um ponto de turismo, uma especie de San Sebastian ou Monte Carlo— decididamente, o Rio não poderá ser nunca uma cidade elegante.

Não lhe bastará estar ella á beira da maravilhosa Guanabara, nem ter como moldura as serras da Tijuca, da Gavea, o Corcovado e o Pão de Assucar; de nada lhe valerá ter as areiaes da Avenida Atlantica, a maravilhosa "Volta da Gavea", os panoramas da Tijuca e do Corcovado.

O Rio é uma cidade onde não ha divertimentos, onde quasi não ha theatros, limitando-se a ser o paraiso dos torcedores de "football" e dos "fans" do cinema.

Um domingo á noite, na cidade, é a coisa mais insipida, mais aborrecida que se pode obter.

Cansado, o "turista", de ver mattas virgens, montanhas, panoramas e praias maravilhosas, visto o Museu Nacional, onde poderá conhecer as habilidades dos nossos indigenas e ver os "specimen" da nossa fauna, não terá mais nada a fazer sinão as proprias malas...

Si apparecer aqui, no verão, o turista fugirá aterrado deante dos 35 gráos de calor, mesmo porque, si quizer gozar as delicias da vida das praias, terá que andar em roupas de banho pelas ruas.

Si vier no inverno (28 gráos em junho), ficará julgando que o enganaram e que elle chegou em pleno verão.

A unica coisa que garantirá ao "turista" que estamos em plena estação elegante... serão as "toilettes".

Elle verá senhoras cobertas de "fourrures", com arminhos, luvas de lã, "renards" ao pescoço, capotes de astrakan e vestidos de gabardine, de velludo, etc.; verá os cavalheiros com chapéos de feltro, "cache-nez", "sweeter" de lã, polainas e sobretudos siberianos.

Não comprehenderá, porém, que essa gente que não tem inverno adora a neve, o "verglas" que cae em Paris, em Londres, na Siberia e no Canadá.

O frio é elegante; é a estação dos espectaculos lyricos, das companhias francezas, dos chás-dançantes, das "soirées" da moda, emfim, de todas essas coisas "très très raffinées" que o verdadeiro inverno traz para as capitaes européas ou do sul da America do Sul.

Ora, nós seguimos "pari-passu" as elegancias de Paris e de Londres.

Conhecemos Paquin, Patou, Worms e outros dictadores de elegancias e possuimos a civilização egual á dos paizes mais civilizados.

Si a nossa metropole está situada debaixo de um gráo de latitude incompativel com a neve e com o "brouillard", a culpa foi daquelles que a localizaram aqui.

Poderiamos mudar perfeitamente a capital, não para o planalto de Goyaz, mas sim para a embocadura do Chuy, para Curityba, para Porto Alegre ou mesmo para os Campos do Jordão.

O Rio coberto de neve, o Corcovado toucado de branco e a Guanabara invadida pela "purée de pois", os nossos elegantes patinando nos lagos do jardim da praça da Republica ou escorregando no "verglas" das calçadas; os "skys" e os "bobsleigs" cortando as ruas cobertas de um lençol alvo e os automoveis fazendo arabescos com as "derrapages"! .

Isso seria "pôdre de chic".

Mas é um sonho irrealizavel.

Temos que aguentar os invernos eguaes aos de Moçambique e do Senegal, e, para termos a illusão das elegancias hibernaes, teremos que corajosamente, em nome da nossa civilização, tirarmos dos armarios, arcas e gavetas, toda a bagagem de abafos e tecidos contra o frio, bagagem essa que faria inveja a um esquimau!

Que importa que o thermometro, esse estupido apparelho, tenha a columna de mercurio junto aos 30 gráos centigrados?

Junho é junho; é o inverno elegante, o inverno aguardado, esperado ardente, impacientemente.

Perdel-o por causa de uma simples e prosaica columna de mercurio ou de alcool, que jamais desce dos vinte gráos, é uma estupidez!

Não será possivel ir-se ao Municipal ou a um chá elegante, em vestido de "voile" ou de sedinha e com leques; isso nem debaixo da linha equatorial: nem na Africa.

Por isso é que o Rio nunca será uma cidade elegante.

Embora os espiritos "raffinés" suem pavorosamente debaixo dos seus elegantes abafos, chamando o inverno, a estupida e impassivel columna prateada não cahirá dos vinte gráos e com ella não cahirá a neve, essa neve tão appetecida, tão desejada e que vae cahir lá em Curityba e em cima das galhadas dos pinheiros do Paraná.

Por isso, o Rio nunca será uma cidade de turismo.

No verão, o visitante fugirá deante do sol e, no inverno, fugirá deante dessa gente que sente frio e se abafa com vinte e oito gráos de temperatura.

Fugirá com medo de ter que pedir, em um botequim, um refresco bem gelado em pleno inverno; fugirá com medo de apparecer em publico, de roupa branca e armado de ventarola no meio de uma população abafada em pelliças e capotes; fugirá envergonhado de suar deante do frio do inverno carioca.

Mas, uma vez na sua terra, quando o turista disser o que viu no "pays des sauvages"; quando nos chamar de "macaquitos" e outras coisas mais ou menos semelhantes, nós, aqui, vibraremos de indignação e diremos que todos esses estrangeiros que "fazem a America" têm o mau habito e a má educação de falar mal do Brasil.

ASTAROTH

A NOVA RICAÇA

de Jean Ramac

EM 1914, o casal Joseph Bidouillot se chamava Joseph Bidouillot. Mas, em 1917, elle se chamava Joseph Bidouillot de Chateaubriand; e, em 1919, se chamou, definitivamente — espera-se, pelo menos — o casal J.-B. de Chateaubriand-Sforza.

Tudo isso é muito concebivel.

Em 1914, essas duas pessoas eram insignificantes. Em 1917, elles haviam ganho quatro milhões, vendendo ferros velhos ao Estado. Em 1919, tinham ganho vinte.

Ora, é sabido que os francezes são valentes; mas não ha um só que tenha coragem de chamar-se Bidouillot quando possue vinte milhões.

Os nossos vendedores de ferro se haviam dirigido a um genealogista valoroso, que, depois de activas pesquizas nas chancellarias, descobrira que os Bidouillot podiam, muito bem, se apparentar com diversas familias reinantes. Mas, como eram modestos, não tinham consentido descender senão de um escriptor de França e de um duque de Milão.

Tendo um tão bello nome, não se podiam dispensar de possuir um grande castello. Encontraram-no, sem difficuldade, no Massiço Central. Esse castello não tinha senão tres torres. Mme. de Chateaubriand-Sforza resolveu juntar-lhe mais uma torre — pois que não gostava dos numeros impares — e não queria nenhum no seu castello.

No emtanto, ella commetteu um numero impar, certo dia, num *atelier* de artistas, e foi a proposito do seu novo dominio.

— Ah, cara amiga, nós nos temos aborrecido bastante! — disse ella á mulher de um premio de Roma. Imagine que meu marido foi obrigado a tomar quarenta prisioneiros allemães, no campo de guerra.

— Ah, meu Deus! E para que?

— Para retirar a hera das nossas florestas. Possuimos milhares de carvalhos cobertos de hera, e isso lhes causa grande mal... E a senhora, cara madame, tambem faz cortar a hera do seu delicioso jardim de Saint-Cloud?

— Não, cara amiga — respondeu a mulher do pintor. — Nós fazemos com que nasçam mais.

Isso não parecia nada, e era tudo. Houve sorrisos na assistencia, olhares maliciosos. Senhoras se aproximaram da mulher do pintor. A ex-madame Bidouillot comprehendeu que havia faltado ao senso artistico; sentiu que lhe quizeram dar uma lição.

Ella empallideceu.

"Has de pagar-me!", se disse ella, mentalmente, com um olhar acerado, que deixou a joven esposa do pintor gelada e branca de cêra.

Sim. Mas como fazel-a pagar-me? Pouco depois, ella encontrou um motivo. Encommendou o seu retrato ao marido da moça, para lhe mostrar que elle era apenas um mercenario, um vago tintureiro, um lacaio ás ordens de um Sforza.

O pintor não havia ganho quasi nada durante a guerra. Tinha filhos. Foi obrigado a acceitar a encommenda. Mas, considerando o descendente de Sforza, sentiu o suor dos martyres lhe humedecer a fronte. A ferragista era gorda, pequena, ligeiramente corcunda, com um forte buço, que ficaria bem no rosto de um Santo Cyro. Tinha pernas de estylo byzantino, que poderia suster uma pequen[a] crypta do seculo X.

E eis que ella desejava pos[ar] semi-núa, sem meias, sobre um meio-imperio, como Mme. Réca[-] mier deante de David. Era bem na[-] tural, além disso. Entre os Chateau[-] briand e os Récamier, havia afi[-] nidades historicas.

Octave Ribert — assim se cha[-] mava o pintor de Roma — quasi ficou louco.

Mas isso não era nada. Confian[-] do-lhe o cuidado de fazer o seu re[-] trato, a ferragista não imagina[va] exercer uma vingança. Longe di[s-] so. Ella se suppunha tão linda co[-] mo a outra Mme. Récamier. D[e] resto, ella não desgostava do pin[-] tor. Era, sobretudo, da esposa del[le] que ella se queria vingar.

Mme. Ribert era uma linda mu[-] lher. Fina, elegante, distincta, ma[s] de origem modesta. O seu pae ha[-] via sido representante de uma ca[sa] de Champagne, na Suissa. Mme. de Chateaubriand-Sforza descobr[iu] isso e ficou radiante.

Uma tarde, como estivesse de calça, posando para o pintor, [a] mulher deste lhe fez uma visi[ta]. Ella foi recebida com agrado.

— Como estou contente de vel[-a] cara amiga! Permitte que contin[ue] a posar? O seu esposo vae fa[zer] uma obra maravilhosa. Elle te[m] merito, bem o sabe.

— Oh, cara madame!

— Sim, sim! Hoje, sobretudo, d[e]vo ter uma dessas cabeças... D[an]cei hontem bastante, em casa [da] condessa... Tenho os dedos [in]flammados, não acha?

— Mas, não! Nada têm elles [de] extraordinario.

— Sim, sim! Não ha nada co[...]

um banho nos pés para melhorar sua inflammação... Tenho uma especialidade a esse respeito, que me faz muito bem... Mas vós sois amigos, não é? E permittireis que, sem cerimonia, e deante de vós...

Alongou o braço para soar a campainha.

— Francisco — ordenou ao velho criado de quarto. — Traga-me um banho de pés, feito de champagne.

* * *

Espantados, o pintor e a mulher trocaram um olhar. O criado de quarto e uma criada chegaram, de repente, trazendo elle uma bacia de prata massiça, e ella, cinco garrafas de champagne.

Era, como por acaso, a marca de que o pae de M^{me}. Ribert havia sido representante, na Suissa. E, emquanto o criado abria as garrafas e derramava o seu liquido nos dedos da *patteuse*, esta explicava, com risos de prazer:

— Não conhecia os banhos de pés, feitos de champagne, cara amiga? E' delicioso. Experimente. Nada, como isso, para esses casos...

— Mas que pensaste, Francisco? Cinco garrafas? Não ha mais? Vê bem! Vae procurar outras!...

O criado tornou-se livido.

— Já vou, madame — disse elle, com voz surda.

Elle sahiu e voltou, dentro em pouco, com uma garrafa aberta.

Um pouco nervoso, para um criado estylizado, elle derramou o champagne nos pés da senhora. Mas esta soltou um grito, como si tivesse sido queimada.

— Que derramas ahi? Miseravel! Repara na garrafa! E' acido, é vitriolo!

O velho criado se deu conta do que fazia:

— E' possivel, madame — respondeu. — Creio que é acido nitrico, com effeito.

— Miseravel! Assassino!

— Faz hoje tres annos que o meu filho morreu na guerra, madame, e eu peço perdão de haver perdido a cabeça.

— Assassino! Prendam-no! Prendam-no!

O sr. e a sra. Ribert se tinham levantado. Elle pousou a paleta; ella foi até ao velho criado, e lhe disse:

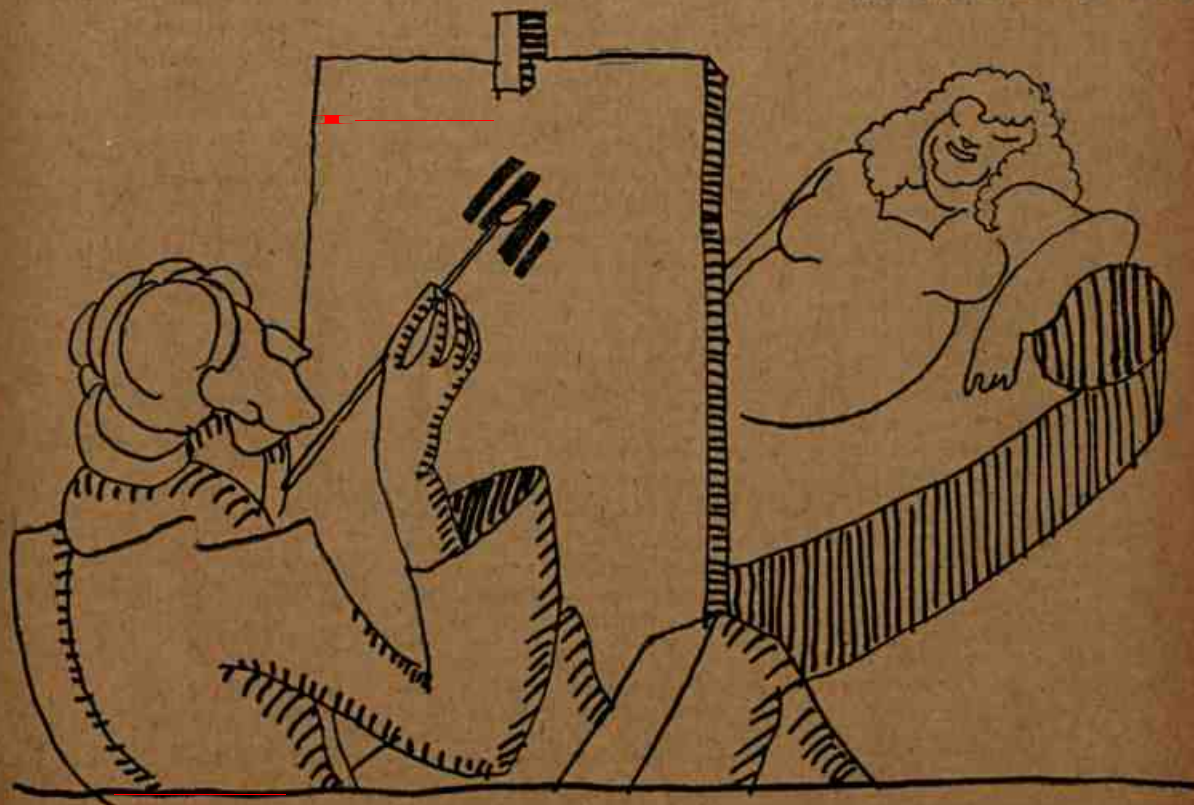
— Ah, o senhor perdeu o seu filho na guerra? Outros nada perderam nella. Ao contrario! Permitta que lhe aperte a mão!

E, como a descendente de Sforza, a fitasse, perplexa:

— Madame — disse a mulher do pintor — meu marido lhe devolverá a pequena importancia que lhe adeantou... Desejo que os banhos de pés, feitos com champagne, lhe dêem dedos dignos dos seus avós... Vamos, Octavio? O museu do Louvre ainda está aberto. Vamos encantar os nossos olhos.

* * *

A descendente de Sforça não teve coragem de se queixar do criado. As suas feridas foram leves. Ella espera agora poder dançar ao som do proximo "jazz" da condessa...

(Illustrações de Marcelo Roberto)

ULMARENO (?) — Palavra d'honra! A sua carta me impressionou, porque através do humorista a gente vê, senão o critico, pelo menos, o psychologo que observa os homens com um sorriso alegre e brincalhão.

Vejamos a sua missiva:

"Snr. Yves: Francamente o Snr. é um typo interessante! (Escuse-me.)

Como leitor de quasi todas as revistas do Rio tenho me deliciado no estudo de seus escriptores atravéz de suas verborrhagias literarias.

O Snr. porém, tem me attraido sobremodo porquanto as suas producções têm sempre algo de paradoxal.

Ora se revela ironico quasi debochativo: de outra feita é o grande amoroso e sentimental de "Suave Enlevo".

Por vezes se apresenta o gentilman da palavra, o fino perscrutador dos sentimentos humanos atravéz de seu estetoscopio psychologico.

E assim, em cada dia que o lemos, sentimos novas impressões, temos novos dados, formulamos novas hypotheses.

Sendo eu brasileiro sem no entanto pertencer á terra das Glycinias que é o seu mundo, e nem tão pouco da cidade Imperial onde a Imperatriz fez plantar a 1.ª hortensia, em seu jardim, desejava o seguinte: Porque se deixa levar tanto por essa exosmóse literaria estrangeira? Porque é tão influenciado pela corrente literaria franceza? Não é demais frizar que precisamos ter a nossa literatura, a nossa poesia, a nossa historia literaria. A não citar nomes dos nossos poetas illustres que deixaram os seus nomes nas ruas e praças do café *Papagaio* e do Hotel dos Estrangeiros, e que fizeram a sua poesia colhida e inspirada pela natureza brasileira, o que vemos hoje é uma forte influencia gauleza nas nossas letras. Desde a moçoila que ao entrar no bonde abre logo o seu romance francez, para não ser lido, até os grandes poetas que citam *Rostand*, *Mollivre*, *Babinske*, *Casanova* e *Ford*.

O Snr., que tem a fortuna de viver de dois cultos, cada qual mais sagrado: o do amôr e o literario, emanação deste outro, e que é toda a grandeza de seu coração e toda a excellencia de seu espirito: O Snr., que tem este proprio, inspirado talvez por uma Paulista garoenta e fria (perdoe-me.) mude, por favor, o titulo de seu tão esperado livro por um mais brasileiro, mais carioca; dê-lhe, por ex., o de "Uma mulata carioca" ou seja mesmo da *Pavuna*.

Se a arte é emoção e sinceridade, o seu livro será obra de verdadeira arte, porque ninguem mais sabe sentir e transmittir os seus sentimentos, não mascarando o minimo detalhe de seu pensamento, expondo tudo com riqueza de rythimos como o Yves de "Suave Enlevo" e o de "Uma garçonne carióca".

D.ª seu affim d'esprit.

Ulmareno."

A resposta que lhe devo vae aqui em varios *itens*:

1.º — Agradeço-lhe a observação que faz sobre a minha obscura personalidade literaria; 2.º — A influencia literaria estrangeira, notadamente franceza, que observa em meus trabalhos, é a melhor e a unica a que devemos recorrer. Isso porque não temos ainda um padrão de literatura, cuja influencia possa ser benefica ou não para os que escrevem. De resto, no Brasil não ha escriptor de renome que não tenha soffrido a influencia do espirito literario estrangeiro. O mais caracteristico e individual é Euclydes da Cunha.

Mesmo assim, é sabido que recebeu, como Ruy, grande influencia dos classicos portuguezes. Machado de Assis, do inglez. E, de um modo geral, todos os outros reflectem o espirito francez. Sob o ponto de vista commercial, o livro que se vende no Brasil é francez. E o que não se parece com elle, ficará condemnado á injuria das traças e ao pó das livrarias.

De resto, que educação é a nossa, senão a franceza? Quaes são os collegios chics do Rio, preferidos pela aristocracia e a burguezia brasileiras, senão os dirigidos por irmãs de caridade francezas? A minoria, onde está o sr., póde não gostar dessa influencia; mas a maioria terá de reflectil-a por uma força; 3.º — Não modifico o titulo do meu proximo romance "Uma "garçonne" carioca", porque *garçonne* é um typo, um especimen, um nome generico. Entre as mulheres, ella tem uma representação social inconfundivel. Foi a grande guerra que o creou, e Victor Margueritte o demonstrou. A "garçonne" é um typo intermediario entre os sexos. Não existia. Foi creado. E assim como aquelle escriptor fez a sua "garçonne" franceza, outro poderá fazer a sua "garçonne" chineza, turca, persa, portugueza ou carioca, uma vez que elle exista na China, na Turquia, na Persia, em Portugal e no Rio. O principal é saber e poder demonstrar que elle existe. Que si não é como o parisiense, será deste ou daquelle modo. O meu, segundo presumo, é carioca. O resto a critica dirá.

E agora, até breve.

DELMIRO EÇA (Bahia) — O seu poema (?) foi para o fundo da cesta, de onde nunca mais sairá para tormento nosso. "Requiescat in pace".

EXILÉE (?) — Sim. Mas quem será o comediante, em tudo isso?

Sei bem que não represento comédias, nem simulo tragédias... matinaes.

Para que fingir? Não mascaro os meus pensamentos; e quando escrevo, digo o que penso, claramente.

Não construo enigmas, para que os decifrem.

Adeante.

Só existe *rivalidade* quando ha uma concorrencia; mas desde que ha um mal entendido, é signal de que não ha essa concorrencia. Por outro lado, o *mal entendido* deixa vêr que só — erroneamente — se pode admittir uma rivalidade.

Esta subentende um interesse qualquer. Um interesse presuppõe a idéa da possibilidade de uma vantagem que se possa extrai disto ou daquillo.

De um certo modo, a idéa dessa possibilidade, não nos deixa livres para agir com o rythmo dos acontecimentos. E não sendo livre, a gente não pode fazer o bem...

"Desde que não se esteja fazendo o mal, a gente é sempre livre" — escreveu, v. ex., sophisticamente.

Logo, pela sua logica, talvez um pouco burgueza, um interesse é uma coacção á nossa liberdade, pelo menos de pensar e de agir livremente... E', implicitamente, fazer o mal.

Esses syllogismos estão um pouco atrapalhados. Mas eu sei que v. ex. os entende bem...

Olá si os entende...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

DANIEL SILENCIOSO (Capital) — O sr. é muito timido. Mande a sua collaboração. Por que pergunta si acceitamos? E' claro que sim. Quanto ao facto de ler os seus contos, é claro que ainda não tive essa opportunidade. Mas lerei a que me enviar, afim de fazer um juizo do seu estylo e do seu talento literario.

Basta-me o castigo de ler a correspondencia que me dirigem. Ainda deseja o sr. que vá ler a collaboração que enviam ás demais revistas? E' exigir muito, não lhe parece?

NIELITA (S. Paulo) — Aqui está a sua collaboração, destinada ao *Fon-Fon*. Ora, o *Porque?* é uma historieta banal de um namorico com um cavalheiro neurasthenico. Esse cavalheiro, depois de ouvir o trote que lhe dá, lhe bate o telephone; e v. ex. fica soluçante, revoltada com elle, que não quiz ser amolado.

Ora, isso se dá todos os dias com os namorados. Mas não é caso para jornal, muito menos para literatura.

De resto, v. ex. escreve num estylo de menina de escola. E' bem de vêr que lhe não posso dar o meu beneplacito.

NILSA ROSA (S. Paulo) — A sua cartinha da côr do seu nome — Rosa — é como certas fazendas de duas faces — duas vistas, dizem ellas — e que ficam tão bem num vestido — por um lado e pelo outro. A sua missiva tem dois aspectos: sob qualquer um delles, v. ex., pensando desagradar-me, consegue fazer-me justiça. Eu sou realmente como toda gente: possúo defeitos e qualidades.

Mas vejamos o que v. ex. me escreve:

"Sr. Yves. Ha poucos dias fiquei sabendo que o Yves, tão severo para com seus correspondentes é o sr. Bastos Portella. Isso foi para mim uma grande surpreza, pois o Yves que esbocei na minha imaginação é tão contrario do que formei de Bastos Portella! E agora vejo essas duas pessoas reunidas em uma só. Sempre que lia os seus versos, com olhos de imaginação via um Bastos Portella sonhador, com olhos muito negros fitos no além a rebuscar no passado, algum amor feliz da mocidade, para florir nas rimas de seus versos. Era assim que eu o via, sempre a escrever com a fronte apoiada sobre uma mão muito fina e branca...

Mas o Yves, teve uma sorte bem diversa na minha imaginação de moça.

O Yves... com olhar investigador e severo, olhando por cima dos oculos, sempre a sorrir ironicamente para as cartinhas gentis de tantas intrepidas em lhe escrever "o que hoje aliás conto-me no meio dellas" e a fazer bolas e mais bolas dessas cartinhas mimosas e, atiral-as sem dó ao cesto de papel.

Arrisquei-me muito a escrever-lhe, eu sei, pois é expor-me a sua severa critica, a qual se fazendo justiça, não deixa de transparecer um espirito fino e gracioso.

Pois é sr. Yves, muitas lhe escrevem pedindo para que o senhor as mande a graphologia. O meu pedido talvez ultrapasse dos limites, mas eu desejava muito que me enviasse a sua propria graphologia, para poder concretizar em meu espirito o "Yves" — Bastos Portella.

Agradecimentos de — *Nilsa Rosa*."

Ora, a resposta que se impõe é a seguinte:

1º. — Em todo escriptor, ha essa dualidade que me attribue: um individuo bom e um máu. E' por isso que elles nunca são sinceros quando escrevem. Pelo menos, na vida real não são aquillo que parecem na ficção da sua obra.

2.º — De resto, não ha nada de extraordinario nesse dualismo. Tambem as mulheres são fingidas. Dão-nos a impressão de uma creatura e, na realidade, são muito differentes. Ellas dizem o que não pensam, e pensam o que não dizem. Essa duplicidade individual attinge mesmo as caracteristicas physicas. Exemplo: pela manhã, ao sair do banho, a mulher é uma *pessôa*; á tarde, na Avenida, vestida por Lucien Lelong ou Patou — é uma outra *pessôa*... gostou? E nem por isso a Terra deixa de gyrar em roda do seu eixo... Nem o Pão de Assucar obstrúe a entrada da barra...

3º. — V. ex. me lança um desafio, para que faça publicar a minha graphologia. Ora, não é difficil dar-lhe essa prova de coragem: brevemente v. ex. lerá o meu promptuario graphologico, assignado por um amador de merito, o escriptor Padua de Almeida. Queira esperar.

4º. — Para responder ao seu desafio, eu a convido a confessar a sua idade verdadeira. Dou-lhe um doce si v. ex. tiver a coragem de dizer: "Tenho 35 annos"...

I. H. (S. Paulo) — Ih! D. I. H. V. ex. vae ganhar o 1º premio de literatura chula! Nunca vi, em um só periodo, tanto logar-commum, tanta imagem batida e vulgar! Não, D. I. H., não fique triste, porque, pelo menos, sendo 1º premio de literatura chula, v. ex. é dona de um premio. Ha outros que vivem com a penna na mão, a vida inteira, lutando desesperadamente, e não alcançam nem um 2º premio de coisa alguma...

Veja só o *primor* que v. ex. escreve, nos seus vagares de moça bem installada na vida:

"Junho. Noite fria. Ha uma aragem tão suave que nem siquer estremece as nuvens folheadas a prata pelo luar magestoso e dispersas sob essa abobada infinita e augusta; nenhum ruido da cidade choca este ambiente poetico onde o ciciar das folhas, os epithalamios dos insectos e das phalenas, o rumorejar do oceano franjado de espuma, unem-se para uma orchestração mystica que enleva, arrebata, entorpece...

Amo as frias noites de Junho e muitas vezes empolgada pelos seus encantos, fremente, quero receber num hausto a gloria de perpetuar em mim as vibrações voluptuosas, patheticas, magicas, sentimentaes que ellas possuem."

"Nuvens folheadas de prata?" Mas que nuvens rijas!

Quer receber "num hausto a gloria de perpetuar em mim as vibrações voluptuosas, patheticas, magicas, sentimentaes que ellas possuem?"

V. ex. quer muita coisa: quer o 1º premio, quer a gloria, quer "as vibrações voluptuosas", etc. Não, moça, deixe alguma coisa para as outras.

E a *cesta!* Ninguem a quer?

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Graphologia — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú 62

Caixa Postal 27

Telephone 2-4136

FON-FON — 28-6-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

A PASTA
limpa os dentes, tornando-os alvos e brilhantes e o
Elixir
Odol
Frasco grande
Pasta dent.
Odol
Odol
KOHOUT.
(liquido)

As historias que não parecem verdadeira

EU estava havia pouco na America do Su — assim escreve J. Modday nas suas mem — para inspeccionar certos trabalhos em neraes iniciados pela Hervantol Comp Lim.; Um breve gyro pela região fez-me logo c prehender que os engenheiros da minha Compa tinham tomado um grande logro. Naquella zona havia nada a fazer! Antes de tornar-me á Euro pensei que era quasi um peccado ter desperdi tanto do meu tempo e emprehendido sem resu uma tão longa viagem. Por isso, decidi tornar pro toso um dos meus dias de liberdade, indo visitar companhia dos meus dois amigos, Wharton e Linc a mais alta montanha do Perú: o Chimborazo. E durante a visita ao Chimborazo que me aconte uma aventura inolvidavel: fiquei preso numa ca na, fóra da qual uma féra terrivel estava embosca

A viagem fôra organizada com cuidado. Estra a fóra, porém, percebemos que uma neve muito pessa enfaixava o cimo da montanha. Os indios nos serviam de guias sacudiram a cabeça ao ver os vapores sinistros e fizeram-nos comprehender por nada no mundo, avançariam mais um passo. parecer de todos elles, uma violentissima tempes estava para desencadear-se...

As suas previsões não tardaram de facto a zar-se! A um certo momento, a neve começou a des ao longo dos flancos do monte e a envolver-nos seu manto. O ar tornou-se suffocante e, no emtan tão humido que, em poucos minutos, o mecani dos nossos relogios de algibeira cobriu-se de ferru e cessou de funccionar.

O regato, a cujas margens caminhavamos, cheu-se repentinamente, carregando em sua passag troncos de arvores e grandes pedras silicosas! todo instante, relampagos sinistros cortavam nuvens, dando-nos a impressão de estarmos mer lhados numa atmosphera de fogo. O ruido espan do trovão fazia-se ouvir ininterruptamente e repetido e augmentado de mil modos pelos ech

Abrigamo-nos do melhor modo possivel atraz tronco de uma enorme arvore e incumbimos a de nossos guias de descobrir-nos um asylo mais guro. O indio partiu e, pouco depois, guiou-nos direcção a uma gruta. Era tão escura que bast afastar-se alguem apenas um metro da entrada p não vêr mais nada. Emquanto discutiamos a respe dos embaraços da nossa situação, uma especie guinchos e gemidos chegou-nos até os ouvid Wharton e eu, amedrontados, entreolhamo-nos; Lincoln, mais corajoso, precipitou-se para o inter da caverna, seguido por um dos guias que ficara

Não tinhamos dado senão poucos passos, quando ouvimos lançar um brado de surpresa e bem depre voltarem, trazendo cada um, no braço, um peque animal, estranhamente pesado, semelhante a gato. Os olhos eram de uma côr verde escura, e pequenos maxillares estavam já armados de cani formidaveis. Wharton, apenas olhou os animae exclamou: "Louvado seja Deus! Encontramo-nos covil de um..."

Foi interrompido pelo urro dos nossos guias, voltavam apressadamente, desesperadamente, nosso encontro, gritando: "O jaguar! o jaguar!..

Não o fizeram a tempo de entrar na caverna ageis como macacos, treparam por um grosso ced

O antro do jaguar

que se erguia á entrada da mesma. A sensação experimentada no momento foi tão forte, que me tirou toda a coragem e empunhei a espingarda! Wharton, no emtanto, tinha tomado, por sua vez, uma optima decisão!

Proximo da entrada da gruta, já por si mesma estreitissima, encontrava-se internamente uma enorme pedra. Se fosse possivel fazel-a mover-se por um metro mais ou menos, tolher-se-ia á fera toda possibilidade de entrar. Não havia tempo a perder! O animal, entretanto, tinha-se estendido do lado de fóra do antro, obstruindo completamente o ingresso. Não nos vira. Mas fazia bôa guarda.

— Apontemos para a testa — gritou então Wharton, collocando em posição o fuzil.

Juntos, visamos o mesmo ponto, apertamos o gatilho das nossas armas, mas os tiros não partiram.

— Estamos perdidos! — disse Wharton. Nada mais temos a fazer do que reflectir se vale a pena morrer de fome juntamente com os animaes que temos comnosco ou pôr termo immediato aos nossos soffrimentos, deixando penetrar na caverna o monstro que se encontra fóra!

Assim falando, foi collocar-se junto da pedra que fechava a entrada e fixou os olhos nos olhos do jaguar. O pobre Lincoln, louco de medo, lançava baixo mil imprecações. O guia que ficara em nossa companhia tinha corrido para o fundo da caverna, e, Spanhia dizer uma palavra, esforçava-se mysteriosamente por o quer que seja.... Deixamol-o agir sem pedir explicações. Depois de alguns minutos, voltou sorridente. Trazia á mão um pedaço de corda, do qual pendiam as duas pequenas féras. Tinha-as estrangulado! Foi, então, que comprehendemos o que pretendia fazer.

Depois, com um rapido movimento, lançou os dois animaesinhos mortos, através da abertura, e foi tão habil em regular o gesto, que os fez cahir justamente aos pés do jaguar.... A féra deu um salto terrivel e, lançando um rugido surdo, poz-se a examinar os filhotes, dando mostras de uma grande dôr. Naquelle momento, tinha presa nelles toda a sua attenção. De subito, o animal começou a urrar como se tivesse sido ferido de morte e, tomando os filhos na bocca, poz-se a correr desabaladamente, como se estivesse fóra de si.

— E' agora o momento de nos podermos salvar! — gritou Wharton, apertando a mão do guia.

Os indios, que durante todo o tempo em que nos achavamos prisioneiros, encontravam-se trepados na arvore, apenas viram afastar-se a féra, correram em nosso auxilio. Transpuzemos rapidamente a abertura.

— Depressa, senhor! — gritou o chefe dos guias. — Depressa, antes que a féra volte!

Era tempo de facto. Ouviam-se novamente os rugidos do animal cada vez mais ameaçadores e mais proximos! Por felicidade, a tempestade que se tinha aplacado offerecia-nos opportunidade de poder correr desesperadamente em direcção á planicie...

Corriamos assim havia já um quarto de hora, quando um grito agudo, lançado por um dos indios, fez-nos comprehender que a féra estava sobre os nossos passos. Encontravamo-nos neste momento perto de uma ponte de corda suspensa sobre as aguas de uma torrente. Só os indios é que sabem avançar, com pé calmo e ligeiro, sobre pontes de tal genero, que oscillam e tremem a cada passo. Mas, no em-

A CULPA D'"ELLE"

(ANTONIO CANDIO)

EU me chamo Emmanuel Craci — disse elle, um pouco curvo, com uma ligeira expressão commovida no rosto pallido e magro.

— E eu Elena Banfi —; fez ella com um franco sorriso de cordialidade no rostinho moreno e sympathico — mas chame-me simplesmente "Nenê", como me chamavam quando era pequenina...

E o sorriso velou-se rapidamente nos labios vermelhos e sãos, como se uma recordação triste se apresentasse alli, entre os dois, no corredorzinho humido e escuro. Apertaram-se as mãos e elle voltou as costas para enfiar a chave na fechadura da porta do quarto, emquanto ella se afastava, fazendo, ligeira, uma volta para subir os dois lances de escadas que levavam ás aguas furtadas daquelle "casermone". Conheciam-se de comprimentos; elle, porque era gentil; ella, porque sabia que era dever de cortezia responder ao "bom dia" e á "bôa noite", quando o encontro era casual e sem segundos fins.

Ella tinha o pequenino quarto mesmo sobre o delle; e, um pouco, ás vezes, a vida melancolica e apagada de Emmanuel Croci, entre as quatro paredes na penumbra da sua "casa", prendia-se ás pancadinhas dos passos curtos, alli, sobre a sua cabeça, de manhã e de noite; e quando o sol o despertava, e quando o somno tar[da]va a vir. Naquelle dia, tinham se encontrado lado a lado no grande corredor que levava ao pateo e á unica sahida das escadinhas em caracol que iam ter lá em cima, lá em cima, nas aguas furtadas. Ella tinha-lhe sorrido limpidamente, e elle tinha balbuciado as primeiras palavras habituaes, que não são como as estudadas no silencio da espera. E, subindo lentamente as escadas, elle com a respiração um pouco offegante, ella no seu passo agil e juvenil, trocaram algumas palavras, olhando-se com certa timidez, habitual nelle, mas que ella, Nenê, não conhecera até então. E quando se encontrou no seu quarto, elle surprehendeu-se com um leve sorriso nos labios, e sentiu que da porta, naquella tarde, entrara um pequeno raio de luz, timido como elle e percorrera os angulos na penumbra, acabando por morrer entre a mesa e as cadeiras, sob a pequena janella, aberta para o crepusculo pardacento. Porque elle, Emmanuel Croci, passava as suas horas de intimidade, alli, entre os seus poucos livros e as suas pallidas e perdidas esperanças. Não era mais joven, e despedira todas as pequenas illusões havia tempo já, desde quando lhe tinham dito que envelhecia porque os cabellos se lhe tornavam grisalhos nas temporas. Tinha-se limitado a viver entre os registros empoeirados do escriptorio e o seu quarto silencioso, e, de silencio, havia feito a sua pobre vida.

As recordações alegres estavam distantes; elle as afogara na melancolia. Não olhava nunca o calendario; para elle, não existiam mais datas; não possuia dias assignalados de vermelho sobre as folhas apagadas do seu destino, e, muitas vezes, esquecia-se até de dar corda ao relogio, cousa sem importancia, porém, porque o seu corpo, fatigado e um pou[co] [cur]vado, era uma machina e [não] parava nunca. Naquella tarde, alongou a mão para o com[muta]dor da luz: encostado á jan[ella], de chapéo na cabeça, com as [mãos] nos bolsos, contou os prim[eiros] pontos luminosos que se acc[ende]ram aqui e alli, pelas casa[s em] frente, e, com o crepusculo, se[nti]u que se mantinha, na costu[mada] prega amarga dos labios, o sorriso que florescera inesp[erada]mente no angulo da sua [bocca] tristonha.

Dissera-lhe ella: "Cha[me-me] Nenê", e elle, nas trevas [do] somno, chamou-a Nenê". E [,] despertado alta noite, não [pôde] mais dormir. O pequenino [raio] que entrara pela sua porta [che]gava ao leito de ferro e a[lli se] detinha, proximo do coraç[ão] elle estendia-lhe a mão, por[que o] coração batia com força e, [elle] para que "Nenê" não fugisse [de]pressa, rapida como uma pe[quena] illusão.

Mas Nenê não fugiu porque [sou]besse sorrir; mas porque [tinha] sempre emboscada uma so[mbra] em sua vida sem encantos [tam]bem, e sentia, muitas vezes, [as ga]rras apertarem-lhe a alma, e [via a] velha mãe morta de dôr junt[o á] sua culpa. E "elle" tinha o [olhar] da mãe morta; o olhar doc[e, hu]mido, affectuoso; o rosto pal[lido] e a cabeça um pouco curva[da;] não censurava, não reprehe[ndia,] não tinha rasgos de desesp[ero] porque não sabia. E quando [Nenê] offereceu-lhe o seu sorriso tim[ida]mente, com uma voz que tre[mia] como naquelles tempos pass[ados,] não comprehendeu que se ia [col]locar agora alli, na penumbra [dos] angulos do quarto; não com[...]

O antro do jaguar

(Conclusão)

tanto, o instincto de salvação deu-nos a habilidade necessaria!

Lincoln e eu atravessamol-a sem difficuldade, mas Wharton estava ainda no meio della quando o jaguar alcançou-a na corrida. O meu pobre amigo não perdeu o animo e chegou rapidamente á praia. E com a faca de caça cortou as cordas que ligavam a ponte á margem, procurando estabelecer assim uma barreira intransponivel entre nós e o nosso feroz inim[igo]. Mas nem assim! O jaguar deu um salto para ve[ncer] a corrente, mas não conseguiu fazel-o; era mai[or a] distancia. Cahiu nagua; endireitou-se, porém, [promp]tamente, esforçando-se por manter-se sobre as ag[uas]. Os indios, aterrorizados, davam altos gritos, ac[redi]tando que toda a esperança estivesse nesses mes[mos] gritos. Mas Wharton, destemido, visou a féra [de] fronte. E ella, fulminada, abateu-se nas aguas [da] torrente.

J. Mon[...]

SABONETE MISS

EM 8 PERFUMES
QUE DELICIA DE SABONETES!

IRRESISTIVEL...

Certo monarcha, audaz conquistador,
Porque Nadyr ao seu amor fugisse,
reuniu, um dia, os sabios em redor
do seu throno dourado e assim lhes disse:

ROUGE ILLUSÃO

Para labios e faces — Pode comer, beber e tomar banho, que elle resiste a tudo.

"Quem de vós conseguir que ao meu amor
não se esquive Nadyr, flor de meiguice,
terá um premio de real valor..."
— tudo, talvez, que o vencedor pedisse...

CREMOLINO

PROTEGE A CUTIS CONTRA
AS INTEMPERIES

E' um sabio hindú, com a vida consagrada
Aos mysterios do Amor, poude, afinal,
descobrir uma formula encantada.

Não resistiu Nadyr, a divinal,
aos beijos de uma bocca perfumada
pela esplendida PASTA ORIENTAL.

SABONETE LADY

PERFUMA A SUA PELLE, DANDO
AO AMBIENTE UM AROMA DELICIOSO

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto, FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922. Hors Concours. A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

Fabrica — FERREIRA SOUTO & C.

Rua Fonseca Telles, 18 a 30 — RIO DE JANEIRO

hendeu porque elle tinha os cabellos grisalhos, brancos nas temporas, como a mãe. Ella sabia apenas que não podia estar sózinha; tinha medo e ouvia sempre passos no corredor. Elle fixou-lhe os olhos e encheu de estrellas o pequenino céo de sua vida: e correspondia a sua amizade com tal doçura, que lhe trazia um nó á garganta e humedecia-lhe os olhos. Ella dizia não, mas tremiam-lhe as mãos, e nos lábios punha uma expressão de dôr intensa. Elle não fechou mais a porta ao sahir, para que ella pudesse entrar, quando quizesse, e para que, ao tornar ao seu recanto, com o coração a saltar da bocca pela subida das escadas, a encontrasse alli, atarefada a retirar o pó de sobre os moveis e os livros, a pôr em ordem as suas pequeninas cousas. Detinha-se, então, á porta, pallido, ansiado, e esfregava os olhos, e sentia toda a alegria de um sonho que o tinha colhido inesperadamente. E, quando ella se ia, elle abanava a cabeça e repetia tambem: "não, não". Sorria, porém; talvez só agora estivesse vivendo. E no calendario fixou uma data, e nunca mais a esqueceu.

Depois, um dia, quando se encontravam, como sempre, assentados junto á mesa, um em frente do outro, elle, num momento de silencio, estendeu a mão e collocou-a sobre a della, macia e delicada como uma caricia irreal, e disse-lhe: "Quando quizer, poderemos falar seriamente."

Nenê fixou-o com os seus olhos negros, grandes, affectuosos, risonhos: levantou-se, encostou a sua cadeira á delle e respondeu-lhe: Eis-me aqui; diga-me tudo o que quizer, mas sem este rosto de funeral!" E passou-lhe uma das mãos entre os cabellos grisalhos numa leve caricia. E deixou-o falar, e tornou-se quasi seria ás vezes. Depois, fez-se grave, grave, e balançou a cabeça a dizer — não. E quando elle lançou-lhe alli, sobre a mesa, o seu ponto de interrogação com um "Quer?" que era todo um grito de dôr, ella ergueu-se na sua figurinha erecta, florescente, juvenil, e acenou-lhe

A culpa d'"elle"

(Conclusão)

ainda com a mão num gesto negativo. Ella lhe queria bem; sentia que alli, perto daquelle homem, tecera um manto subtil, delicado, cheio de doçura que a envolvia toda. E não desejava que o amigo se fosse, não queria perdel-o. Mas esposal-o, não; porque não devia comprar o silencio da sua culpa com os cabellos grisalhos delle. E não l'ho queria dizer; não; não; Não queria dissipar a meia luz tranquilla, reconfortante, daquella nova vida. Mas então, teria de dizer — sim, — porque elle tinha uma expressão de grande desespero no rosto e ella acreditava vêr nos seus olhos o espanto terrivel dos olhos muito abertos da mamãe morta. E cobriu o rosto com as mãos, e sentindo-se apertada entre os braços delle, chamou em seu auxilio a triste pagina de sua vida. Elle estremeceu, mas não retirou os lábios dos densos anneis de sua cabeça morena. Depois, estendeu o braço, gyrou a chave da luz e curvando-se para a pobre Nenê que não tinha coragem de levantar o rosto, murmurou com uma alegre entonação na voz grave e affectuosa: "E então?"

E porque ella sacudisse obstinadamente a cabeça, proseguiu: "Creança adorada, aqui, neste pallor de vida, ha tambem lugar para as pequenas penumbras da tua vida. Oxalá tu me possas perdoar tambem a minha grave culpa!

E pondo um dedo sobre os labios, rebuscou em suas recordações alguma cousa que pudesse collocar diante de Nenê como o seu grande peccado. Mas a sua vida fôra sempre apagada, sempre uniforme, sem discrepancias, sem desvios, sem tentações; talvez a sua "culpa" tivesse chegado agora, com as apparencias de um sonho: o raio timido de uma pequena fé que brilhava inesperadamente sobre a sua melancolia. E Nenê sorriu, porque sobre o rosto grave delle vira, numa ruga profunda, a sombra de uma culpa, daquella "culpa". E bateu as mãos, gaiata, e nada mais quiz saber.

* * *

A felicidade na penumbra teria tido um pallor de tristeza, e Emmanuel Croci queria viver toda a sua alegria numa tepidez nova de vida. E, por isso, levou tudo o que lhe pertencia lá para cima, para o outro andar, porque havia mais sol e elle precisava de sol, de ar, agora que tinha Nenê.

E Nenê se foi aos poucos persuadindo de que eram iguaes e de que ella podia viver alli com a recordação distante de sua vida, alli, entre os livros do marido, os seus cabellos grisalhos e as suas mãos cansadas. E elle tambem acabou por dar á sua "culpa" um pequeno cofre, e juntou-lhe a intima persuasão de não haver nunca investigado o passado de Nenê, por não ter nenhum direito para tal.

E quando Nenê sorria, respondia-lhe humildemente com a plena doçura dos seus claros e limpidos olhos affectuosos, e sentia que merecera o premio daquella benção porque, na sua vida anterior, expiara talvez, antecipadamente, a sua "culpa", o sonho que trazia encerrado no coração antes que lhe dissessem: "chame-me Nenê, como quando eu era menina", o sonho que talvez agasalhasse nas longas noites de insomnia quando estava sozinho no isolamento do seu quarto de solteiro.

E envelheceu lentamente, sem sombras e sem penumbra: e porque sentisse que lá em cima a alma estaria mais segura no seu vôo para o alto, não quiz mais descer, e recordou as preces de sua primeira infancia, e viu Nenê orar tambem. Quando o sacerdote subiu escadas acima e approximou-se do seu leito, dizendo-lhe "coragem", elle olhou a sua Nenê, triste e assustada no angulo do grande quarto; voltou-se para o padre, fez o signal da cruz e murmurou distinctamente: "devo confessar-lhe uma grave culpa, meu padre", e deteve-se ahi, porque, talvez, não soubesse como continuasse...

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre ...... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000

—

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez. Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso

Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas: 61, Rua Republica do Perú, 63 (Antiga Assembléa)

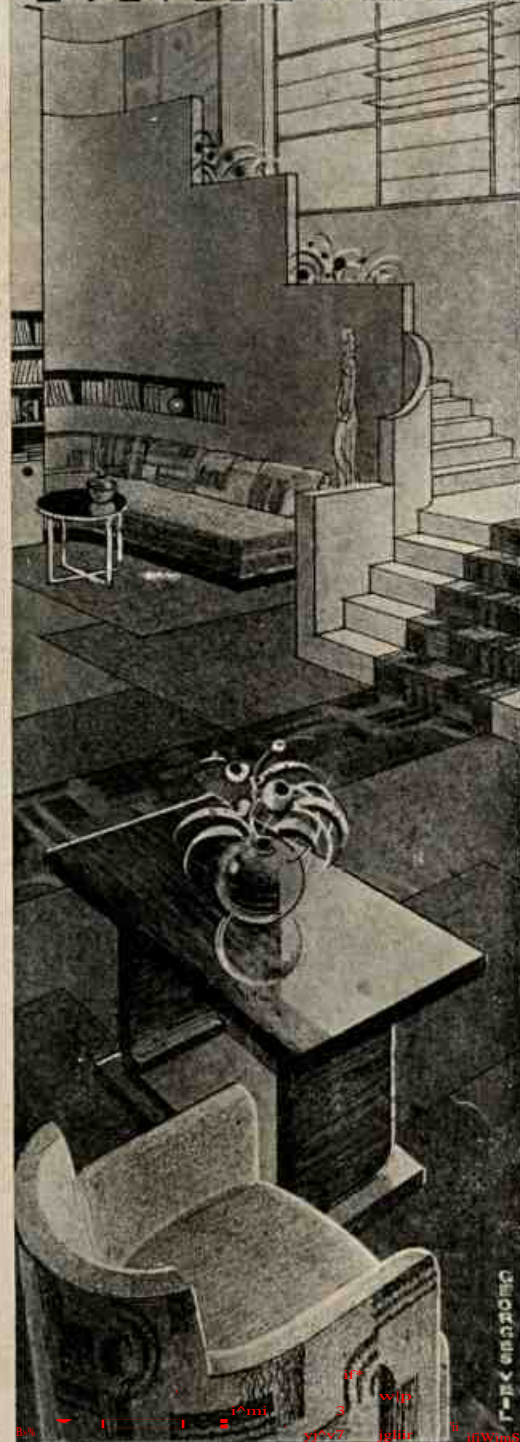
Telephones: Director: 2-0877. — Administração: 2-4180

Caixa Postal [illegible]

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empreza Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

LEANDRO
MARTINS & CIA
DECORADORES
OUVIDOR 93 95

O Corcundinha

CONTO DE
Eugenio Rio

— Quem é essa moça de nariz torcido, que todos os domingos vem aqui á missa?

— E' a Luizita, filha do Procopio boticario.

— Parece uma madama rica.

— Eu não quero conversar aqui na missa, porque padre João, por causa disso, já me deu uma penitencia pesada. A Luizita é assim, porque foi creada com o padrinho, na capital.

— Parece uma actriz de cinema.

— Deus me perdôe, mas é na cidade que se vê mais dessas coisas; nem parece uma moça capaz...

— Me disseram que o filho do Chico da Russa andava arrastando a aza pra ella.

— Elle é besta; a pequena com certeza não ha de querer aquelle ahi...

A campainha, tangida pela mão do "Puxadinho", sacristão, cortára a palavra da beata, e ellas agora batiam os peitos magros, sem olhar a hostia que o padre Simeão elevava.

Luizita, a filha do boticario era um "mocetão". Creada na capital, em casa do padrinho, escandalizára a pacata villa de S. Pedro de Baixo, ostentando as modas e os ademanes das moças elegantes e, como vimos, até na egreja ella, sem querer, perturbava a attenção das velhas beatas.

Quando Luizita sahiu da egreja conversando com o filho do Chico, as beatas se entre-olharam.

— Cruz! T'esconjuro!

— Olhe o vestido della! Está acima do joelho!

— E com aquelle focinho todo pintado... Coitado do Procopio!

Luizita, de facto, achava o Miguel, o filho do Chico da Russa, um rapaz bem apessoado, porém, de uma timidez, de um acanhamento revoltante.

O Manéco era feio, o Tinoco não sabia dar o nó na gravata, o Philadelpho era analphabeto, o Pedróca só falava em cavallos e rodeios de gado.

O filho do professor Mathias estava noivo da filha do juiz de direito, o Sezefredo, que era o "rabequista" do cinema, usava uma cabelleira indecente e parecia tuberculoso.

Havia um rapaz bonito, affavel, instruido, que era o escrevente do juiz de paz.

Chamava-se Honorio.

Mas... era corcunda e o seu defeito era motivo de galhofa para a garotada malcreada do lugar.

Restava o "Puxadinho", sacristão da matriz e a quem ninguem conhecia sinão pela alcunha que lhe haviam posto devido a elle trazer sempre a roupa muito esticada no corpo e andar muito empertigado.

Era um moço com idéas e costumes de velho; sempre a reparar nos outros e a criticar tudo quanto se passava em S. Pedro de Baixo, sempre mettido em casa ou na sacristia, confabulando com as beatas e indagando da vida de todos.

Luizita ficava a olhar para o Honorio com a sua corcunda, para o Miguel com o seu acanhamento e para o "Puxadinho" com o seu ar de *moço-velho*, e lamentava profundamente que o Honorio fosse gibboso.

Elle era tão delicado, tão meigo e tinha o rosto tão bello, que Luizita sentia por elle essa sympathia que a gente tem pelos infelizes disformes, que soffrem o vexame de não ser como os outros.

Apesar de Miguel aborrecel-a com a sua timidez, ella, na falta de outro, ia se contentando com elle. Preferia mesmo a sua conversação banal e monotona á loquacidade conselheiral do "Puxadinho".

Este, sempre que conversava com a filha do pharmaceutico, procurava rodear a palestra e tocava nos pontos em que melindrava Luizita:

— As moças modernas são verdadeiros perigos. O cinema tem destruido o maior dos predicados da mulher: o pejo!

Hoje, mais do que nunca, Santo Agostinho poderia dizer que a mulher é a "iniquitas via", a "caput scorpio"! Não se comprehende que as moças sensatas exhibam tão indecorosamente os seus dotes plasticos.

A moral é a pedra angular do edificio da sociedade. A mulher é o anjo do lar e não se poderá suppôr um anjo com os labios pintados e as pernas de fóra!

Deante disso, Luizita aborrecia profundamente o sacristão.

As idéas da menina eram justamente oppostas ás do "Puxadinho"; para ella, a maior das glorias seria poder embarcar para Hollywood ou para Los Angeles e apparecer na tela ao lado de Novarro, de Barrymore ou de outros astros do cinema. Achava-se capaz de hombrear em belleza com Grethe Nissen, Joan Crawford e outras tantas "stars".

Por isso ia se consolando com o Miguel; esse, ao menos, vestia-se com alguma elegancia, tinha roupas bôas e usava aos domingos um perfume acceitavel.

Um bello dia, appareceu, em S. Pedro de Baixo, uma pequena companhia theatral.

Installou-se e começou a dar espectaculos.

Luizita foi e gostou.

Os "dramalhões" e as comedias representadas eram, ao que parecia, escolhidas para o pessoal de S. Pedro de Baixo.

Apesar disso, Luizita não perdia um espectaculo.

Seria que as peças e a interpretação dos artistas lhe agradassem? Não; apenas o "canastrão" que fazia o galã era muito parecido com o fallecido Rodolpho Valentino.

Luizita chegou a sonhar que estava com elle na Norte America, deante do "camera man" que os focalizou.

(Segue adeante)

O CORCUNDINHA

(Continuação)

A companhia permaneceu quinze dias em S. Pedro. Uma bella manhã, partiu com destino ignorado.

Pela volta do dia, quem chegasse á pacata villa de S. Pedro de Baixo, notaria que algo de anormal

Grupos, pelas portas e pelos cantos das ruas, com se passava.

fabulavam, commentavam com grandes gestos qualquer coisa de grave.

A' porta da sacristia, o "Puxadinho", cercado de velhas beatas e na frente de padre Simeão, dizia:

— Depois digam-me si tenho ou não razão! A moral é a base, o resto são historias!

Padre Simeão sacudia a cabeça, confirmando.

— Olhe, seu "Puxadinho", outro dia, eu e comadre Martinha "conversemos" a este respeito e tambem "achemos" que aquella moça, com aquelle geitão de madama franceza, só podia era dar desgosto a seu Precopio.

— Por força; onde já se viu moça de familia, com religião e proposito, andar com os beiços e com a cara toda sarapintada e com umas roupas indecentes daquellas?

— Era isso mesmo que seu Procopio tinha que esperar.

Em toda a villa fervilhavam os commentarios; parecia que até o trabalho e a vida tinham parado por completo para que os habitantes pudessem, á vontade dar largas á sua indignação.

Luizita fugira de casa e todo mundo affirmava que o Valentino de fancaria fôra quem carregára com ella.

O corcundinha Honorio era talvez o unico dos habitantes de S. Pedro de Baixo que não se metteu nas conversações; cabisbaixo e triste, passava e repassava pelo meio dos grupos, parecendo alheio a tudo quanto occorria.

— A fuga da Luizita parece que lhe deu no miolo — disse um velhote.

Ao passo que Honorio assim procedia, o Miguel despeitado e enciumado, vingava-se em affirmar que Luizita era uma moça por demais leviana e até perigosa. Nas reticencias que fazia, Miguel deixava margem para fazer-se contra Luizita um formidavel libello.

Oito, quinze dias, um mez, tres mezes se passaram e a villa de S. Pedro de Baixo retomava a sua vida

Uma bella noite, Honorio, o corcunda, preparava-se para se recolher ao leito, quando sentiu baterem na sua porta.

Honorio vivia solitario; durante o dia, uma preta velha vinha arrumar-lhe a casa e fazer as refeições e á tardinha, após o jantar, se retirava.

Ouvindo bater á porta, Honorio ficou admirado: quem poderia procural-o áquella hora?

Abriu a porta e entreviu na sombra a fórma de um corpo de mulher.

— Que deseja? —

— Quero lhe falar; por favor, deixe-me entrar; poderiam reconhecer-me...

Céus! Era Luizita!

Honorio, sem uma palavra, deixou que ella entrasse e quedou-se deante della, sem saber o que dizer. Foi ella quem falou, sem fazer uma pausa, o peito sacudido pelos soluços, os olhos vermelhos brotando lagrimas:

— Perdão, seu Honorio; eu vim perturbar a sua vida, mas sou uma desgraçada. Fugi com aquelle homem em um momento de loucura, fascinada por elle, que promettera fazer-me feliz. Esqueci tudo, foi uma vertigem terrivel, e agora, agora, eis-me aqui, abandonada, sem saber o que fazer de mim, temendo voltar á casa de meu pae, tremendo deante dos olhares da gente da villa... Tenha misericordia de mim, proteja-me, aconselhe-me, diga o que deverei fazer...

O corcunda olhava-a, ouvindo-a, e uma profunda ruga lhe cavava a fronte.

— D. Luizita...

— Não, seu Honorio; não faça como os outros, não me lance em face o meu erro; tenha piedade de mim!

O rapaz sentiu que duas lagrimas iam correr dos seus olhos, percebeu que Luizita não via, em S. Pedro, ninguem capaz de acolhel-a sinão elle e, torcendo as mãos, enleiado, commovido, disse, titubeando:

— Si eu não fosse um pobre disforme, ridiculo e abandonado, si não fosse o disparate da idéa, eu diria que a senhora... Sim, si a senhora quizesse... acceitasse...

— Não, seu Honorio, não diga isso; sou uma mulher indigna de um homem limpo...

— Não fosse o meu defeito... eu teria um nome honrado pelo trabalho, um coração amigo para lhe dar.

Ella ergueu-se, com a face transmudada pela admiração, aos saltos:

— Oh!... Honorio!

Com os olhos no chão, tremulo e envergonhado como si tivesse praticado uma feia acção, o corcundinha torcia a ponta da aba do casaco.

Luizita olhava aquella figura de gibboso que lhe offerecia a salvação e promettia-lhe um nome, e via-o grande, digno, bom, capaz de ser um verdadeiro marido, um excellente amigo!

Olhava-o admirada, quando elle, procurando ouvir uma resposta, ergueu para ella os olhos azues, mei

(Segue adeante)

O CORCUNDINHA

(Conclusão)

gos e melancolicos, cheios de ternura e bondade.

Esse olhar delle fêl-a decidir e ella lançou os magos em torno do pescoço curto do corcunda, abraçando-o e cobrindo-lhe o rosto de beijos orvalhados de lagrimas.

.. ..

Depois que padre Simeão, acolytado pelo "Puxadinho", proferiu o "conjugo vobis", Luizita e Honorio sahiram da egreja, recebendo os parabens das pessôas que encontravam pelo caminho.

A' porta da egreja, um pequeno grupo de beatas e desoccupados, chefiados pelo "Puxadinho", conversava:

— Está ahi no que deu a "sapequice" dessa maluca! Casar-se com o aleijão do Honorio!

— E' que ninguem a queria.

— Nada disso; ella ouviu dizer que elle está estudando pr'a doutor, para ser juiz de direito.

— Sem vergonha! —

— E elle? Com aquella mala ás costas e aquella cara de santinho! Bem merecia uma surra de pau!

— O que lhe valeu foi ser corcunda e ter reparado a vergonha que fez...

Então, o "Puxadinho", esticando a frente do casaco, sentenciou:

— Deus, quando o marcou, algum defeito lhe encontrou!

Precaução...

NO Rio é assim...

Mal os rapazes começam a ficar homens, adquirem immediatamente uma infinidade de pequenas. E' mal da terra. Parece uma influencia da natureza...

E é por isso que se explica a precaução desses rapazes em reconhecer um casal que passa por perto, num animado salão de dança ou numa hora de "footing" num bairro chic qualquer. E' que elles têm medo que aquella pequena já tenha sido sua...

Para não me chamarem de mentiroso, eu vou contar o caso de um amigo meu, um cidadão que

A ENFERMA E O MEDICO

A viuva, muito compungida, entrou no consultorio do medico. Esperou a sua vez. Quando esta chegou, ella si dirigiu ao clinico com esta revelação alarmante:

— Estou muito mal.

— Que sente a senhora?

— Tudo.

— Tudo, como?

— Imagine, doutor, que não durmo. E quando durmo, a minha fraqueza é tal, que vejo o meu marido, como si elle estivesse vivo.

— Então, a senhora vae ter a bondade de lembrar ao espirito delle que me deve cem mil reis.

A viuva desmaiou.

De Dante Alves Barboza

tem o nome pomposo de Raul de Mendes Moura. Elle é moreno, alto, elegante, intelligente. Trabalha como escripturario numa estrada de ferro, e tem pretenções a poeta.

Esse rapaz, que deve ter seus vinte annos, depois de varias reviravoltas complicadas, e difficeis de contar, se apaixonou por uma mocinha agradavel, bonita mesmo. Até ahi nada de mais. Mas elle foi pouco habil: casou-se...

Era da gente ficar de bocca aberta, quando os dois passavam para o cinema ou para a cidade, sempre bem juntos, bem agarradinhos, segredando maluquices e doidos para voltar para casa...

E assim passaram os seis primeiros mezes.

Que delicioso semestre!

Mas... (lá vem o infallivel mas!) o brasileiro é uma victima da sabedoria popular e a sabedoria popular diz que não ha bem que sempre dure...

Separaram-se.

Elle, mal se viu livre, mandou fazer ternos novos, deixou crescer um bigodinho e, até (incrivel!) mudou de andar. E anda correndo pelas ruas, alegre, satisfeito, como si tivesse fugido de alguma coisa tenebrosa, terrivel...

Ella, solteira, oxygenou os cabellos, que já os tinha cortado á "ventania", começou a usar um "baton" mais forte e uns vestidos de ponta lambendo o chão...

Agora, os dois fazem o "footing" na avenida. Todos os sabbados. Encontram-se. Cruzam olhares. E... fazem um innocente "flirt", sem se lembrar das coisas já passadas...

Elle não está arrependido por se ter separado. Não. Mas é que, aqui no Rio, é assim: mal os rapazes começam a ficar homens, adquirem immediatamente uma infinidade de pequenas...

E' perigoso a gente deixar uma livre...

— Precaução...

OS MENINOS TERRIVEIS

Os meninos terriveis não são apenas aquelles que nos fazem perguntas desconcertantes. São tambem os que nos dão respostas capazes de desconcertar a mais firme compostura.

Nesses casos está o Robertinho.

Na escola, o professor perguntou-lhe:

— Vamos, Robertinho, podes dizer-me o nome de um animal raro da Australia?

— Sim, senhor.

— Qual é elle?

— O elephante.

— Mas si o elephante não se encontra na Australia.

E Robertinho, sem perder a calma:

— Por isso mesmo é que elle é raro.

Vale a pena pensar:

"A mocidade é como a Lotus: floresce apenas uma vez."

A mocidade é uma só - e esta mesmo póde ser abreviada pelos estragos da saude.

Defender a saude é prolongar a propria mocidade, é dar ao corpo uma graça duradoura que resiste até á velhice.

A fonte perenne de conservação para o sexo feminino em todas as phases da vida é

"A SAUDE DA MULHER"

Favorece as Mocinhas,

porque normalisa o apparecimento das regras, tonificando o Utero e os Ovarios nessa edade perigosa em que taes orgãos, ainda fracos, são facilmente attingidos por grandes perturbações.

Favorece as Senhoras,

porque as conserva jovens, preservando-as de soffrimentos que as fazem envelhecer mais depressa, taes como Flores-Brancas, Faltas de Regras, Regras Demasiadas, Regras Dolorosas.

Favorece as Senhoras mais edosas,

porque combate todos os males da Edade Critica, principalmente o Rheumatismo e as Colicas Uterinas.

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 27

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1930

A FLOR DO MANACÁ

FOI através da prosa limpida do sr. Agrippino Grieco que travei conhecimento com esse admiravel sarcasta que foi o artista Gavarni.

E' delle — affirma o critico literario — esta legenda luminosa:

"Axioma de um avarento:

— A caridade é um prazer de que nos devemos privar, ainda que com tristeza."

Comprehende-se que esse possa ser o raciocinio de um avarento. De um Harpagão. De um Shylock. De um Père Goriot. De um judeu sem entranhas. Mas nunca o de um christão. De uma alma formada na doutrina daquelle que multiplicou os pães e transformou a agua em vinho, nas bodas de Cananea.

Para os fieis de Christo — aquelle que ensinou a religião da caridade e do amor — fazer o bem deve ser um prazer, porque deixa em paz o nosso coração — o coração e o espirito — pela consciencia do que se fez de util ao nosso proximo.

Modificando os termos do axioma de Gavarni, o que me occorre é esta formula clara: "A caridade é um prazer da nossa consciencia; e delle não nos devemos privar, ainda que com grande sacrificio."

E, certamente, é assim que devem pensar as damas illustres, promotoras desses movimentos de benemerencia em favor dos deshendados da sorte, que só têm mesmo a amparal-os a caridade das ruas.

E' assim que devem pensar e sentir as eminentes patricias que patrocinam o "dia da flor do manacá," em beneficio dessa util e benemerita instituição, que é a Pro-Matre do Rio de Janeiro.

Por uma coincidencia notavel, o manacá é, segundo dizem, uma flor volavel como o coração das mulheres: pela manhã, ella é rôxa; á noite, faz-se branca. Mas os espiritos fantasistas hão de encontrar nessa versatilidade um symbolismo formoso: rôxa, representa a dôr das mães desgraçadas; branca, — as almas puras das creancinhas que nascem...

BASTOS PORTELA

Nos lindos salões do Automovel Club do Brasil realizou-se, no sabbado passado, o jantar-dançante que aquelle elegante «cercle» offereceu ás embaixadas do IV Congresso Pan-Americano de Architectos. São alguns aspectos dessa reunião que offerecemos nas gravuras desta pagina, vendo-se na do alto o dr. Nelson Pinto e outros directores do Automovel Club, em companhia de alguns congressistas e diplomatas.

[illegible]

Houve tempo em Roma em que os individuos de importancia que cortejavam o favor da plebe se faziam acompanhar por serviçaes denominados nomenclado-res. Estes conheciam todos os cidadãos pelos seus nomes e appellidos, e os sopravam ao ouvido do amo, que os repetia, saudando-os, de maneira a deixar-lhes no animo a impressão de que pessoalmente os conhecia.

Si esse uso ainda subsistisse, palavra, que ia arranjar um nomenclador para mim, porque um dos meus mais graves defeitos é o de esquecer o nome de todos quantos me são apresentados, quando os não troco por outros, o que é, sem duvida, muito peor...

O sr. embaixador da Argentina offereceu, sabbado ultimo, na séde da embaixada de seu paiz, uma recepção aos delegados do IV Congresso Pan-Americano de Architectos. Foi um acontecimento brilhante, não só pelo seu caracter diplomatico, mas ainda pelo seu cunho de elegancia e fina distincção. O sr. Mora y Araujo fez projectar varios films da actualidade argentina, em homenagem aos membros do Congresso.

O encarregado de negocios do Chile, dr. Leoncio Larraín, reuniu, domingo passado, na séde da embaixada de seu paiz, vários delegados estrangeiros ao Congresso de Architectos, que acaba de se reunir nesta capital, aos quaes offereceu um almoço de cordialidade pan-americana.

O sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello homenageou os representantes estrangeiros no Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos, offerecendo-lhes um banquete, que se realizou na penultima quarta-feira, com a presença dos congressistas e de varias autoridades brasileiras.

Madame Sérgio Silva, esposa do sr. Sérgio Silva, director do FON-FON, e nosso prezado amigo, reuniu, domingo passado, em sua residencia, em Copacabana, as suas relações mais intimas para, numa festa sem apparato, mas de grande expressão social, alli enthronizar a imagem do Sagrado Coração de Jesus, tendo officiado na cerimonia o revmo. padre dr. Henrique Magalhães, illustre orador sacro, que fez uma linda pratica allusiva ao tocante acto religioso. No grupo que illustra esta pagina vê-se madame Sérgio Silva entre as suas convidadas, pouco antes da solennidade.

ESTRELLAS AO MEIO DIA

Como toda a gente vê as estrellas de noite e ellas de dia se escondem, o meu maior desejo é justamente vêl-as á luz do sol. Porque gosto de ser differente.

Como avistal-as, porem? Talvez só me approximando dellas. Para isso preciso chegar mais perto do céo. Ando com esse fito, ha muito tempo, trabalhosamente construindo uma alta escada. Pertinaz, constante, teimoso, dia a dia ajunto-lhe um degráu.

Um amigo, homem muito pratico nas coisas da vida, viu-me trabalhando, sorriu e aconselhou-me:

— Assim, nunca verás estrellas ao meio dia. Para vêl-as, é necessario que desças ao fundo dum poço até sentires nos pés a frialdade da agua ou da lama.

E decretou:

— De lá, em pleno dia, como é sabido, avistarás as estrellas.

Continuei a construir a escada...

A dor que se não conta...

Oscar Wilde nos fala de um pescador que, ao retornar do alto mar, assegurava aos seus intimos ter visto sereias fascinantes, á flor das ondas fragorosas. Um dia, elle encontrou de facto uma dellas. E quando lhe perguntaram si não tinha visto, naquella tarde, os sêres fabulosos, o pescador baixou a cabeça, e respondeu negativamente.

Isso é na legenda. Mas na vida as coisas se passam do mesmo modo.

Reparem, meus senhores.

Nós, os homens da penna, — que temos a obrigação de escrever para o publico — somos como o pescador wildeano.

A' falta de assumpto, engendramos sempre uma historia de amor, um romance, um episodio, uma fantasia qualquer em que appareçamos como victima. Queixamo-nos do amor. Da creatura ingrata. Da sua volubilidade. E, assim, embriagados com a nossa dôr imaginaria, traçamos o enredo de uma novella, num colorido tão forte, tão nitido, que toda gente se enternece, sentindo que alli está uma narina da sua vida, penalizada do nosso infortunio sentimental.

E por traz daquellas imagens, daquellas phrases, daquellas palavras, da tessitura daquelle drama (ou comedia?) sorrimos satisfeitos com o milagre da nossa ficção. Os senhores, — que estão desprevenidos — acceitam tudo como si não tivessemos creado aquellas scenas, aquella "acção" e aquella côr local...

O nosso contentamento é explicavel. Porque toda vez que conseguimos esse effeito, *ipso facto* provamos a nossa energia creacional, a nossa força imaginativa, os nossos sentimentos estheticos... A nossa arte, emfim!

Pois não é Anatole France quem diz: "L'art n'a pas la vérité pour objet"?

Mas, voltando á lenda do pescador de Oscar Wilde. Nós somos como elle. Exactamente.

Quando estamos fenzes, escrevemos elegias, coisas sombrias, falamos de uma dor que não sentimos, de um amor que está vivo e radioso, mas que attestamos estar morto... Lemos versos tristes...

¡Hoy he roto las cartas
donde en lejanos días
en tono voluptuoso me
hablabas de tu ardor...

. . . .

Lemos e escrevemos as paginas mais dolorosas da literatura... Mas quando, de facto, nós soffremos, e o coração se torce no horror das amarguras caladas, insanas e impotentes — todos nós ficamos silenciosos. A's vezes, ha até quem sorria... Ou baixe a cabeça num mutismo de morte como o pescador de Wilde.

Os senhores, sem duvida, já comprehenderam porque escrevi esta chroniqueta...

Mlle. Luiza Sampaio de Lacerda, medalha de ouro, do Instituto Nacional de Musica, dará o seu primeiro recital de canto, no salão nobre daquelle Instituto, no dia 16 do corrente.

O relativismo das palavras

— Morreu o meu enthusiasmo. Dahi esse meu ar indifferente.

— Que diz?

— E' isso mesmo.

— Nesse caso, você já não me ama? — alarmou-se a pequena boneca hespanhola, que Paulo julgava poder um dia transformar numa creatura feita para o amor.

— Não. E' preciso que você interprete bem as minhas palavras, minha formosa Helena. Que bem podia ser a de Páris.

— Obrigada. Mas que quer você dizer com taes rodeios?

— Rodeios, não. Sou claro e simples. E' você que me não quer comprehender.

— Então fale. Ouvil-o-ei com attenção.

Sentou-se deante de Paulo, a mão branca e fina apoiando o rosto redondo, guarnecido de cachimbos, como a de certos anjos de lithographias sagradas. Paulo pigarreou.

— Sim, Helena, eu não deixo de querel-a, como se diz no bello tango argentino: "Yo te quiero"...

— Vamos. Não faça *blague*. Estou anciosa...

— Eu gosto de você. Mas sem aquelle enthusiasmo. Julguei que você fosse differente das outras. Intelligente, sentimental, despida de certos preconceitos, suppuz que você não fosse como as outras.... Sim, essas outras... essas que...

— Diga, diga tudo. Não meça as palavras...

Faianças

(Conclusão)

— Como as outras melindrosas...

Helena exaltou-se.

— Melindrosas? Então, sou como as *outras?* Isso é forte. E' quasi uma aggressão.

— Paciencia. Mas você não revelou nenhuma differenciação... Promettia viver um romance cheio de encanto e alegria discreta, em cujo scenario só se movessem dois personagens — eu e você — na certeza de que uma felicidade póde ser repartida entre dois; nunca entre tres, e, no emtanto...

— Conclúa — impacientou-se Helena.

— ... e, no emtanto, você traiu a minha confiança, deixando ver que o seu pensamento podia estar, indifferentemente, commigo e com outros.

A senhorita Laura Suarez, que é um espirito encantador e uma «virtuose» do violão, possue uma voz cheia de frescura e colorido. Esses dotes fizeram da sua figurinha graciosa um dos ornamentos mais admirados nos salões cariocas. Por isso mesmo, é de esperar que o theatro Casino, onde a senhorita Laura Suarez realiza hoje o seu recital de violão, ás 17 horas, apanhe uma enchente magnifica.

Helena empallideceu:

— E' isso uma allusão?

— E' uma accusação directa, corajosa e razoavel.

— Mas...

— Não contrarie. Você não é mais a mesma. Ha na sua vida um outro homem. Si não ha, é possivel que esteja prestes a entrar para ella. E sentenciou:

— Quando uma mulher se despreoccupa do homem a quem ama para reparar em outro — em outro que possue uma baratinha — é porque está a caminho de um interesse que não é só o amor puro de um poeta.

— E só por essa suspeita é capaz de arrefecer no seu enthusiasmo por mim?

— As palavras têm um sentido relativo. Uma suspeita — para uns — bem póde ser a constatação de uma verdade — para outros.

O commandante e officialidade do cruzador inglez «Delhi», actualmente no porto desta capital, foram, segunda-feira ultima, cordialmente homenageados pelo sr. ministro da Marinha, almirante Pinto da Luz, que lhes offereceu um almoço, no Club Naval.

JARDIM ABERTO

D. Jayme

Tostes Malta não é só aquelle poeta de sensibilidade fina e de arte galante de «D. Melindrosa», poema encantador, onde elle fixa a alma frivola e o espirito ainda mais frivolo dessas bonequinhas de carne branca e perfumada. Bacharel em direito, elle cultiva as letras juridicas com acendrado carinho, em homenagem a Themis. E é assim que elle — num perfeito contraste com a sua arte de sonho — nos dá agora um livro solido e grave: «Do Flagrante Delicto», no qual estuda a materia na sua expressão mais ampla e proveitosa.

O general João Gomes Ribeiro, cujo retrato acaba de ser inaugurado, em expressiva solennidade, na galeria dos presidentes do Club Militar, é um dos nossos cabos de guerra mais justamente queridos e admirados no seio de sua classe, onde se impoz pela sua intelligencia, cultura, patriotismo e amor á carreira que tão superiormente tem sabido exaltar e dignificar. Eleito, pela segunda vez, para a suprema gestão do Club Militar, o general João Gomes Ribeiro teve, nesse espontaneo suffragio do seu illustre nome, mais uma confirmação feliz de quanto o estimam e consideram os seus companheiros de armas e de ideal.

Francisco Alexandre acaba de enriquecer as letras nacionaes com uma obra de real merecimento. E' uma contribuição de valor e do mais palpitante interesse, especialmente para os alumnos dos cursos juridicos, na qual o publicista trata o assumpto com erudição através do seu estylo claro e elegante. Em «Estudos de Legislação Social», o autor, depois de longa apreciação sobre o problema do trabalho em face das escolas economicas, a evolução do seu conceito social através dos tempos, estuda as diversas escolas do socialismo e, finalmente, occupa-se, da maneira mais completa, da legislação social no Brasil, acompanhando o seu evoluir desde a sua agitação até o momento actual.

A Rainha da Praia

A manhã é luminosa e quente, alegre e movimentada. Na longa e aurea fita recurva da praia, o beijo esmeraldino do mar franja-se de espumas de prata. E por toda a parte vão e vêm, andam, correm e pulam, nadam ou praticam esportes, os corpos semi-nús de homens e mulheres. As formas esbeltas perfilam-se na claridade intensa. Copacabana é como um gymnasio ao ar livre, um immenso gymnasio delicioso. Vida. Saude. Dynamismo.

Como um convalescente de enfermidade longa, eu respiro amplamente o ar sadio, o sol glorioso, a visão esplendida da praia, respiro pelos pulmões, pelo corpo todo, pelos olhos. Sobretudo pelos olhos. Porque estes respiram a luz magnifica, a harmonia das formas femininas, a belleza dos rostos claros sob as toucas de côres vivas — turquezas, esmeraldas, saphyras das pupillas, coraes e rubis dos labios, porcelanas das faces...

Toda uma festa na linda curva de areia que vae do Leme á Igrejinha, festa de luz e côres, de joias e encantos, no grande banho das aguas verdes e do sol. Na luminosidade casta e quente da manhã, como um bando de naiades alviçareiras, as figuras femininas pisam o areal claro e rasgam o mar tranquillo. Ao longe, na toalha achamalotada das ondas, as cabeças dos nadadores boiam como reticencias...

E eis tu que surges, Rainha da Praia, com a magestade das tuas formas brancas, para o gôzo sem par dos meus olhos cansados.

A Academia Brasileira de Letras, commemorando o 13.º anniversario da morte de Francisco Alves, realizou uma sessão solenne, em homenagem á memoria do seu bemfeitor. Sob a presidencia do nosso eminente companheiro, dr. Gustavo Barrozo, foi feita a distribuição dos premios aos laureados nos concursos literarios de 1929. Na gravura acima apparecem, além dos laureados presentes, os academicos Gustavo Barrozo, Adelmar Tavares, Olegario Mariano, Luiz Carlos, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, Fernando de Magalhães, Silva Ramos, Ramiz Galvão e Laudelino Freire.

O dr. Alvaro Cumplido de Santanna, novo membro da Academia Nacional de Medicina, tomou posse da cadeira para a qual foi eleito, na quinta-feira da semana passada. O prof. Miguel Couto — como se vê no recorte photographico acima — fez entrega do emblema daquella douta aggremiação ao dr. Cumplido de Santanna, que também apparece em baixo.

GARÔA.

Véla em alto mar...

DURANTE mais de meia hora os meus olhos a seguiram...

Era pequena e muito clara. E foi ficando cada vez mais pequenina e cada vez mais clara, até sumir-se de todo na distancia infinita, envolta em brumas como todas as coisas que a gente nunca mais ha de ver...

A boina negra do pescador revelava que a embarcação vinha da terra de "los toros" e dos "cia-velos rojos"... E ha muitas horas que nos afastamos da costa hespanhola, vogando rumo ao golfo de Biscaya.

Mas a pequena véla ficou dentro dos meus olhos, como um grande lenço branco, que alguem tivesse vindo acenar sobre as aguas do oceano. Um lenço branco dizendo-me mais uma vez adeus. E eu fiquei olhando-a com os olhos cançados de descortinar, no horizonte vazio, um ponto luminoso que busco em vão, porque ha muito tempo o destino o tirou da minha vida.

Fiquei olhando-a, emquanto o meu coração, na sua linguagem muda, dizia toda a sua angustia e a sua immensa dôr.

Véla pequenina, nesse grande vácuo, cheio de ondas e soluços, és como minha alma, neste mundo tão grande e cheio de gente...

Estás só, como eu estou só.

Tu vaes, levada pelo vento, guiada pelo teu dono em busca da bôa sorte, que talvez alcances, algum dia... Minha alma segue tambem, levada pela vida, guiada pelo destino, em busca de um bem que não existe... Pequenina véla soldaria!

Como uma grande e linda illusão, surgiste de repente, vinda não sei de onde, muito clara, doirada pelo sol, sobre o mar muito azul, onde a tua sombra esguia vae escrevendo o poema eterno da gente do mar, poema nostalgico e triste como o soluçar das suas vagas... Pequena véla em alto mar!

Era como tu a linda illusão que eu perdi lá, longe, onde termina o oceano, onde o horizonte cerra a sua cortina, feita de brumas e de saudades!

Lá, numa terra bonita, mais bonita que todas as terras e mais generosa, porque me deu essa illusão clara e linda como tu, pequenina véla, que a distancia levou para longe dos meus olhos!

Mas tu voltarás para essa terra que te viu partir, guiada por esse pescador moreno, que desafia as perfidias do mar e te protege como a uma noiva, contra uma possivel tormenta.

E minha alma vaga sózinha, no mar traiçoeiro da incerteza, vae sem destino certo, sem um braço forte que a proteja, sem um coração amigo que a console...

Não, pequenina véla, minha alma não é como tu, clara e linda, singrando o mar azul, confiante e ousada em busca da bôa sorte.

Não. Ella é o fragmento de um mastro esphacelado, que a maior das tormentas — a vida — atirou no oceano maldito da descrença e da amargura. Minha alma não crê, nem confia.

E quem não crê, não espera. E' tão lindo esperar, véla pequenina!

Esperar como tu, que voltará em breve para a terra das touradas e dos cravos vermelhos, essa terra onde os homens são morenos e fortes e as mulheres trazem punhaes nas ligas... e nos olhos.

E' tão lindo esperar!

Esperar alguma coisa, nem que seja a morte, a unica que não mente, porque não conhece nenhum idioma, porque, num gesto de suprema caridade para com as creaturas, o eterno poderoso lhe negou a eterna hypocrisia da palavra...

E porque ella não mente, nem engana, é talvez a unica que a gente nunca espera, a unica que não deixa jamais uma saudade...

Véla pequenina! Como eu me pareço com a morte! Muito mais do que comtigo...

COLOMBINA.

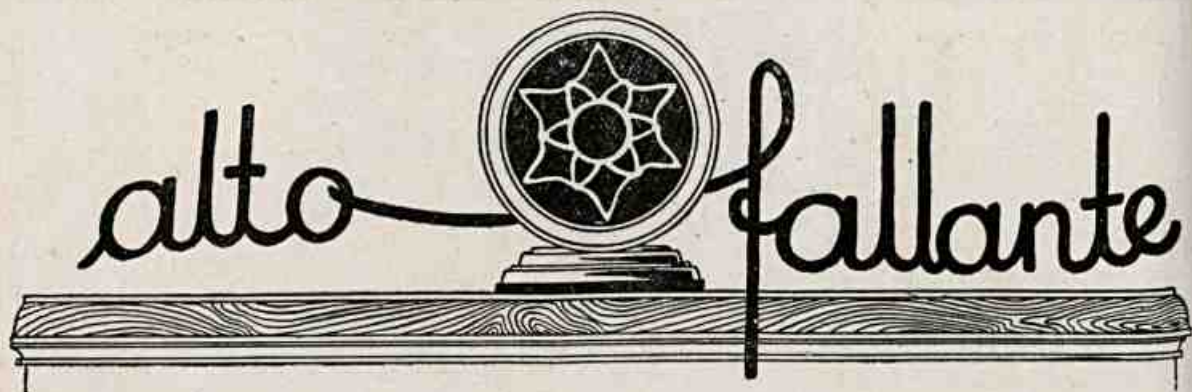
TIVE, hoje, sob o sol doce da tarde de Junho, doirada e alegre, o meu primeiro contacto com o espaço. Devo essa nova e amavel sensação ao meu amigo Paulo Einhorn, representante do trafego da "Nyrba", que me convidou, gentilmente, para um passeio aereo no luxuoso e confortavel avião "São Paulo", daquella companhia. O apparelho levou-me, com outros collegas, para as alturas, depois de riscar as aguas como um grande passaro vertiginoso que molhasse as azas antes de voar... E, emquanto subia, sereno, eu ia olhando o mar, que ficava em baixo, verde e calmo como um tapete limpo de esmeralda luminosa. E sentia, na vertigem da ascensão, o deslumbramento da minha propria temeridade de homem affrontando a insegurança do azul, num [illegible] de curiosidade e de receio. O avião subia cada vez mais e cada vez mais se afastava do mar, humilhado e vencido pelos meus olhos distantes.

Depois, já a mil metros da terra, voavamos sobre Nictheroy, vendo longe a cidade de Araribóia fulgindo, radiosa, no esplendor da tarde cheia de sol. Ali estava a esteira de prata da praia de Icarahy, branca de espuma e de areia, com as suas ondas desmanchando-se perto do céo. O Sacco de São Francisco, mais adeante, tambem rutilava sob o céo [illegible], com a sua praia côr de luar e a sua floresta côr de esperança... Dois minutos depois, estavamos longe da praia de Icarahy e do Sacco de São Francisco. Voando sobre a enseada de São Lourenço e sobre o Nictheroy industrial do conde de Pereira Carneiro e do sr. Henrique Lage. Lá apparecia a ilha do Cajú, dilacerada pelo progresso e pela actividade do homem moderno...

Mas, o apparelho não nos deu tempo de apreciar o resto daquella parte da capital fluminense e nos trouxe, vertiginosamente, com a sua velocidade de quasi 180 milhas, para a cidade de Estacio de Sá, que se dilatava na imponencia do Pão do Assucar e do Corcovado e parecia diluir-se toda nas roupagens doiradas com que o sol a vestia. Botafogo, Copacabana, Ipanema iam sumindo e passando minúsculos, lá em baixo, e nós os contemplávamos, do alto, com o orgulho que devem ter os condores quando olham, do seu dominio azul, as coisas e as bellezas da terra. Copacabana é mais linda de perto. De uma distancia que nos permitta vermos a sua praia clara salpicada de ondas brancas e de sorrisos polychromicos... De cima, de longe, ella é quasi feia, porque sem o encanto das mulheres... Confesso que tive uma grande, uma infinita decepção quando vi, na tarde alegre de bordo do "São Paulo", a quieta melancolia de Copacabana, banhada pelo sol de junho.

Descemos um pouco e deixámos Copacabana. O avião nos trouxe para o centro urbano, cujos edificios, de telhados sangrentos, pareciam desafiar o espaço, que os olhava com desprezo. A Avenida Rio Branco era uma longa fita negra na cabeça loira da cidade. Devia estar cheia. Cheia de gente e de automoveis. A sua gente e os seus automoveis das tardes claras de sabbado. Mas nós não viamos nada, porque voavamos a uma altura de oitocentos metros.

Os novos jardins da Gloria, floridos e verdes, deslumbravam os nossos olhos, que passavam, rapidamente, e tambem deslumbrados, sobre a praça da Republica, sobre a praça da Bandeira e sobre outras praças embellezadas pela esthetica e pelo bom gosto do prefeito Prado Junior. Tudo ia desfilando *á vol d'oiseau* em baixo de nós, que, de perto do céo, viamos tudo o que a nossa vista alcançava: os jardins e as casas, o mar e as montanhas...

Entretanto, não viamos nada, porque os nossos olhos não divisavam as silhuetas femininas, que são a graça e a fascinação da cidade...

QUANDO eu te disse, um dia destes: "Meu amor, tu és a minha Luz, a doce e suave luz que enche minha alma, meu coração, todo o meu ser, de quietude e de paz" — tu, que não me comprehendeste, ficaste tão triste, tão triste...

— "Bem pobre e modesta luz sou eu para ti!" disseste.

— Pobre e modesta, talvez, mas infinitamente consoladora.

— Sim, eu já tinha comprehendido isso. Tinha certeza da funcção humilde que, infelizmente, te rei de representar na tua vida... nessa vida que, outrora, no meio do deslumbramento em que viveu, nunca encontrou o clarão de uma luz que satisfizesse aos anseios da sua inquietação... Eu, eu sou apenas a luz diffusa, apagada, de lusco-fusco, que, um dia, bruxuleou, tremeluziu em meio ás sombras do crepusculo de tua vida... A luz, a pequena luz de melancolia da tua consolação... e nada mais!

— Meu amor, como te enganas, como não me comprehendes! Tu, que és a minha salvação e a minha fé, por que me revelaste todo o sentido da minha vida, no mundo, tu... séres apenas "a pequena luz de melancolia da minha consolação?"

— Pobre e modesta luz... tu me disseste...

— Pobre e modesta porque desconhecida, porque só brilhas para mim, porque só eu comprehendo a tua serena e silenciosa belleza. Não illuminas para deslumbrar, para offuscar, para que, diante de ti, eu traga os olhos fechados, e sim sempre abertos, sempre voltados para ti, doce, suavemente, confiantemente.

Não; não és, nunca foste como as mulheres que, outrora, conheci e que tanto mal me fizeram com o perfido e feitiço deslumbramento de que enchiam, momentaneamente, o ambiente da minha vida. Ellas eram a luz, fallaz e fugace da mentira e tu, tu, minha querida, és a luz pura, a luz casta e serena da estranha e miraculosa revelação de toda a verdade da

GRAÇA INFANTIL

Uma attitude feminina da galante Marina, filhinha do coronel Abel Drasil de Siqueira e de sua exma. sra., d. Carmen Costa Reis de Siqueira. Marina é sobrinha do illustre medico dr. A. P. Costa Reis e reside em Juiz de Fóra, a cidade onde as mulheres, desde pequenas, já sabem fascinar...

—

minha vida como expressão do sentimento, de emotividade e de anseio de amor e de felicidade...

— Mas se a luz, se toda luz vale pela maior intensidade do seu brilho...

— Não, não. A luz vale pelo que ella illumina e revela. E foi por isso que Maeterlinck escreveu: "Il ne faut pas toujours aimer la lumière par elle-même, mais pour ce qu'elle éclaire."

Uma grande luz pode brilhar, deslumbrar, fascinar, sem, no entanto, penetrar e illuminar a alma da gente.

— Queres-me, então, assim pobre mas devotada e constante?

— Sim, loucamente. Por que tu és como essas luzinhas votivas que ardem, serenas e modestas, nos lampadarios dos altares de um templo, de continuo alimentadas, e de continuo a fazerem subir para o céo, sempre para o céo, a chamma suave e silenciosa dos corações incendidos de amor e de fé. Num trabalho devotado de Vestal carinhosa é, assim, que vens alimentando a luz com que guias os meus passos na vida, essa luz que é o fogo sagrado do nosso amor...

— E tambem a luz da tua consolação...

— Porque é a luz que realizou o milagre da minha harmonia interior, o suave e abençoado milagre da minha felicidade.

— Uma luz triste, de crepusculo...

— Carinhosa e pura e meiga como uma violeta mystica, illuminada docemente, para que, através da sua infinita bondade e da sua suave melancolia, eu pudesse, nessa hora "inhumana do crepusculo", de que falava Thomas Hardy — ter toda a revelação do amor como expressão de paz, de serenidade e de fé. Porque Deus é o amor, querida, o amor infinito que me prendeu a ti, para que tu fosses toda a luz da minha vida...

— Eu sou, então... dize, dize, querido...

— A santa Therezinha do templo de meu coração, minha luz e minha consolação...

— Meu querido! Toma! Beija-me, beija-me muito nos olhos... Assim. Nos olhos onde brilha...

— A luz serena e casta da minha adoração perpetua.

MAX LINDER.

POBRE DA TUA MEMORIA!

I

Na tua memoria, no teu pensamento
Que tem vivacidades orientaes,
Ha de sempre fluctuar a imagem crua dos homens,
Que todos rondaram teu corpo cheiroso
De fructa escondida;
Guardaram teus olhos, tão novos de esmalte irreal,
Nas suas pupillas cerradas e mortas;
Beberam tuas fórmas, veladas e frescas,
No fundo crispado das mãos!

* * *

Toda tua vida se embaciou dos seus desejos
Como uma grande esphera de crystal
Que se cobrisse do bafejo anonymo
Dos curiosos da rua!

II

Eu não ficarei no emtanto na flôr da tua memoria,
Nem nas raizes do teu pensamento!

* * *

Tu te vaes esquecêr de que me viste
Boiando no oleo macio da tua vóz,
Levado como um cadaver, pela torrente branca
Do rio dos teus gestos,
Depois de haver bebido a tristeza das tuas veias,
Depois de haver sorvido a acidez do teu sorriso afflicto,
E de ter mergulhado, já fóra de forças,
No vago inexplorado de ti mesma,
Para esmagar o collo da serpente negra
Do teu tedio mortal,
No fundo ensanguentado das minhas mãos!

HORACIO CARTIER

Arvore do Bem e do Mal

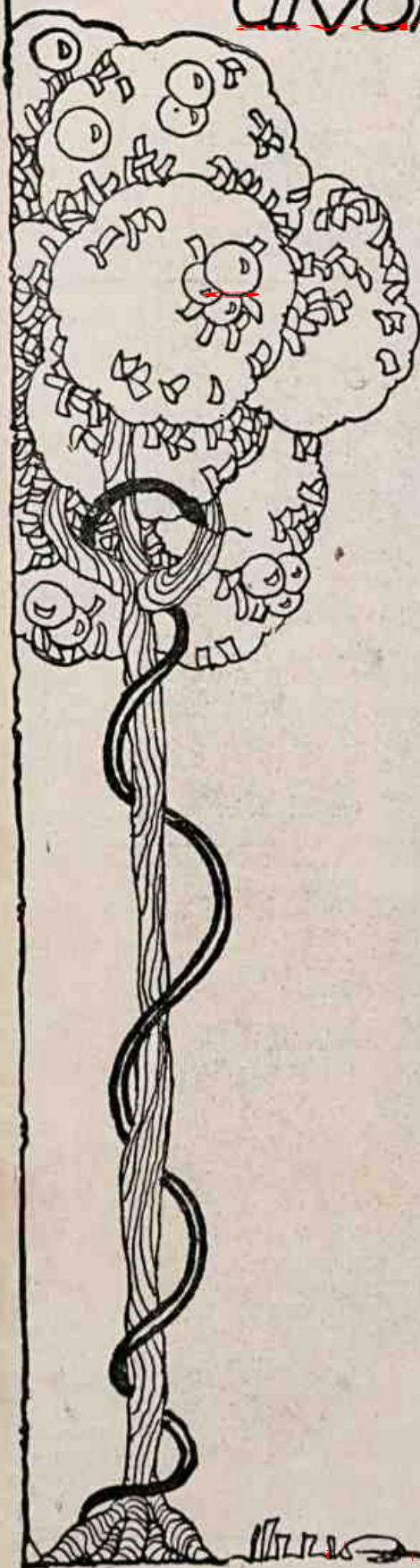
Claudio França

O IDEAL FEMININO

O amor não é cego como o pintou a symbolica antiga. O amor cégo. E, então, todas as virtudes, todas as bellezas, todos os encantos, vemos, sentimos, gozamos na mulher amada.

O tempo destróe o amor. Goteja sobre elle o lento veneno das horas. E afaga-o para sempre. A calma succede no espirito do amante ao estuo louco das paixões. Seu olhar, como o do caminheiro que abandona a aldeia natal, volta-se para traz. A paisagem do passado azulesce e acinzenta-se na nevoa da saudade. Revivem-se na vida interior aquelles dias idos e vividos de intensa commoção. Mas, ao mesmo tempo, a reflexão atilada e pratica mostra os defeitos da estatua que adorámos como um idolo maravilhoso. O que resta do sonho intenso não é mais do que uma nevoa que se esgarça nas rochas silenciosas da realidade...

E' o momento em que a philosophia nos domina a vontade e o instincto. A tranquillidade da meditação nos enclaustra e fortalece. A nossa alma é como uma vasta planicie ensolada por onde unicamente galopa o corcel da intelligencia. E um sorriso superior se nos desenha nos labios quando verificamos que o que amámos em Fulana, Cicrana e Betrana, não foi nenhuma dellas em si, porem o ideal feminino que trazemos dentro de nós como uma herança mysteriosa de outras paragens, chlamyde de purpura e ouro, zaimph milagroso em que vestimos muitas vezes criatura que não mereciam o culto que lhes votámos.

E' esse ideal feminino que todos nós, homens verdadeiramente homens, buscamos, atravez da vida e das mulheres, como D. Juan, e que uma esperança recondita nos diz que alcançaremos um dia, quando, nem como, nem onde, não sabemos...

S. ex. o sr. dr. Victor Konder, illustre ministro de Estado da Viação e Obras Publicas, no actual governo da Republica, é uma figura de accentuado relevo no amplo scenario da vida nacional e nos altos circulos da sociedade carioca, em cujo seio tanto se destaca sua individualidade de perfeito e irreprehensivel «gentleman». Estampando, nesta pagina, seu mais recente retrato, FON-FON tributa ao digno titular da pasta da Viação a homenagem da sua admiração e sympathia — homenagem que tem sua melhor e mais expressiva legitimidade nos valiosos serviços que s. ex. ha quasi quatro annos, vem prestando ao paiz, desenvolvendo, á frente do importante departamento que dirige, uma acção de bem inspirado e nobre patriotismo, pragmatica e fecunda.

REGIONALISMO E ELEGANCIA

Fiel ao tradicionalismo que faz do junho o mez das fogueiras, dos balões e dos divertimentos populares, [illegible]ram aquellas datas dos dias de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, os nossos clubs elegan[illegible] realizando bailes regionalistas, nos quaes o nosso [illegible] pittoresco figurou a caracter. Assim, nesses saráos, a nota dominante foi [illegible]. Encontravam-se nos salões desde o matuto nortista até [illegible] dos pampas, com a sua indumentaria typica. As nossas gravuras foca[lizam algu]mas figuras que tomaram parte nos bailes do Fluminense [illegible]-Club, sabbado ultimo.

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO...

ANACREONTE — o encantador e delicado poeta das lindas canções de amor que, de vez em vez, illuminam com o seu brilho e perfumam com o seu sentimento esta pagina de FON-FON, honrou-me, hoje, com a bella carta, cheia de emoção e da profunda melancolia com que vela, ainda, um sonho desfeito — o sonho que elle cantou na sua Canção do Abandono.

O amor?...

Anacreonte, desilludido, é amargo e — quem sabe? — se injusto tambem, porque o amor faz florescerem, ainda, nas terras fecundas do coração, as rosas da illusão e do sentimento.

Está, porém, escripto, no livro immenso do destino, que nossas almas hão de ser sempre "um continuo amor e um continuo adeus"!

* * *

"Meu querido chronista.

Sua bella prosa orvalhou, como um refrigerio do céo, a amargura daquella "Canção do Abandono", que foi o meu ultimo estado d'alma.

Um feliz encontro, naquelle doce crepusculo de sexta-feira, veiu completar o conforto da sua solidariedade espiritual. Esse encontro, por mais que grite a minha saudade e eu sinta que o meu romance já foi mais lindo, deu-me uma louca alegria e quasi uma vontade invencivel de arrepender-me do desabafo sentimental daquella triste canção...

Eu sou o que você tambem é: um homem fora de moda. Nós não somos capazes de mentir ao nosso amor. Ora, isso é, positivamente, uma coisa anachronica.

Meu romance parecia unico no mundo.

E hoje eu estou desolado, porque a minha imaginação andou a collaborar demais no meu sonho. Não que eu renunciasse áquelle alto e puro amor, de que v. tão lindamente tem falado, mas porque faltou á minha saudade aquella ternura affim — que foi a razão do mesmo amor...

* * *

Nós, homens de preoccupações romanticas, cahimos sempre nestes extases dolorosos, que transcendem a obscura contingencia da comprehensão commum. O nosso amor é um sonho; tem a invisivel tessitura do sentimento, a imponderabilidade da alma e a magia de um não sei que, tão subtil e enigmatico, que os poetas estão sempre a definir e ninguem ainda os comprehendeu.

Ora, nestes tempos modernos, amar assim é quasi ridiculo!

* * *

A poesia expressionista do amor, que v. attribuiu, pois, ao pobre sentimental que eu sou, é apenas uma voz perdida no cháos do mundo atrabiliario, onde os ultimos romanticos carpem a sina de ser tristes e bons.

Alguem, que nos leu, a você nas suas filigranas de oiro de lei, a mim — nas minhas canções de melancolia e de abandono, prophetizou que eu tornaria, neste sabbado, a debruçar-me sobre o seu lindo balcão florido, com a alma em festa, arrependido de ter sido injusto... A prophecia falhou. Uma tristeza invencivel é mais forte do que a vaga esperança de uma felicidade, em que eu já não posso crer.

Emfim, nem tudo é amargura na vida. Quando tudo acabe, hão de ficar, florindo e perfumando o caminho, as rosas da illusão, que é o Calvario dos poetas, que não aprenderam a mentir ao seu amor.—Anacreonte."

Mlle. Henriette Carneiro Monteiro, uma silhueta galante da nossa sociedade.

QUANDO O HOMEM AMA...

Lola Kreip

"Mauricio. — Não me procures mais! Eu não te amo. Acabou-se a linda illusão que nós dois acalentavamos... Continuar a fingir, seria odioso. E nem eu me sinto com forças para tal. Por isso, prefiro romper de uma vez, francamente, na certeza absoluta de que mais tarde a punhalada doeria mais. Esquece-me. O destino não nos fez um para o outro. Nem eu nem tu temos a culpa... Outro amôr se aninhou no meu peito. Fui leviana? Volúvel? Não, Mauricio. Eu procurei fugir o quanto pude. Mas, "elle" era o predestinado, o companheiro que Deus havia de mandar-me para toda uma vida de amôr... Perdôa a que foi tua e hoje não póde mais fingir o sentimento que ha muito já lhe fugiu do peito. — Wanda."

Elle amarrotava, nervoso, o papel nas mãos. Nas suas feições descompostas, o odio e a dôr espelhavam-se, soberbos. Odio pelo "outro", que lhe roubára a amada fascinadora e casta; dôr, pela felicidade que lhe fugia, impiedosa e ironica... Felicidade! A sua felicidade na vida era Wanda, com os seus morenos olhos de andaluza, o seu corpo de curvas magnificas e puras, a sua bocca de amóra madura, tantas vezes esmagada pelo seus labios sensuaes e gulosos... Fugindo-lhe Wanda, fugia-lhe a unica ventura possivel...

Mauricio sentia o coração cheio de uma incontida magoa. De uma dôr atróz... Nunca pensára que ella fosse capaz de tal. Tantos sacrificios elle fizéra, tendo em mira sómente a futura felicidade que lhe sorria com olhos doirados de fascinação! Pobre, orgulhoso, lutara como um gigante, para dar-lhe, mais tarde, o conforto que ella desfructava junto dos paes. E, afinal, poderia realizar em breve o seu sonho... O ninho de amôr estava prompto, á espera... Uma casa pequenina, de moveis modestos, mas onde a ventura sorriria em cada canto! Poucos mezes faltavam para o casamento.

Muitas vezes, sonhador, elle evocava o dia feliz em que havia de tomal-a sua. Ella iria assim, morena, risonha, sob a espuma branca dos véos, pelo seu braço forte, aos pés do altar... Depois... A festa... As despedidas... A chegada em casa... Elle havia de beijal-a na bocca e, mostrando-lhe o ninho pequenino e lindo, dizer-lhe, cheio de emoção: "Eis o teu dominio, minha Wanda. A casa onde tu serás a soberana e eu o escravo obediente e ditoso..." E tudo se desmoronava, com a sua volubilidade!

Pouco a pouco, um odio surdo á noiva infiel enchia-lhe o coração. Si ella não o queria, por que alimentara tanto tempo a louca esperança? Sabendo que, depois, a ferida seria incuravel e profunda?... Oh! Mas elle não era homem para se deixar illudir, assim! Não! Ella havia de lhe pagar bem caro a traição! Antes que os seus labios vermelhos sentissem o contacto de outros labios, frementes de volupia, o seu corpo inanimado já não teria sangue para retribuir a caricia! Não, nunca a sua Wanda seria de outro! Preferia vel-a morta, a vêl-a maculada por um amplexo estranho!

Foi até uma mesinha e, abrindo uma gaveta, della tirou um revolver. Guardou-o no bolso. Resoluto, puxou a maçaneta da porta e sahiu. Mas parou no humbral. Cabisbaixo, voltou a sentar-se na poltrona de couro macio. Nervosamente, tirou um cigarro e levou-o á bocca... Accendeu-o e as espiraes azues desenharam interrogações no ar...

Matal-a... E depois, não ficaria soffrendo da mesma fórma? Ella não seria do outro, é certo, mas elle tambem nunca mais a veria. Esse pensamento horrorizou-o... Mesmo de longe, elle queria vel-a, ouvir-lhe a voz purissima, contemplar-lhe os olhos morenos e ardentes... Por que não ser nobre, por que não ser forte e renunciar ao seu sonho, impossivel, de ser feliz? Que importaria o seu soffrimento, si ella, a amada, seria ditosa?...

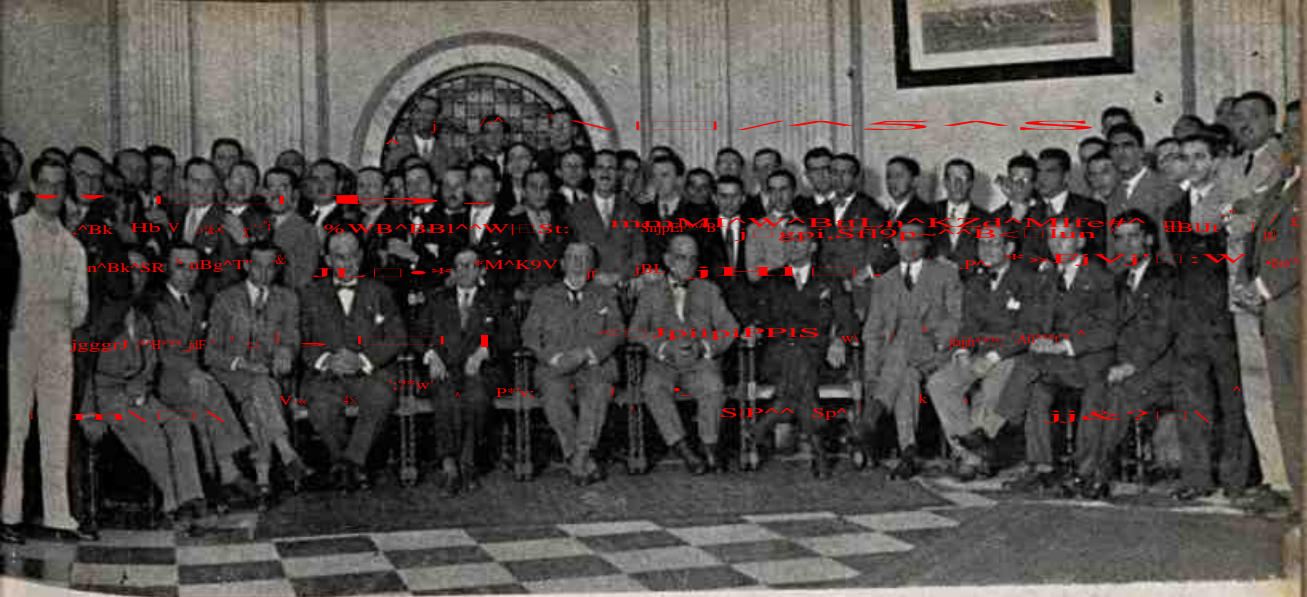
E, resoluto, Mauricio escreveu um bilhete laconico e frio á mulher querida, emquanto nos seus olhos ficavam paradas, como scintillantes aljofares, lagrimas de amargura indefinida:

"Wanda. Sê feliz. Eu tambem, ha muito tempo, vi que já não te amo. E' melhor, pois, acabarmos com a inutil comedia. Seremos ambos mais venturosos. — Mauricio."

E na sua bocca aflorou um sorriso de commovedora magoa... Comprára a felicidade da unica mulher a quem amára pelo preço da sua eterna desventura...

A flôr do manacá e o dia da Pró-Matre

A flôr do manacá é triste e modesta. Não tem perfume, nem póde dar-se ao luxo das suas irmãs felizes, que desabrocham em jardins aristocraticos e morrem ... crystal ou na porcel... dos floreiros caros. Nas... ce na humildade e ... humildade deixa de exis... tir. E' uma flôr timida ... apagada, pobre e ... ventura como todas ... flores que não serv... para enfeitar a vaid... humana, porque não ... suem a belleza femin... da rosa, nem a orgulh...

Com a presença do sr. presidente da Republica, do ministro Victor Konder e outras altas autoridades civis e militares, foi inaugurado, a 28 do mez proximo findo, o viaducto «Washington Luis», em Cascadura. Essa notavel obra de engenharia, que representa um grande melhoramento para aquella futurosa zona suburbana, é um emprehendimento que honra e recommenda a actual administração do paiz, muito se tendo interessado pela sua realização não só o presidente Washington Luis, como o seu illustre auxiliar da pasta da Viação. Ao chefe da Nação foram prestadas, ali, por occasião do acto inaugural daquella obra, significativas homenagens de apreço e sympathia. Nesta pagina focalizamos dois aspectos da brilhante cerimonia, vendo-se, ao alto, o sr. presidente da Republica, acompanhado do ministro Victor Konder, e outras altas personalidades, ao se dirigirem para o local do viaducto, e, em baixo, s. ex. e os membros da sua illustre comitiva, antes de ser rompida a fita inaugural.

Os estudantes brasileiros da Acção Universitaria Catholica offereceram, no Jockey Club, um grande almoço aos seus collegas argentinos, uruguayos e chilenos que vieram participar do Congresso Pan-Americano de Architectos.

sa melancolia da orchidea.

A tristeza da flôr do manacá é uma tristeza singela, que não impressiona á alegria ruidosa do mundo. E' uma tristeza abandonada e infeliz.

Roxa como a saudade, nem a sua côr desolada lhe dá um pouco da piedade dos homens. E ella se sente sozinha no meio das outras flores. Vivendo como as suas irmãs: ephemeramente. Só essa particularidade documenta a sua condição de flôr. Só esse destino vegetal lhe dá o direito de ser chamada flôr. Porque ella não tem os direitos nem as virtudes, não tem nem mesmo os defeitos das outras flores: o perfume, a belleza, a fidalguia e os espinhos... Nem siquer os espinhos! E' uma flôr que não perfuma, mas que tambem não fére. Ao contrario: é ferida pela ingratidão humana.

Pobre flôr desventurada, que só tem o affecto piedoso dos corações que sabem comprehendel-a na sua angustia e no seu sentimento de flôr!

A flôr do manacá será, hoje, na cidade, tambem a flôr da caridade e da bondade, porque as mãos generosas das nossas patricias a collocarão na lapela de todos aquelles que se não recusem a offerecer um obulo para a construcção do Hospital da Pró-Matre.

A Pró-Matre é uma instituição que merece, como a flôr do manacá, toda a piedade e todo o affecto dos homens. Ella realiza, modestamente, uma obra notavel de benemerencia social: allivia o soffrimento das mães pobres e de seus filhinhos. De todas as mães que não têm o conforto da fortuna e de todos os entes que nascem soffrendo. Protege a mulher e a infancia desvalida. E foi fundada e é dirigida e orientada pelo grande coração da mulher brasileira. Aqui estão alguns nomes que amparam e prestigiam essa obra: Stella Guerra Duval, Jeronyma Mesquita, Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Maria Eugenia Celso...

A Pró-Matre precisa do dinheiro para construir o seu hospital e realizou, hoje, em toda a cidade, a sua collecta annual para esse fim.

* * *

A flôr do manacá será vendida em beneficio da instituição que soccorre as mães pobres e as crianças infelizes. E nenhuma flôr symbolizaria melhor a supplica silenciosa e amarga dessas mulheres sem ventura que soffrem duplamente com a dôr e a gloria da maternidade.

M. C.

O dr. Jurandyr Pires Ferreira entre os convivas do almoço que lhe offereceu a Cruzada Republicana do Partido Nacional, domingo passado, por motivo do seu regresso da Europa.

DOIS POEMAS EM PROSA DE EDUARDO TOURINHO

EDUARDO TOURINHO, nosso collega de imprensa, e tambem um dos poetas que se destacam na geração actual, é o autor do bello poema "Cantico Perdido".

Sob o titulo: "Os melancolicos Poemas Verdes do Desejo e da Renuncia", vae elle agora publicar uma plaquette, a apparecer por todo este mez, e á qual pertencem os dois lindos poemas abaixo.

Supplica

Que hei de dizer-lhe?!

Aos seus ouvidos, acostumados á musica d'agua-corrente e ao harpejo da aragem gualando na ramaria, que palavras hei de pronunciar?!

Ella é tão suave e tão longe!

Que oração hei de recitar, — que não fira seus ouvidos, que não magoe seu coração?

Que hei de dizer-lhe?!

Que ella escute meu silencio...

Contêm-se, no meu silencio, todas as attitudes generosas, todos os lindos sonhos, os anhelos imponderaveis, as bellas utopias, as chimeras estonteantes, as miragens maravilhosas...

Sim! Quero que seja no meu silencio que ella beba a certeza do meu amor!

Não perturbarei sua quieta alma! Não quero nem de leve esfrolar a toalha sem rugas do lago azul que é a sua alma...

Oh! sejam as litanias do meu silencio a immensa prece de amor rezada a seus ouvidos... a ardente Contricção! «As palavras de fé que nunca foram ditas»...

Deslumbramento

Não percebes uma luz invisa, um perfume novo, uma musica jamais ouvida?!

Não sentes a Terra ataviar-se de jubilo [illegible]

Ergue-te! Ergue-te! Eleva o coração! Abre a alma a esta festa!

Eil-a que surge! Eil-a que vem!

Deslisa, — Moça, Agil, Forte, Bella!

[illegible] teu ser — [illegible] ha muito sepulto — as palavras magicas da Resurreição!

Ergue-te! Sê feliz!

Sorri, como si fôra a vez primeira! Canta, como si fôra o primeiro cantico que ouvisse o mundo! Sonha, como Jacob! Crê, como os [illegible]!

Eil-a! Forte e Bella, Moça e Agil!

Traz o sol nos olhos e o [illegible] na fala! Traz na pelle bruna a côr da generosa terra tropical! Tem no seu talho a hieratica elegancia das palmeiras estereis! [illegible] sumo das mangos! [illegible] no coração a aragem [illegible] [illegible] brasileiros á hora violeta do entardecer!

Eil-a! Moça e Agil, Forte e Bella!

— «Levanta-te e caminha!»

Um lindo pyjama de Jean Patou

A côr daquella alma

OSWALDO SANTIAGO

Todo o impudor do seculo
concentrava-se no vermelho da sua bocca
quando eu lhe disse: — "Escuta, Selma!
Eu creio que apezar do incendio dos teus labios,
apezar do negro das tuas olheiras,
do azul dos teus olhos
e do ouro-velho dos teus cabellos,
eu creio que tu'alma é branca, toda branca!" —

Uma risada de arco-iris
resoou. E a sua voz lilás, magoando o Silencio:

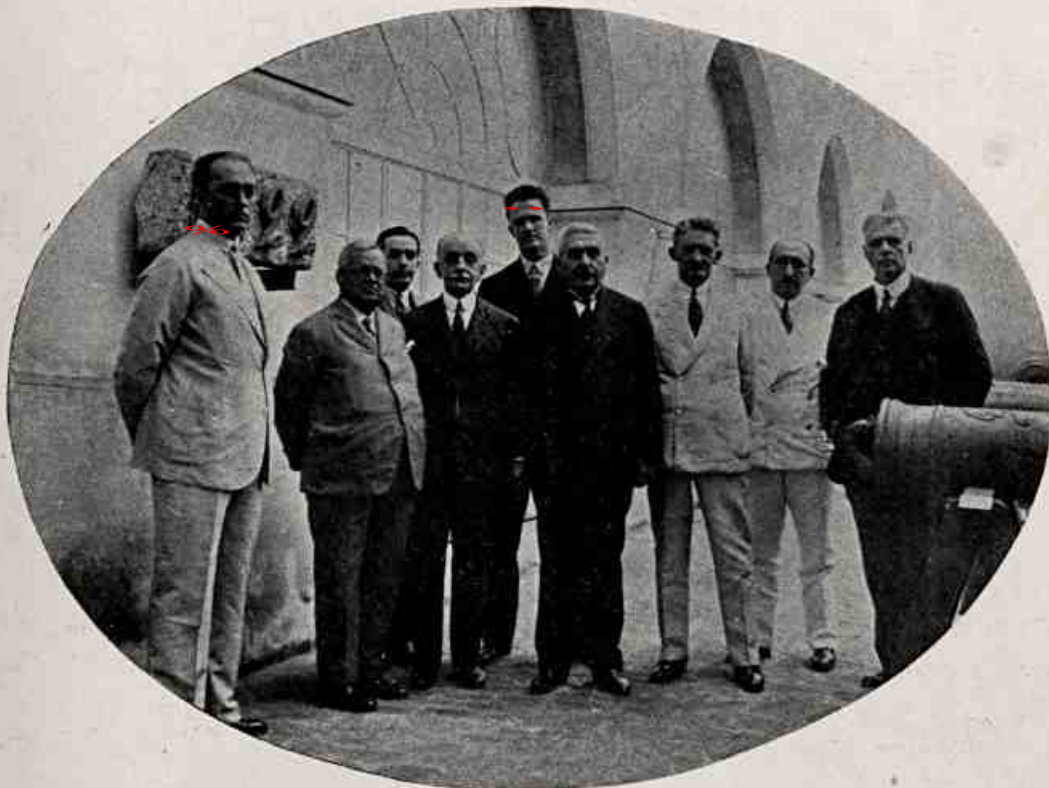
— "Enganas-te!
Minh'alma é verde, é verde, unicamente verde!
Sou uma arvore nova, alegria dos ramos inquietos,
sou uma arvore cheia de vida
que a fronde espadana,
que os galhos sacode e que as folhas retorce
glorificando o Sol, que é Volupia e Desejo!" —

— "Não creio! — respondi. Ainda és bôa e pura
na tua impureza.
Não me convences, Selma. Eu vejo a alvura de tu'alma..." —

E a sua vóz, de novo: — "Como te illudes, pobre louco!
Minh'alma é toda verde! Eu sou uma onda,
sou uma onda
solta no mar da Mocidade e da Ventura!
Envolvo num grande banho de esmeraldas vivas
a minha vida! Não duvides!
Minh'alma é verde, é verde, unicamente verde!" —

Calei-me. Dias depois, num "cabaret", na orgia
encontrei-a. Tinha os braços pousados sobre uma mesa
e a cabeça pousada sobre os braços.
Approximei-me. Com as duas mãos, de manso,
ergui-lhe a fronte. E os seus olhos azues me appareceram
com duas lagrimas limpidas descendo
das palpebras pintadas...

E eu, apontando-lhe as gottas que brotavam
do coração — fonte perenne que jamais estanca —
apenas murmurei-lhe a meia vóz: — "Oh, Selma!
E tú dizias que a tu'alma não era branca..." —

(Da segunda edição dos "Gritos do meu Silencio").

Visita do Instituto Historico Brasileiro ao Museu Historico Nacional. Vêem-se na photographia o dr. Gustavo Barrozo, director do Museu; o dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo do Instituto; dr. Pedro Calmon, do Museu; desembargador Valladão, ministros Tavares de Lyra e Agenor de Roure, do Instituto; dr. Alcides Bezerra, director do Archivo Nacional, e dr. Escragnolle Taunay, director do Museu do Ypiranga.

VAIDADE FEMININA

A vaidade feminina é uma coisa que não tem limites. Basta lembrar que uma dama nem permitte que outra se lhe compare em graça, em elegancia e «toilette».

D. Marietta é um exemplo disso. Ha pouco, ella declarou ao marido:

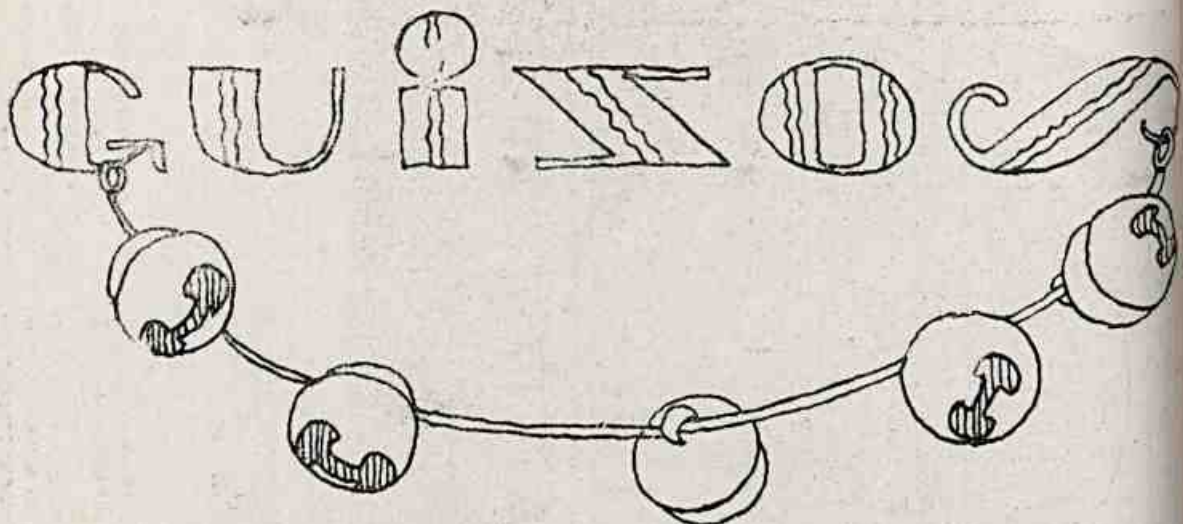
— Sabes? Fiz uma descoberta.

— [illegible]

— A vizinha possue um chapéo igual ao meu.

— Queres, então, comprar um novo, differente do della?

— Já se vê. Um chapéo novo sempre custa menos que uma mudança precipitada, não é?

O dr. Alcydes Cunha, ex-official de gabinete do presidente Julio Prestes e actual secretario interino, da presidencia de S. Paulo, em companhia de todos os secretarios e officiaes de gabinete que serviram ao dr. Prestes e continuam a servir com a mesma lealdade á administração Heitor Penteado, vice-presidente, em exercicio, do grande Estado.

A LOUCURA SENTIMENTAL

BENJAMIM COSTALLAT escreveu o seu melhor livro.

A loucura sentimental é uma historia dolorosa, desenvolvida com talento e brilho.

O escriptor quiz talvez provar, ao seu grande publico, que era capaz de interessar, sem explorar a literatura de escandalo.

Lançou mão de um processo novo para a sua penna, escrevendo um livro simples, e sahiu victorioso.

Mario Alberto, desenhado com requintes de arte, deixa de ser um banal typo de homem para se transformar numa deliciosa figura de romance...

E, assim, a loucura sentimental de Mario Alberto emociona, revelando que a arte de escrever não tem nenhum segredo para Costallat.

MULHERES HOMENS

LÁ para as bandas do Prata appareceu mais uma mulher homem.

Que fartura!...

O caso não teria maior importancia, si não fôra os jornaes, que têm feito, em torno das descobertas postumas, um verdadeiro escandalo.

Romanceiam, inventam coisas deste e do outro mundo, beliscando a curiosidade do proximo, enchendo columnas com episodios rocambolescos, tudo com uma candura de agua com assucar...

Porque as mulheres-homens foram casadas, viveram intensamente, e o mysterio só tem sido desvendado depois da morte de tão notaveis creaturas.

Parece mentira, mas é verdade, segundo os jornaes...

E como a historia vem nos jornaes, temos de acreditar que existiram ou existem, lá pelo Prata, famosas mulheres-homens, como deve apparecer, fatalmente, breve, o caso de homens-mulheres.

E' só esperar...

UMA NOIVA PARA DOIS...

NÃO se trata de nenhum episodio do film de Barbara Pell, que está annunciado para breve.

O titulo deste singelo commentario prende-se a um drama de suburbio, vivido no ambiente pobre de gente modesta.

Porem, a vida tem singularidades que enternecem...

Está entre casaes, o caso de uma noiva que tin obrigação de fazer feliz o noivo, mas, que tor desgraçados dois homens.

Na noite do casório, ao tempo que o noivo se vertia entre os convivas amigos, a noiva, mal h acabado a cerimonia do conjugo vobis, escapou porta do escandalo, com outro.

A historia podia terminar aqui. Entretanto, a p licia, que tem o feio habito de tomar conhecim de tudo, entendeu de sahir á procura da noiva e gavião malvado, da canção popular...

E acabou descobrindo os fugitivos.

Para quê!

Para entregar a noiva ao marido.

Eis a singualridade do caso.

A policia encarregou-se de um papel creio que mano, aplacando o desespero de um pobre marido, provando, com o seu gesto, que é muito possivel h uma noiva para dois, fóra do cinema...

Está certo.

VIOLENCIAS...

A policia está mobilizada para pregar susto casaes amigos dos passeios nocturnos, automovel, lá pelas bandas da praia des do Leblon.

Antigamente, os casaes davam expansão aos sen mentos amorosos indo vêr o luar do Leme.

Agora, a lua é uma deusa desprezada, e quan mais escura a noite, melhor para os passeios praia.

Progresso, fructos de evolução dos costumes, co da época do automovel, que é hoje um deus tam e, por signal, muito mais util do que a lua...

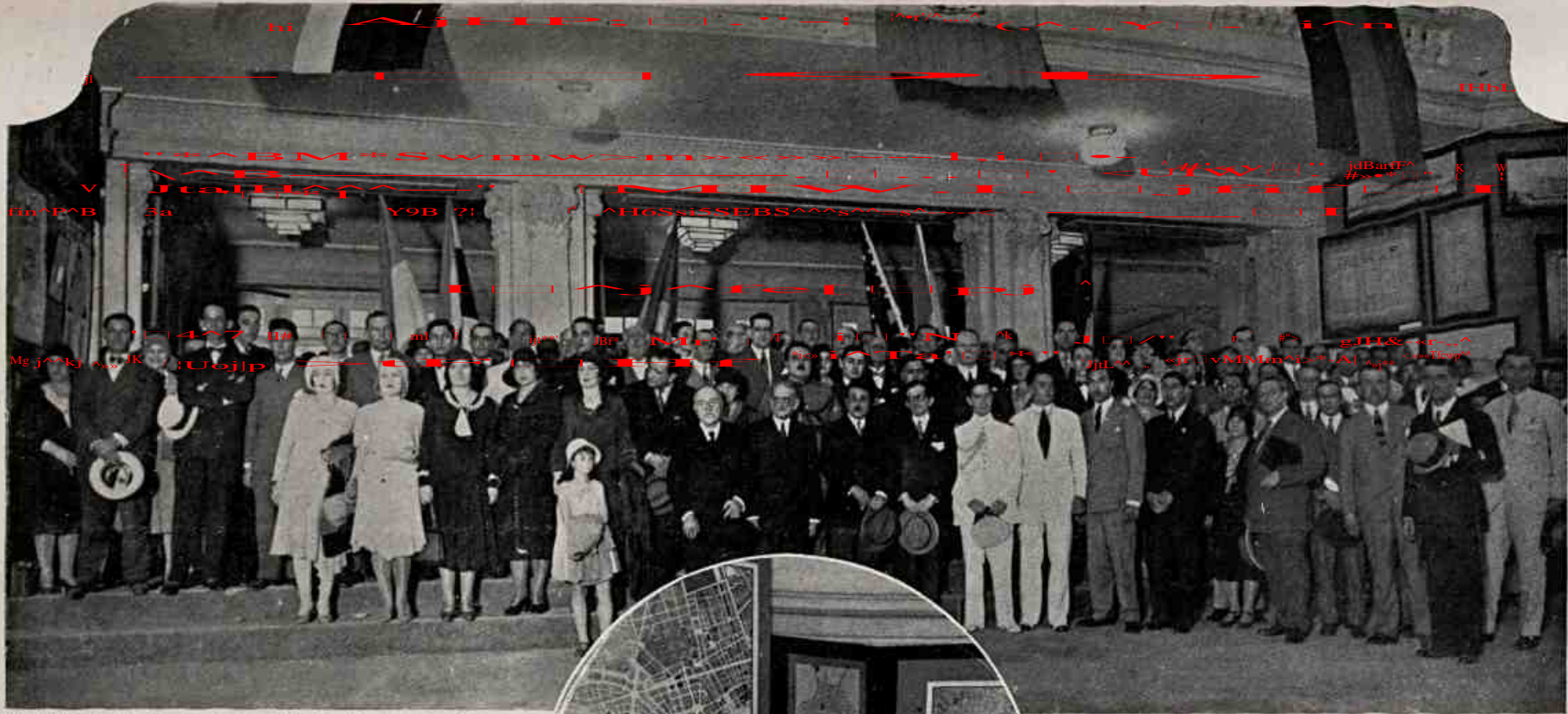
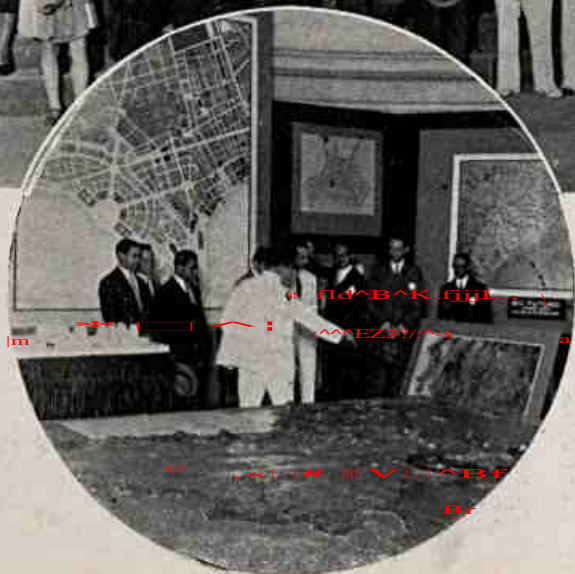
Sempre ouvimos dizer que um passeio de au movel, na companhia de um lindo palminho de c lá pelo Leblon, era coisa deliciosa.

A brisa do mar é um elemento indispensavel pa o augmento da pressão amorosa.

Mas, a policia é um elemento moderador, que ac sempre estragando com a poesia das coisas.

E a policia metteu-se a estragar os idyllios le todos nas areia das praias, não permittindo tam o estacionamento de autos na extensão do Leb o que é uma violencia...

Automovel transportando casaes não póde par nem mesmo em virtude de desarranjo no motor...

A ordem é circular.

No Palacio das Festas, á Avenida das Nações, foi solennemente inaugurada, a 24 de junho ultimo, a Exposição de Architectura, como complemento do recente Congresso aqui reunido. A cerimonia inaugural teve a presença do sr. ministro da Justiça, dr. Vianna do Castello, membros do Congresso de Architectos, outras autoridades e pessoas gradas. Nesse importante certamen figuram trabalhos não só nacionaes, mas tambem os que foram enviados dos paizes sul-americanos, que nelle se fizeram representar. As gravuras desta pagina focalizam dois aspectos colhidos por occasião da solennidade da inauguração da Exposição de Architectura.

FILIGRANAS

O triumpho tribunicio cega, estonteia. O homem que se habitua aos applausos da multidão torna-se maniaco pela oratoria e passa a vida a dizer asneiras retumbantes em troca de palmas. Conhecemos tantos exemplos neste paiz em que para a maioria ter intelligencia é ainda falar bem... Entretanto, o favor popular nunca acolheu na tribuna os grandes sabios, os philosophos, os artistas e quasi sempre, nos proprios oradores profissionaes, preferia gente corrompida e de baixa condição, conforme as queixas vivas de Demosthenes...

O povo! que grandissima pilheria!...

Baton & Rouge

Dr. Roberto Moreira da Costa Lima, que foi o paranympho da turma de contadores de 1929, da Academia de Commercio do Rio de Janeiro, tendo nesse caracter proferido brilhante discurso na solennidade da collação de grão dos mesmos contadores.

— Meu amor, um beijo, um só! Teus labios, vermelhos de *rouge*, estão a pedir beijos!...

— Estás louco? Não! Nunca! Não gosto de beijos, nem creio no amor que delles se alimente!...

— Mas, querida, o beijo...

— *C'est le point rose de l'i du verbe aimer* — queres dizer?

— Não, apesar de ser linda essa imagem de Rostand. Um beijo...

— Na face, "pede-se e dá-se", não é?

— Estás de uma ironia curiosa, hoje. Sequer não me deixas falar. E já que não gostas de beijos, com pesar sou forçado a dizer-te... adeus.

— Adeus! Adeus só porque te recusei um beijo? Os homens como são! Tudo, nelles, é physico — amor, amizade, tudo! Animalidade! Animalidade e nada mais!

— Não quero discutir comtigo. Uma mulher na tua edade, em plena floração, que não gosta de ser beijada pelo homem a quem diz que ama, é uma anomalia, uma aberração — uma mulher, emfim, incapaz de amar verdadeiramente.

— O amor para vocês é apenas um prazer physico, quando deveria ser somente emoção e sentimento, ternura e affectividade...

— O amor, para nós, os homens, é tudo isso que dizes e o beijo, que condemnas e repelles, é a expressão mais sublimada de todo o seu carinho...

— No cinema, talvez...

— Não. Na vida real, hoje, como hontem, como sempre... Aliás — perdôa-me — não creio que nunca tenhas sentido na bocca o suave calor de um beijo...

— Não. Nunca. Juro-te. E sempre tive medo, tive horror ao beijo... Uma phobia, talvez. Uma anormalidade... não sei. E, no emtanto...

— No emtanto?...

— Perdôa-me. Não sei explicar-me... Fico numa afflicção...

— Lucia, escuta: não quero que me concedas, constrangida, o que, se me amasses de facto, me darias espontaneamente. Respeito o teu escrupulo e, mesmo, o teu pudôr, apesar de sentir que merecia, que sempre fui digno dessa prova de amor e de confiança. Não insistirei mais. Adeus...

— Adeus? Mas por que adeus, se é que me amas mesmo?

— Amo-te, tu bem o sabes. Confesso-te, porém, que tive, hoje, uma grande decepção.

— Decepção? Porque te neguei um beijo? Um beijo recusado será, assim, uma coisa tão desconcertante e decepcionante?

— Inutil explicar-me. Não me comprehenderias. Só a mulher que ama com toda sua alma, seu coração e, tambem, sua carne, sabe comprehender essas coisas.

— Mas, escuta, não quero que me deixes zangado. O beijo, então, é essencial em amor?

— O beijo, em si, é a coisa mais banal da vida. Quando, porém, se trata do beijo da mulher a quem se ama, como eu a ti, é tudo como expressão de carinho, de... volupia, de exaltação amorosa. Um beijo de amor... Ora, estou a perder o meu tempo... Adeus.

— Adeus! Sempre adeus! Como és cruel, como és mau! E dizes, ainda, que me amas, que me adoras!

— Lucia, minha querida, por que choras? Escuta: recosta tua cabecinha tonta no meu hombro. Assim. Dá-me esses lindos olhos cheios de lagrimas, dessas lagrimas que vou sorver uma a uma, doce e ternamente... Beijo-te os olhos, as faces...

— Sim, sim meu amor. Como és bom, como és carinhoso, como tem doçura de mel a tua caricia!

— Minha queridinha!

— Toma...

— Tua bocca, teus labios frescos e cheirosos, Lucia? Queres? Deixas?

— Sim... Sou tua... Amo-te. Só agora comprehendo como é bom amar, quanto é bom o teu beijo quente! Mas... basta. Sim?

— Sim, meu amor...

— Estás satisfeito, hein?

— Sim e não...

— Como?

— Agora, sim. Mas nunca terei a plena satisfação do teu beijo...

— Por que? Por que?...

— Porque o meu sempre ha de desejal-o louca, insaciavelmente.

— Mausinho! Toma... mais um, um grande beijo de amor, com toda minha alma, meu coração e...

— E...?

— Tenho vergonha...

— Vergonha? De que? De amar?

— Não, de dizer o resto...

— Não digas. Já não é preciso dizer, porque, agora, sinto e comprehendo que me amas, que...

— Sou tua, toda tua!

FRAGONARD.

O orador official da turma de contadores da Academia de Commercio do Rio de Janeiro foi o joven contabilista José Marques de Almeida e Silva, que produziu bello discurso na solennidade em que collou grão com os seus demais collegas.

Canção de uns olhos verdes...

Olhos verdes, olhos de esmeralda! Eu vos amo assim como fitaes, desolados, a hypocrisia do mundo. Eu vos amo assim como acariciaes, mansamente, a ventura dos outros. Eu vos amo assim como illuminaes, docemente, a felicidade alheia. Eu vos amo assim como sois, olhos verdes, e gosto de ver-vos melancolicamente serenos no esplendor lyrico da vossa fascinação irresistível.

Quando vos contemplo, minha alma se engalana de volupia, e eu sinto o desejo de ser triste e infeliz, sinto o desejo de ser ainda mais triste e infeliz do que sou, só para merecer a suave ternura que o soffrimento humano inspira á vossa luz piedosa e bôa. E com que deslumbramento, e com que alegria eu admiro a vossa belleza!

Vejo, na doce claridade das vossas pupillas côr de esmeralda, tudo o que a vida me promette, ha longos annos, desde quando ainda ereis apenas um sonho, um sonho delicioso e verde, para a minha romantica illusão. Vós tendes, nesse reflexo indefinido que vos emmoldura, qualquer coisa da alma insatisfeita e doloro a dos que soffrem. E sabeis apagar, luminosamente, e sabeis consolar, com a esperança fascinante do vosso verde, os corações de todos aquelles que vivem longe do sorriso agri-doce da ventura. Eu vos amo por isso tambem, olhos côr de floresta e de mar, e lamento não vos ter sempre ao meu lado, para acariciar-vos com os meus beijos e os meus olhos...

Eu diviso em vosso desalento, em vossa angustia quieta, em vossa plácida melancolia, a resignação e a bondade das creaturas que só sabem amar e perdoar, porque têm a alma tambem compassivamente, seduetoramente verde... Vossa doçura, que tanta seducção derrama na minha vida amarga e triste, é feita de pedaços de emoção e de dôr, e tem todos os lampejos da graça feminina. E' uma doçura que inebria e empolga o coração torturado do homem desilludido e solitário.

Olhos verdes! Vós sois a minha grande fascinação!
Vós sois a minha grande esperança!

TREPAÇÕES

MADAME está seriamente indignada com o procedimento nada correcto do abastado negociante que lhe prometteu, para certos arranjos da vida, uma mesada determinada.

Ella diz que nada pediu e que foi elle quem, espontaneamente, lhe abriu a bolsa, seduzindo-a, para faltar lamentavelmente com a palavra empenhada.

Um deslise da parte de *madame*, que tambem não precisa de auxilio pecuniario para viver folgadamente, como tem até agora vivido.

Um deslise, nada mais, que precisa ser esquecido, e que não deve ser divulgado, por mal dos peccados de *madame*.

O negociante é useiro e vezeiro neste genero de conquista, e está sufficientemente desmoralizado

Nem sabemos como *madame* cahiu *no conto do negociante*.

O que *madame* agora deve fazer é suffocar a raiva, para o seu caso não cahir no dominio publico.

Isto seria o desastre completo.

O sol caricioso da Italia, a escaldante alma paulista e a sentimental dolencia do coração portuguez crearam esta fascinante artista, que presentemente encanta a platéa carioca: Luiza Satanella. Ella é a primeira figura da companhia que tem o seu nome e o de seu marido, o festejado actor Estevam Amarante.

(Photo De los Rios)

O *bungalow* começou a ser mantido pelo papae da menina, que afinal, fatigado de sustentar a situação creada pelo genro, resolveu deitar energia para solucionar o caso.

Pensou e executou.

Foi um conselho *brabo*, de familia, com a troca mutua de *amabilidades* desconcertantes até mesmo para os vizinhos, que conseguiram ouvir parte da discussão emquanto as janellas estavam abertas...

Agora, dizem que o sonho do *bungalow* e do maridinho bonito está desfeito.

Josephina Silva é uma das figuras de destaque da Companhia Satanella-Amarante, pela sua belleza e pelo seu talento.

Parece que ambos não fazem questão de ser vistos, porque o encontro se dá em logar de grande movimento, sempre á mesma hora.

Entretanto, parece que ambos deviam guardar certo recato, porque elle e ella são casados, não constando que vivam mal, em familia...

E' uma imprudencia, que denota falta de intelligencia...

O moço cirurgião, temperamento alegre, espirito sadio, transformou-se repentinamente, mal podendo esconder a tristeza que lhe domina a alma.

Os collegas, que lhe são mais chegados, não se preoccupam com o estado d'alma do cirurgião, porque estão senhores da causa...

Entretanto, os que desconhecem a causa, mas notam os effeitos

Alice Rodrigues é uma actriz intelligente, que tambem faz parte da Companhia Satanella-Amarante, ora nesta capital.

O automovel é visto todas as tardes, parado na esquina de uma rua que desemboca na praia.

O moço desce do auto, encaminhando-se para o lado do mar.

Em seguida, um omnibus pára, e delle salta uma elegante silhueta, que vae alegremente ao encontro do rapaz.

UM *bungalow* e um maridinho bonito, o sonho, emfim, de toda *melindrosa*.

O maridinho appareceu depois de um baile de carnaval, e o *bungalow* tambem, porque os paes podiam satisfazer ao sonho da filhinha.

Tudo parecia correr ás mil maravilhas, até que um dia..

Um dia, ella esperou o maridinho, á hora habitual da volta do trabalho, e elle chegou com grande atrazo.

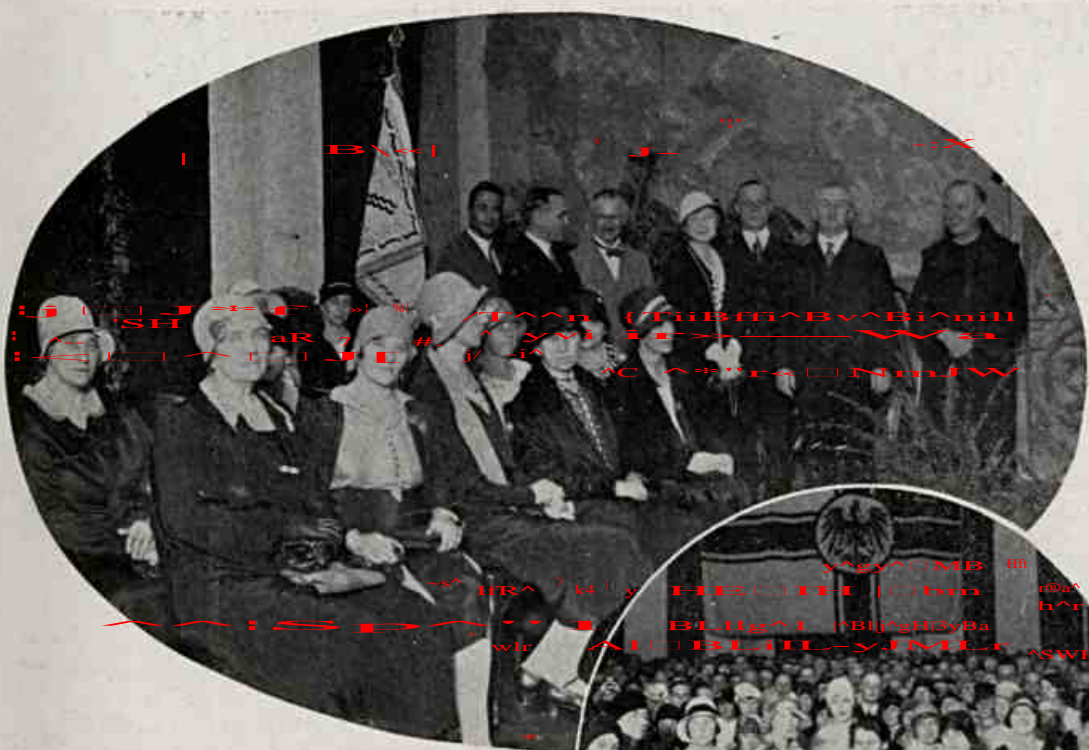
Explicações, e a menina ficou sabendo que o maridinho havia perdido o emprego, por um motivo futil, qualquer.

Desde então, elle ficou mais amigo da casa, de onde sahia apenas algumas vezes por semana, á cata de emprego, que nunca apparecia.

E os dias foram passando...

tentam decifrar o mysterio, si é que mysterio existe.

Tudo producto da saudade de uns olhitos espertos e travessos, saudade de uma figurinha trefega, movimentada, nervosa, que passou pela vida do moço cirurgião, como um relampago...

Resultado de um sonho interrompido; nada mais.

A colonia allemã domiciliada nesta capital reuniu-se, segunda-feira ultima, no Club Germania, para commemorar, com uma solennidade patriotica, a evacuação da Rhenania, acontecimento de grande significação para o nobre povo germanico. São dois detalhes dessa ceirimonia o que representam as photographias aqui estampadas.

O sr. Henrique Caetano da Silva, director do Curso «Lion Say» e um dos nossos mais distinctos contabilistas, recebeu, em dias da semana passada, uma expressiva manifestação de apreço por parte dos numerosos alumnos daquelle curso, que se vêem no grupo acima, ladeando o seu estimado e competente professor.

FILIGRANAS

Numa das grandes salas do Museu, o visitante, um homem de idade, forte, desempenado, bello ainda, parou e, apontando com o dedo, na grande tela em que se via o retrato de D. Pedro II, em trajes de imperador, disse, sor-rindo:

— *Voilà la meilleure de toutes les republiques...*

Eu, que o seguia, philosophei: com effeito, entre nós, o imper[io] foi a melhor de todas as republi-cas. E a celebre frase que La-fayette pronunciou no *Hotel de Ville* de Paris, apresentando Luiz Philippe ao povo, bem merece sê[r] repetida em honra do nosso segun-do soberano.

O dr. Nuno Simões, ex-ministro do Interior em Portugal, e figura de relevo na vida publica de sua patria, esteve, em dias da semana passada, em visita ao Orfeão Portuguez e á Obra dos Portuguezes Desamparados, colhendo a melhor impressão de ambas essas visitas. Nesta pagina vêem-se, ao alto, o estadista luso, cercado de pessoas que o acompanharam na sua visita a esta ultima instituição; em baixo, na séde do Orfeão, e, no medalhão, a photographia de s. s.

UM SORRISO E UM DIALOGO

Oh! esta vida, esta vida...
— Que mascarada, pois não?!
Alguem, da roda instruida,
disse, e com muita razão:
Sinceridade, querida,
é falta de educação...

... E hypocrisia é raffinement. Os [illegible] artistas sentem de um modo e escrevem de outro. Pensam de uma fórma e agem de fórma differente. Falta de caracter? não. Falta de sinceridade...

Porque a sinceridade é um trambolho — o boi na linha do exito da vida.

Mas, a Arte, ao menos, — a arte, que não é exito, successo facil de uma noite, e sim gloria eterna de fazer-se intimo do publico de todos os tempos, quando a belleza sobreviveu á habilidade e o idealismo sobreviveu ao opportunismo, a arte, ao menos, devia ser sincera, sentida, vivida, transmittida com todos os cuidados, para não quebrar as fórmas limpidas da crystallização natural...

Tenham paciencia, meninas. Vou explicar-lhes já porque esta meia tira choramingada — dyspnéa de alma, psychorrhéa, romantéa...

E' por causa daquillo ali — o novo theatro João Caetano... Vocês já foram ver o novo estylo? Todos acham muito bom e muito bonito e muito arrojado, não é?

Pois, olhem: eu acho (sinceridade, falta de educação...) eu acho aquillo uma malucada sem espirito.

Ainda ha dias, perguntou-me um dos empreiteiros ou constructores:

— Que diz? não é um edificio verdadeiramente moderno?

— O que acho é que, ao ficar prompto, será o maior, mais amplo, mais alto edificio do mundo...

— Será? mais si já está prompto!...

— Ah! eu pensei que aquillo era, apenas, o elevador, ou o gazometro do futuro theatro que iam fazer...

Poeta da roda instruida,
você tem toda a razão:
Sinceridade, na vida,
é falta de educação...

Depois do rompimento

DE CONCHITA CID

— Por que rompi o meu noivado? Ora, porque... Não sabes que, nessas occasiões, o verdadeiro motivo fica sempre occulto?

— Não te finjas de indifferente. Tu ainda gostas do Lucio Cleo. Ainda sentes aquella dorzinha quando se fala delle...

— Em absoluto. Elle me é completamente estranho.

— Não creio.

— Pois fazes mal. Imagina uma flor esplendida de frescura. Uma mão garota, que, pelo habito, sem saber o mal que poderá causar, arranque algumas petalas a essa flor. Logo as outras começarão a cahir tambem. Em vão tentará a mão garota refazer a flor. Porque a flor está morta. Assim o amor.

"Eu não escondia o grande affecto por Lucio Cleo. Admirava a sua elegancia, a sua discreção, o seu porte gentil de rapagão de sociedade. Gostava dos seus olhos pardos de velhaco. De sua bocca sensual. Mas eu o conhecia superficialmente. Conversas futeis sobre cinemas, sports, que não deixavam opportunidade de conhecer o gráo de preparo de Lucio Cleo. Depois... E' difficil analysar-se em amor. Desagradavel até. O motivo? Espera... Supponhamos que eu seja a flor, cujas petalas serão representadas pelo meu amor. Lucio Cleo será a mão garota.

"Como sabes, tive sempre predilecção pela literatura. Creio que chegaste a conhecer o meu Album, no qual eu colleccionava, com ciume, preciosos autographos. Pelas tardes bonitas, eu costumava subir ao terraço e assistir, lendo bellos poemas, ao agonizar do dia. E ali ficava geralmente até ás seis horas. Depois descia para esperar Lucio Cleo.

"Uma tarde de maio, com Ega e Shakespeare ao lado, eu lia "Adolescência", de Villaespesa. — "Por que não me foste esperar?" Era Lucio Cleo. Eu devia ter respondido, espantada: "Mas já são seis horas?" Elle tirara o relogio. Seis e meia. Depois, perversamente, elle tomou do album. E, folha por folha, o foi desfolhando... Eu assistia, muda, á destruição tola de Lucio Cleo. Depois, chegou a vez de Shakespeare. — "Que fazes?", perguntei, agastada. — "Destrúo asneiras"... — "Shakespeare, uma asneira?" — "Sei lá... Eu o detesto como a todos os outros que escrevem... Julgas que, quando eu me casar, consentirei livrarias em minha casa? E' melhor que te vás acostumando desde já... E tambem o meu grande comediante foi sacrificado..."

"E as petalas de setim do meu amor começaram a cahir...

"Ante tanta ignorancia, tanta mediocridade de espirito no ser idolatrado, a minha fronte se curvou com tristeza. E, rapida, me veiu a intuição do meu futuro ao lado daquelle homem. Uma vida burgueza, sem encanto, sem aspirações, sem attractivos...

"E adivinhei as rusgas. Previ uma separação irremediavel.

"E, desillludida, tive a certeza de que nunca mais poderia ser, para elle, a noivinha meiga de minutos atraz... Elle se revelara.

"E, uma por uma, cahiram as petalas de velludo do meu amor.

"Num bilhete laconico, rompi o nosso compromisso.

"Ainda hoje, quando nos encontramos, Lucio Cleo pergunta: — "Guida, por que, de repente, você não me quiz mais? Foi por causa dos livros que lhe rasguei?" Eu sorrio. Porque acho inutil explicar o que a sensibilidade delle talvez não comprehenda. Para que dizer-lhe que eu não tinha visto o album rasgado, mas sim a sua grosseria, a sua repugnancia ao bello? E quando nos encontramos, sinto apenas o cafifro das recordações..."

— Então, só por causa disso, tu desmanchaste um noivado de dois annos, Guida? Sabes que desprezaste um bom partido, que Lucio Cleo é disputadissimo pelas pequenas chics do seu bairro?

— Mas essas, são pequenas de "exterior", moral e espiritualmente ôcas... Justamente o que convem ao temperamento de Lucio Cleo...

— Guida, Guida, tu ainda o amas...

— Já te disse que não. Não teimes, pois me obrigarás a suppôr que a tua mentalidade regula pela delle...

— Amas outro, então?

— Talvez... Outro que seja "homem" e "espirito". Que saiba comprehender a mulher e a incorrigivel sonhadora que sou... A esse eu amarei...

— E já o encontraste?

— Parece, parece...

ESTOU hypnotizada . . . E' o seu perfume . . . Aquelle suave perfume que me enche os sentidos . . .

Na suggestão de belleza que todos procuramos, ha um traço palpitante da pessôa amada.

E, nos lugares onde encontramos a visão de encantamento dos nossos devaneios, nunca esquecemos o nosso enlevo, o nosso ideal, personificado numa alma predileta.

Eu me lembro de você, incessantemente. Em toda parte, á minha volta, ha reminiscencias da sua passagem pela minha vida.

O aspecto geral das coisas, a graça ou a chatice das physionomias, todos os individuos — barbeados ou descuidados, reluzentes ou sombrios — tudo me vem lembrar um commentario seu, uma das phrases magicas do seu espirito. Quantas recordações de arte ligadas á historia da nossa amizade!...

Independentemente da minha vontade, eu me debruço sobre o passado, e começo a esflorar-lhe as paginas com uma saudade deslumbrada. Não me posso cohibir desta mania pungente. E' você... E' você que me insufla a recordar...

E recordar é uma covardia.

Esterilizar o coração em dôres inuteis, vaporizar a alma com idealidades vazias, é a concepção da ruina, que nos fatiga e impossibilita para as energias dominadoras.

Revolta-me á idéa de recordação.

O espirito moderno já não se compraz com o volver ao passado.

O passado é a morte.

Os olhos que luziram em reflexos de ternura por momentos nunca devem ser recordados.

O sentimentalismo é uma doçura que entristece.

Uma endemia vulgar. Malaria do coração. Deploravelmente revelado no taedium vitae da existencia, o sentimentalismo resulta na apathia da coragem.

A rude peleja da concorrencia social que se impõe á humanidade repugna esse quebrantamento nostalgico do sentimentalismo.

O sentimental é um decadente.

Vejamos o sceptico vingando um espirito de exacção e de realidade. A sua vida, sorrindo em indifferença, é a marcha triumphante para a victoria da personalidade.

Mas, eu, mesmo reflexionando profundamente sobre as desgraças do sentimentalismo, confesso-me uma sentimental incuravel.

Não ha argumentos que me convençam da inutilidade dos soffrimentos de amor, da verbosa alegria das declarações enternecidas...

Uma carta de namoro vale muito mais do que um cheque ao portador...

Um sorriso, uma saudade são venturas que não se pagam por milhões, por indifferenças, por nenhum bem deste mundo...

A vida mais rica, mais doce, a melhor de todas as vidas, allia a imaginação e a meiguice do viver bohemio do sentimental rhetorico.

As theorias são muito bellas... Os modernos espiritos que acalentam desejos de independencia sentimental vivem dessorados pela influencia de uma educação mercantil.

Como me inspira a suggestão, do seu perfume, meu amigo!...

Penetra-me, refugia-se no fundo da minha alma, governa a minha sensibilidade com a indolencia atrevida de um beduino... E você tem a casta de um arabe, com essa sua feição oriental de voluptuoso.

Sentimentaes somos nós... Somos todos os sensibilizados ao amor, á vida, á alegria.

E os valores praticos da realidade, por si mesmos, serão serviços prestados á civilização e ao egoismo.

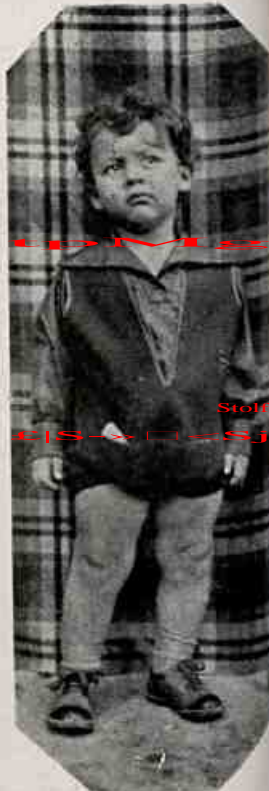
Mas os prazeres, as harmonias de belleza que distribuem a nostalgia de amor, só o sentimentalismo acarreta com a sua força hypnotica de subtileza e imperfeição...

* * *

Carlos Antonio, filho do casal Carlos dos Santos-Olenka F. Santos.

FILIGRANAS

Conta-se que o celebre estadista inglez Thomaz Walpole, quando presidente do conselho de ministros, possuia na sua gaveta uma pauta ou tarifa com o preço de venda dos homens politicos de seu tempo. Chamava-a a tarifa das consciencias. Bem podia um dos nossos presidentes da Republica organizar uma semelhante durante os quatro annos do seu governo e, depois, legal-a á historia para ser comparada com a do governante britannico. Nella, algumas consciencias que conhecemos haveriam de figurar a preço muito baixo...

O interessante Roberto Ripper, numa «pose» de homem...

O menino Olyntho, filho do sr. Abdias Tavora, residente em Santos.

O SORTEIO DO CONCURSO DA CARTA ENIGMATICA

Realizou-se na manhã do ultimo sabbado, nos escriptorios da firma Daudt, Oliveira & Cia., á avenida Mem de Sá, 261, o sorteio do 8.º Concurso da Carta Enigmatica, instituido pelo "Almanack da Saude da Mulher para 1930" e que é tradicionalmente conhecido em todo o Brasil.

A ceremonia teve o brilho e a solennidade de sempre, sendo presentes á mesma, além dos chefes e auxiliares da firma Daudt, Oliveira & Cia., algumas familias e representantes da imprensa, que acompanharam interessados a realização do sorteio.

A' disposição dos seus convidados, os promotores do certamen puzeram farta mesa de finos doces e bebidas.

Um aspecto do sorteio do concurso Cafiaspirina, instituido pela Chimica Industrial Bayer-Meister Lucius, no «Almanaque Bayer 1930», e realizado nos escriptorios da Casa Bayer, nesta capital, com a presença do fiscal do governo federal, jornalistas e outras pessoas gradas.

P Aftici.

Aquelle grupo de garotos, maltrapilhos e ansiosos, era uma nota interessante na noite clara, avermelhada pelo clarão das fogueiras.

De vez em quando, ouviam-se estouros de foguetes, gritos felizes, e os balões iam subindo, transformando-se em pontos luminosos, que se perdiam na altura; como si quizessem ter, por um momento apenas, a illusão de ser estrellas, sem imaginar que poderiam cahir sabe Deus onde...

Eu vinha pensando na nossa vida, tão ansiosa de infinito, cheia de ascensões loucas e de quédas vertiginosas e irremediaveis... Na nossa vida... Tão parecida com os balões de S. João...

Mas a alegria da garotada arrancou-me á scisma triste... E parei.

O grupo era composto de meninos maltrapilhos; havia brancos, pretinhos, mulatos. Podiam ser uns quinze.

Formavam circulo em volta de um balão futurista, caracteristico pela variedade de côres dos retalhos que o compunham. No bojo multicôr, poderiamos encontrar todas as figuras geometricas, todos os tamanhos, todos os matizes; e adivinhava-se, facilmente, que o engenheiro daquella maravilha aérea devia ter perdido horas de trabalho paciente a combinar todos aquelles pedaços de papel.

Dentro do circulo, um menino dos seus doze annos movimentava-se com uma tal consciencia de superioridade, que logo o adivinhei proprietario da futura estrella. Os outros obedeciam, approvavam, e sorriam esperançosos.

Os preparativos já estavam adeantados e já o mais alto do grupo trepara num banco afim de segurar o apice do balão, emquanto os outros iam desdobrando os gomos com cuidado.

Accesa a bucha, o bojo foi inchando, inchando... e quando o menino do centro gritou: "Larga!", o balão começou a subir, acompanhado pelos gritos doidos da garotada feliz.

— Viva S. João!

— Viva!!!

— Lá vae elle... lá vae.

— Ah! esse sóbe... Viva!!

Mas, de repente, houve uma hesitação na felicidade dos garotos, e, boquiabertos, elles acompanharam com um olhar medroso as oscillações cada vez mais fortes do bojo illuminado, que não resistia aos impulsos do vento.

Um pequerrucho loiro que estava a meu lado, murmurou, com voz de chôro:

— Meu Deus... ah! Nossa Mãe do Céo!...

— Vae pegá fogo... Ah!...

E o balão pegou fogo...

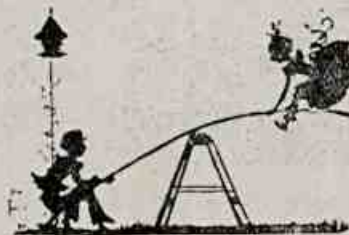
Transformou-se numa chamma que se retorceu no espaço e veio descendo, descendo rapidamente, chorando lagrimas incandescentes de pixe e kerozene.

A bucha ficou ardendo no meio da rua, lentamente, e o grupo se dispersou.

Apenas o dono ali ficou, parado, fixando melancolicamente aquelle resto do seu trabalho, que ardia... ardia...

Depois, elle me olhou... e murmurou, gaguejando:

— Moça... os outros balões sobem... Por que foi que o meu não subiu?

Eu só tinha esse! Deu-me tanto trabalho... Eu fui juntando os retalhos que aquelles meninos ricos botavam fóra... Aquelles meninos que fizeram tanto balão... Eu fui juntando... juntando... Colei tudo... Levei oito noites... e agora acabou... queimou... Por que?..."

E, sentando-se na calçada, começou a soluçar.

Coitadinho! Elle se servira dos restos da felicidade alheia para ter um momento de alegria... Trabalhára tanto... para ver todo o seu desejo transformado numa chamma que ardia sobre a lama da rua...

Sua estrella não subira... E por que? Si tantas outras subiam lá para cima, perdendo-se no espaço...

Por que?

.. ..

Eu continuei o meu passeio.

E, melancolicamente, me puz a pensar num balão de retalhos, de fragmentos, que eu fiz com tanta paciencia, tão esperançosa de vêl-o subir um dia, bem alto... até confundir-se com as estrellas inaccessiveis...

E que nem chegou a subir, que se incendiou bruscamente, deixando-me nas mãos chamuscadas apenas o cheiro acre de uma saudade sem remedio, e cuja bucha continúa a arder implacavelmente, atirada na lama dos desenganos.

Então... tive um desejo louco de sentar-me na calçada, como aquelle garoto maltrapilho, de soluçar desesperadamente, perguntando, revoltada:

— Mas por que? Por que foi que o meu não subiu?...

.. ..

Na noite clara, ecoavam os gritos de um grupo feliz, e um balão vermelho, enorme, foi subindo vertiginosamente, e confundiu-se com as estrellas, no infinito luminoso...

SUSIE.

O balão que não soltei...

VI na noite sonora de S. João os balõesinhos doirados accendendo no céo um lampadario estranho. Vi-os de todas as côres, numa polychromia encantadora, fluctuando no espaço, como bôlhas luminosas de sabão. Em baixo, a garotada alegre do meu bairro humilde gritava alto o estribilho:

— Cae, cae balão...

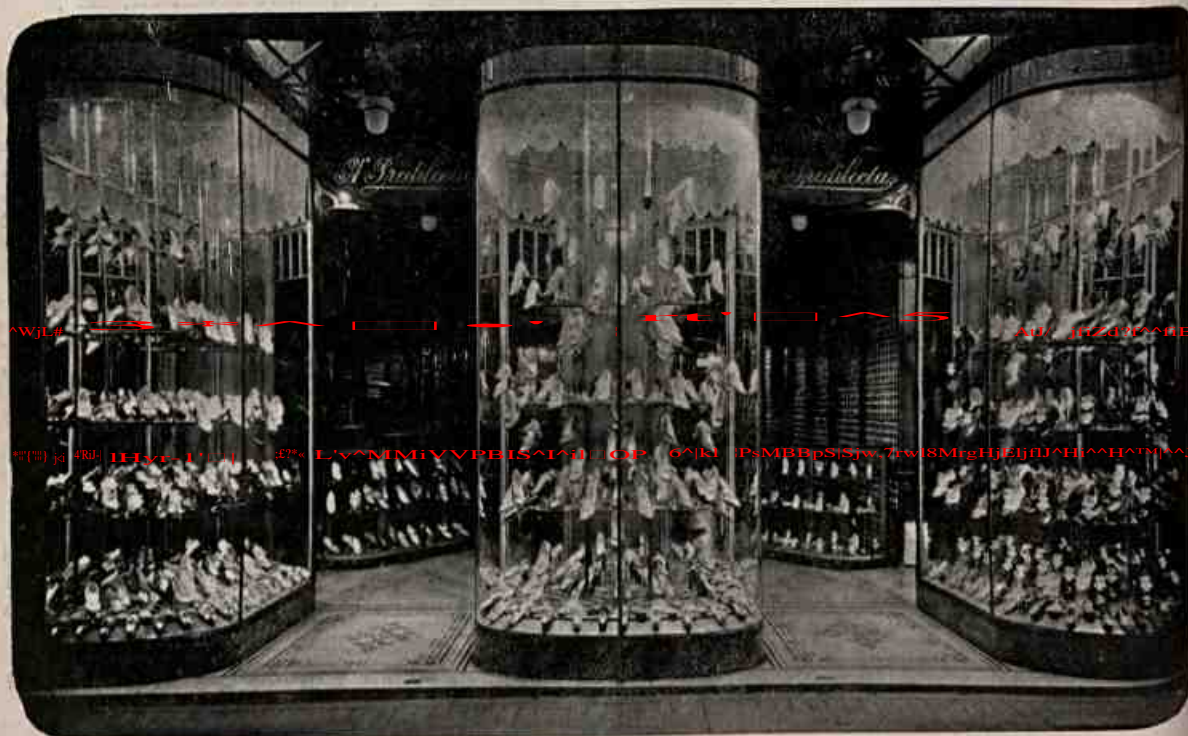
Como é tristemente humano o destino dos balões! A sua vida é apenas o bruxoleio fugaz de alguns instantes. Alçam vôo, alegres, dentro do esplendor da noite, durando um momento no ar. Vem logo, entretanto, um sopro mais forte do vento, e rompe-lhes a frágil couraça de papel de sêda. Outras vezes o pequeno facho, que arde no seu bojo, vae aos poucos definhando, e morre numa agonia lenta. E assim os balõesinhos illuminados tombam aqui e ali, como heroes vencidos. Todos obedecem, emfim, ao fatalismo inelutavel da quéda. O sonho fugitivo do triumpho que a gente traz na vida tem um destino bem parecido com a sorte dos balõesinhos doirados das noites claras de São João. Empluma-se esperançoso, ao calor vivificante dos nossos desejos, e vive a existencia ephemera de um instante na gloria de um vôo illusorio. De repente, o choque rude da realidade fal-o cahir, como ave ferida. E no espirito de quem o criou animado de fé, fica a mesma triste desillusão do menino que soltou o seu balãosinho inflado de oxygenio, na esperança ingênua de vel-o subir sempre.

Na noite cheia de rumores deste São João, emquanto os meninos ruidosos e alegres do meu bairro pontilhavam o céo com a refulgencia doirada dos seus balões, reflecti tristemente: "O mundo já me ensinou bastante a desilludir-me. Para que tentar novos sonhos, si os sei tangidos de igual fragilidade? Não quero mais soffrer a angustia de vel-os morrer um a um infallivelmente".

Foi por isto que, na noite sonora de São João, não soltei mais o balão doirado dos meus sonhos!

OCEANO CARLEIAL

UM grupo de rapazes cearenses da Faculdade de Medicina da Bahia festejou, este anno, a noite de S. João, na capital bahiana, soltando o seu balão comprido e polychromico e evocando, numa hora de doce alegria e de inquieta saudade, a visão da terra distante, onde as noites joaninas têm, tambem, o encanto luminoso dos balões e decorrem, como em S. Salvador e como aqui, dentro do alvoroço feliz da mocidade e do espoucar das bombas.

Oceano Carleial, jovem cearense e acadêmico de medicina, inspirado na festa dos seus conterrâneos e collegas, escreveu, para FON-FON, a interessante chronica intitulada O balão que não soltei..., *que aqui publicamos, illustrando-a com photographia do balão que elles soltaram....*

NOTAS DE ARTE

MATHILDE BAILLY. — Na tarde da penultima lunedia, 2ª feira, 23 de Junho, a Sra. Mathilde Bailly cantou varias composições de musica de camera, para o numeroso auditorio que enchia a platéa do Theatro Casino Beira-Mar.

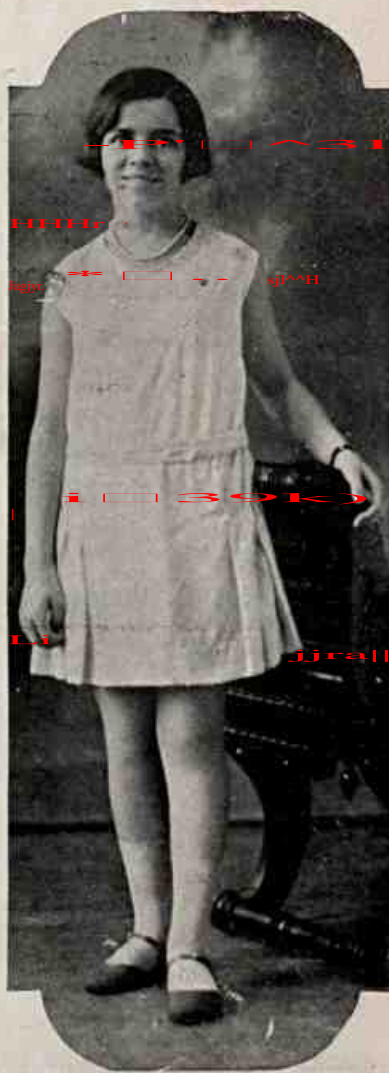
Sem dispor de grandes dotes vocaes, a Sra. Bailly suppre-lhe a carencia pelo esforço da cultura. Ouvindo-a, sente-se o estudo através do talento. E si nem sempre um consegue supprir o outro, a verdade é que muitas vezes se harmonizam num bello conjuncto. Ouvimol-o, ao cantar: *Air de Momus*, de Bach; *Bel nome che adoro*, de Cimarosa; *Tambourin*, de Tiersot; *Demain*, de Strauss; *Le furet du bois joli*, de Bréville; *Orphãsinha*, de Barroso Netto.

NÊNÊ BAROUQUEL. — Quando a ouvimos, faz pouco mais de um anno, notámos-lhe qualidades não vulgares para a arte do dizer, as quaes se accentuaram ainda mais no recital da lunédia da semana passada, realizado no Theatro Municipal, e em que recitou: I) Hermes Fontes — *Philosophia*; Olegario Mariano — *Recordação*; Juana Ibarbourou — *El milagre*; Octavio Ribeiro da Cunha — *Veias abertas*; Murillo Fontes — *As linhas da minha mão*; Guilherme de Almeida — *A carta que eu não mandei*; II) Olavo Bilac — *Delenda Carthago*; III) José Oiticica — *O grito da sombra*; Juana Ibarbourou — *Despecho*; Mendes Martins — *Os fres...*; Amado Nervo — *La puerta*; Minotti del Picchia — *Canto inaugural*.

Para sermos justos, é preciso affirmar, sem receio de contestação, que Nênê Barouquel não é simples recitante, mas actriz da dicção, que sonoriza e plasma as palavras, procurando viver integralmente os poemas que interpreta. Consideramol-a discipula de Berta Singermann, a maravilhosa creadora da melopéa symphonica.

Ha quem condemne a maneira de Nênê Barouquel, porque é imitação da de Berta Singermann. Não nos parece razoavel o julgado. Não basta ser original para ser grande. A originalidade não passa muitas vezes de esquisitice, de mediocridade. O essencial na obra de arte é produzir emoções de belleza. Um artista creando pode ser mediocre na sua creação; outro, imitando, grande na sua imitação. A originalidade de um deixa adormecida a nossa sensibilidade e o genio imitativo do outro nos impressiona e nos commove. Nênê Barouquel, imitando Berta Singermann, não faz a caricatura do grande modelo, mas procura assimilar-lhe o genio interpretativo, tanto assim que a sua arte prende e empolga, como um reflexo da arte incomparavel da mestra. O que lhe falta é aprimorar ainda mais os dotes naturaes e fixar a propria individualidade. Quem a ouviu interpretar, como interpretou, *A carta que eu não mandei*, *Delenda Carthago* e *Canto inaugural*, não póde ter duvida de que, em breve prazo, terá supprido a dupla falta, e occupará posição excepcional entre as melhores declamadoras brasileiras; será talvez a primeira entre as primeiras.

JACQUES THIBAUD. — Tres concertos no Theatro Municipal do famoso violinista francez, o maior da sua patria e um dos maiores do mundo, foram o acontecimento mais sensacional da vida artistica do Rio na ultima hebdomada.

Todas as qualidades que caracterizam o violinista de escol, potencializadas ao maximo gráo de perfeição, aonde só se alçam os genios aprimorados pela cultura, revelou-as o celebre violinista. Através de todas as escolas, classica, romantica e moderna, patenteou-se, com inexcedivel primor, a inconfundivel originalidade do interprete: a pureza absoluta do som, alliada á mais suggestionavel força emotiva, ambas opulentadas com rara elegancia no manejo do arco e do instrumento. Nada

A menina Ornelia Macedo é a pequena pianista brasileira que vae, brevemente, fazer uma «tournée» de arte pelo Estado de S. Paulo, para onde seguirá no proximo dia 11 do corrente. Alumna da professora d. Alcina Navarro, Ornelia já se exhibiu ao publico desta capital e de Nictheroy, em recitaes que alcançaram brilhante successo. Iniciará a sua «tournée» em S. Paulo realizando concertos nas principaes cidades do interior paulista, de onde, então, se transportará á capital do grande Estado.

O côro russo dos Cossacos do Don é um dos mais perfeitos conjunctos artisticos que se conhecem. Notavel pela qualidade das vozes e pela grandeza das interpretações. Estreará brevemente no Theatro Lyrico.

de gestos desordenados para ostentar bravura, nem artificios de sensibilidade para commover. Arte pura. Ouvindo Jacques Thibaud, tem-se a impressão de estar diante de formas da mais perfeita estatuaria. São de marmore as maravilhas sonoras, mas de marmore esculpido pelo cinzel de Phydias.

Quanta emoção não se experimenta ao ouvil-o nos *Concertos* de Mozart e de Vivaldi, nas *Sonatas* de Mozart, Debussy e Cesar Franck na *Symphonia espanhola* de Lalo?! E' nos grandes pequenos poemas sonoros, como lhes multiplica o valor a indefinivel magia do seu arco! Sejam as *Dansas* de Granados, ou a *Rhapsodia norueguesa* de Lalo; o *Tamborim chinez* de Kreisler, ou a *Chaconne*, de Bach — tudo são maravilhas de execução technica e de expressão sentimental. Dá-nos a sensação de verdadeiro extase. Se o violino é o mais vocal dos instrumentos, Thibaud é o mais canoro dos violinistas. E' realmente um grande, um extraordinario, um maravilhoso poeta do arco.

CARLOS ZECCHI. — Nas vesperaes de arte do Theatro Lyrico appareceu mais uma celebridade: o pianista italiano Carlos Zecchi, aclamado como o maior da latinidade e como dos maiores do mundo.

NOTAS DE ARTE

(*Conclusão*)

Em dous concertos, realizados na semana passada, ouviram-se interpretadas pelo famoso virtuose: I) Beethoven — *Sonata, op.* 31, n. 3; Schubert 6 *Momentos musicaes*; Debussy — *Cequ'a vu le vent d'Ouest* e *Feux d'artifice;* Ravel — *Alborada del Gracioso;* Liszt — 3 *Estudos;* II) Schumann — *Companheiro de David* (*Davidsbundler Tanze*); Bach-Busson — *Toccata;* Pizzetti — *Sul molo di Famagosta* (da op. *La Pisanella*). Brenchi — *Intermezzo;* Chopin — 2 *Balladas.*

Carlos Zecchi deu-nos agora a mesma extraordinaria impressão que nos deu, ha precisamente dous annos, quando ainda experimentavamos a suggestão dos grandes recitaes de Rubinstein e de Orloff. Achámos então que tinha a bravura de um e o sentimento de outro, que era assim um pianista completo: um pianista lisztiano. Hoje, embora estejamos cheios de virtuosidade excepcional de Brailowsky e de Elinson, não se attenuou a nossa admiração pelo genio interpretativo do pianista italiano. Sem ter a mesma grandiosidade dos dous geniaes russos, os iguala e mesmo os excede muitas vezes na perfeição com que executa os poemas sonoros. E' rival de Brailowsky como interprete de Chopin, embora não attinja á bravura ph[e]nomenal de Elinson, que até ho[je] nos parece unica no genero.

Pela simultaneidade dos con[]certos do violinista francez e [do] pianista italiano, realizados [no] mesmo dia e na mesma hora, u[m] no Municipal e outro no Lyric[o], não nos foi possivel ouvir os pr[o]grammas integraes de Carlos Ze[c]chi. Mas o que ouvimos de Be[e]thoven, Liszt e Chopin, interpr[e]tado pelo artista italiano, foi bastante para justificar as noss[as] impressões.

Do que ouvimos, embora tu[do] nos agradasse, merece espec[ial] menção a maravilha de belleza d[y]namica, de belleza lyrica, que f[oi] a execução da *Ballada* em s[ol] *menor* e da *Berceuse* de Chop[in] — tocada esta ultima em extra [no] 1º concerto — e o *Estudo* de P[a]ganini-Liszt com que encerrou [o] 2º. Zecchi viveu esses poemas s[o]noros com toda a bravura e to[do] o lyrismo de um artista slavo e, ao mesmo tempo, com toda a per[]feição, toda a pureza de um ar[]tista latino.

CELIO NOGUEIRA. — Não c[an]samos de repetir que só das art[es] literarias podem constituir esta[s] chroniquetas opiniões de critic[a]. Das outras, das artes musicaes [e] plasticas, representam apenas r[e]gisto de impressões, realmen[te] sentidas e sinceramente express[as], mas, nem sempre racionalmente defensaveis, dad[os] os conhecimentos muito rudimentares, ou quasi nul[]los do chronista com relação á technica dessas arte[s]. Assim, só com o costumado gradimetro affectivo, com a medida do coração, é que apreciamos o vi[o]nista Celio Nogueira, cujo concerto se realizou n[o] Theatro Lyrico na tarde do ultimo domingo.

Não nos produziu excepcionaes emoções de arte [o] violinista patricio, mas agradou-nos bastante a c[on]recção e o sentimento que patenteou na interpretaç[ão] do *Concerto em mi menor*, de Mondelssohn, da [So]*nata-fantasia*, de Villa-Lobos e, sobretudo, de *Ap[rès] un rêve*, de Fauré, cujo lyrico esplendor soube o vi[o]linista traduzir com toda a perfeição. Foi tambem [a] communicativa expressão dynamica no pequeni[no] drama sonoro de Villa-Lobos, *Mariposa na luz*, de [que] o publico enthusiasmado exigiu *bis*, ao lado do *Co[r]tége* de Lila Boulanger.

Celio Nogueira, que nos consta ter sido, ha e[]annos, discipulo de Paulina d'Ambrosio, a nota[vel] violinista patricia, que o professorado arrancou [ás] glorias da virtuosidade, é bastante joven e tem [ta]lento para subir cada vez mais na carreira que a[bra]çou, e obter mais e melhores triumphos do que [os] alcançados no vesperal do Lyrico.

Oscar D'Alva

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

ARCO-IRIS

DA SONO-ART

Cinema GLORIA — O que neste filme mais encanta é, incontestavelmente, o enredo, duma sentimentalidade simples, mas emocionante. Não nos dá complicadas situações, nem apresentações majestosas. E', porém, um thema bem natural bem humano, com a excellente qualidade duma rigorosa sequencia no seu desenvolvimento. Não é que tenhamos saido da sua exhibição com o espirito assombrado; mas a impressão que nos deixou é a de um filme delicado, sentimental, carinhoso, ao mesmo tempo que um trabalho artistico, limpo.

Cotação — BOM

SOMBRAS DA GLORIA

DA SONO-ART

Cinema PATHE' PALACE — Este filme, que é uma delicada e brilhante obra de arte do moderno cinema, constituiu, principalmente, uma victoria para o *astro* argentino José Bohr. A pellicula trazia uma grande attração: a synchronização em lingua hespanhola, que ninguem negará seja muito mais comprehensivel para o nosso publico que a lingua ingleza. Mas, a par disso, de interessantes numeros de musica, o filme apresenta scenas de originalissima composição e excellente technica. O argumento, um derivado da guerra, é muito emocionante, embora nos apresente um final bastante incoherente. Vae por conta da phantasia do scenarista. E' boa a direcção e, como acima dissemos, boa a technica. Sono-Art está impondo-se á consideração do publico carioca.

Cotação — BOM

O BEM AMADO

DA METRO

Cinema PALACIO — Eis um filme que terá uma carreira gloriosa. Isto não tanto por que seja uma obra impeccavel, mas porque é um dos trabalhos, no novo genero, de filme falado, mais agradaveis dum reputado idolo: Ramon Novarro. O velho Scribe, o grande comediographo que ha um seculo enchia os cartazes de Paris e mesmo do mundo civilizado, com as suas quatrocentas peças, foi o manancial onde se procurou o enredo desta pellicula. Dahi o seu cunho romantico, sentimental, emocionante, do seu argumento, desenvolvido (embora sem rigorosa sequencia) dentro dum ambiente sympathico. A augmentar o valor emotivo desta formosa pellicula, está a musica synchrozinada, que contém trechos duma grande belleza, sobretudo os cantados pela voz encantadora de Ramon Novarro. Finalmente, é um filme que enthusiasmará os admiradores do sympathico *astro* e ainda impressionou agradavelmente pelo rigor da montagem, em que ha, a par do conhecimento da direcção, um grande bom gosto. O filme ganharia de merecimento se o dialogo fôsse em francez, como pedia a acção.

Cotação — BOM

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

A MÃE DA LUA

LENDA — AMAZONICA

DE SILVINO FERREIRA DA CRUZ

SAIA e casaco de chita, cachimbo ao canto da bocca, em uma velha rêde alvissima, estava a scismar a cabocla Minervina, uma pequenina anciã.

Mais de meio seculo tinha ella. O rosto, de tão enrugado que era, lembrava aos seus netinhos, o saboroso *genipapo* maduro.

Era toda bondade e doçura. Aquelles cabellos brancos, — um lindo e macio capucho de algodão, — era o que mais contribuia para que todos lhe quizessem bem.

No Amazonas nascêra e ahi se casára, tendo filhos e netos, muitos netos mesmo...

Rosaria e Christiano, seus netinhos mais novos, acercaram-se da doce vóvó, na hora da Ave-Maria, pedindo-lhe a benção. Era a hora da recolhida e a noite chegava com todo o seu cortejo de coisas do interior. O fino zunido da *carapanã*, os morcêgos que deixavam os seus abrigos, emquanto que lá fóra, no terreiro varrido, se ouvia o grito desentoado do *bacurau*, a par com a tristissima orchestra dos sapos e rãs.

— Vém, vóvó, — fala Rosaria...

— Avó Minervina, queremos uma historia antes de dormir!, — grita Christiano.

E unindo o gesto á palavra, puxaram o braço da velhinha, que só teve tempo de agarrar a lamparina, para lhes alumiar o caminho para os mosquiteiros.

Installados, os meninos aguardavam com impaciencia manifesta o conto desejado.

E a meiga avosinha começou:

— Faz muito tempo, eu bem menina era, e já ouvia contar esta historia.

"Num sitio que antigamente ficava na *varzéa* deste mesmo rio em que moramos, vivia feliz, com a sua linda cabocla e seu filho João, o Marcio, lenhador, moreno, guápo e forte.

"Era o sitio mais bem cuidado da redondeza.

"Rodeando a barraca, coberta e fechada com a palha do *inajá*, o bananal fructificava em touceiras e mais touceiras. O modesto jardim em frente enchia o ar de um perfume suave. Aqui é o *capim santo* que predomina, alli o jasmim mimoso, a rosa menina, o mangericão, a pripriòca. Tudo de encantar.

"Chegára a *cheia* e Marcio sahia diariamente para a pesca no lago proximo. Foi numa dessas sahidas que a sua *igarité*, colhida pelo temporal, afundára num redemoinho perigoso, e com ella o seu dono, para nunca mais voltar.

Quanto tempo esperou a formosa cabocla por seu marido? Um dia inteiro, um pedaço da noite que se aproximava...

"Depois de chorar agoniada, tomou a resolução de ir pelas margens do rio, procurando-o. E, levando o filhinho pela mão, seguiu por barrancos e barrancos, tropeçando a cada passo, enchendo-se dos picos da *cannarana*, mas, resoluta e heroica. Quasi meia-noite e o seu olhar perscrutador nada avistára até então. Anniquillada pelo desanimo, pensa em voltar para a barraca, quando tem uma idéia. Talvez que subindo nalguma arvore alta possa vêr, ao longe, o pharol da *igarité*.

"— João, — diz ella ao menino — fica um momento bem socegado aqui, emquanto vou ao alto desta *sumaumeira*, vêr si avisto algum signal de teu pae.

"Lépida, agillissima, eil-a que sóbe a linda arvore carregada de cabouchons vermelhos. Agachada em um dos ultimos galhos, da mesma fórma, nada vê.

"Tudo parado; as arvores tranquillas, o rio calmo e majestoso. Nenhum rumor de remos. Nada. Tristeza apenas...

"Acabrunhada pela dôr, ella descia, mal sabendo que iria passar por mais dura provação.

"O filho, o seu filhinho querido desapparecêra tambem. Talvez que o rio que levára seu pae o tivesse fascinado... Procurou-o, afflicta, pelas proximidades. Não o encontrando, trepou novamente, e, penetrando a escuridão com o olhar materno, gritava angustiadamente, pelo seu nome.

"João!... João!... João!...

"Era meia-noite.

"Tres dias ella alli ficou interrogando a floresta, sem deixar aquelle posto e sem parar um momento de chamar pelo filho.

"Deus, então, vendo todo o seu soffrimento, condoido de sua sorte, transformou-a no passaro nocturno, que começa o seu lugubre canto á meia-noite em ponto.

"E' conhecido pelos caboclos amazonenses pelo nome de "Mãe da Lua".

"E é por isso, — terminou a velha Minervina, — que ainda hoje, quando descemos qualquer um dos rios do nosso Amazonas, ouvimos, á meia-noite, uma voz afflicta de mãe, clamar, nitidamente, pelo nome de seu filho. "João... João... João"...

E' a "Mãe da Lua".

ANEMIA
DEBILIDADE CONVALESCENÇA
VINHO
XAROPE
DESCHIENS
PARIS

Dôr De Cabeça?
Ao sentil-a começar applique o remedio por excellencia; bom tambem para enxaquecas e nevralgia, o
MENTHOLATUM

DOM ABBADE

HORMINO LYRA

A pedido de amigo nosso, habitante do Districto Federal, fomos, certo dia, ao convento de São Bento, da capital paulista, visitar Dom Abbade.

Era santo varão: muito bom, muito simples, o qual nos recebeu de modo carinhoso.

Apertámos-lhe a dextra gentil e, em signal do profundo respeito que nos inspirou o bondoso sacerdote da Egreja Catholica, beijámol-a em seguida.

— Venha cá outro dia, meu filho — disse-nos, quando delle nos despediamos; quinta-feira, jantar commigo. Vem?

Promettemos-lhe que sim e cumprimos a promessa.

Isso ha tanto tempo... Tudo tão mudado presentemente... Reminiscencias... Não existe duvida: temos um pedaço da nossa alma encravado na Paulicéa, o qual, de longe a longe, nos obriga a pensar naquella cidade de jardins maravilhosos, phantasticos alhambras, para nos recordar do modesto sitio onde plantadas deixámos nove saudades: nove annos da juventude que por lá ficaram.

Recebeu-nos o bom velhinho com simplicidade encantadora.

Jantámos os dois. Fomos depois passear ao florido vergel. Conversámos acerca de assumptos varios.

E aquella nobre alma de artista disse-nos o muito da sua admiração pela pintura, pelo chefe da escola florentina, o grande João Cimabue e os notaveis Leonardo da Vinci, Miguel Angelo, Buonarrotti, André del Salto; pelo chefe da escola romana o preclaro Raphael Sanzio e os famosos Julio Romano, Benevenuto Barofalo, Carlos Maratti; pelo chefe da escola veneziana, o preeminente Ticiano, "rei dos coloristas", e os impeccaveis Gentil Bellini, Paulo Veronese; pelo chefe da escola lombarda, o illustre André Montegna e os insignes Allegri, Mazuoli; pelos fundadores da escola bolonheza, a sublime trindade Luiz, Agostinho e Annibal Carraci, com os excellentes discipulos Miguel Angelo Caravaggio, Guido e Reni. Disse-nos o muito da sua admiração pelas escolas flamenga, hollandeza, allemã, hespanhola, franceza; e das suas preferencias pela escola ingleza, para vir por ultimo falar acerca dos nossos festejados Victor Meirelles, Pedro America, Antonio Parreiras.

Quando lhe falámos da Egreja Catholica, Apostolica, Romana, vimos ante nós um crente por piedosa convicção.

Affirmou-nos ser a Religião Catholica a mais natural de todas as religiões; porquanto ensina uma philosophia de accordo com o senso commum; possue o seu bello codigo de moral muito sã, muito perfeita; porque distingue o bem do mal; sustenta a existencia de Deus, a immortalidade da alma; e tem a unidade unica, a fé, que representa o traço de união entre o Creador e o genero humano.

Os homens mais illustres do globo, desde o seculo da redempção até os nossos dias, — os dois benemeritos fundadores da astronomia moderna, o creador da philosophia experimental, literatos, philosophos, sabios naturalistas, famosos mathematicos, — fizeram declarações acerca da sua crença em relação á Egreja Catholica de Roma; notaveis engenhos de nações diversas confessaram o accordo das sciencias com a revelação do *pharol das mais altas investigações do entendimento.*

Chateaubriand... sim, fôra o eminente estadista e literato francez quem dissera não achar solução para o futuro do mundo sinão no christianismo e christianismo catholico.

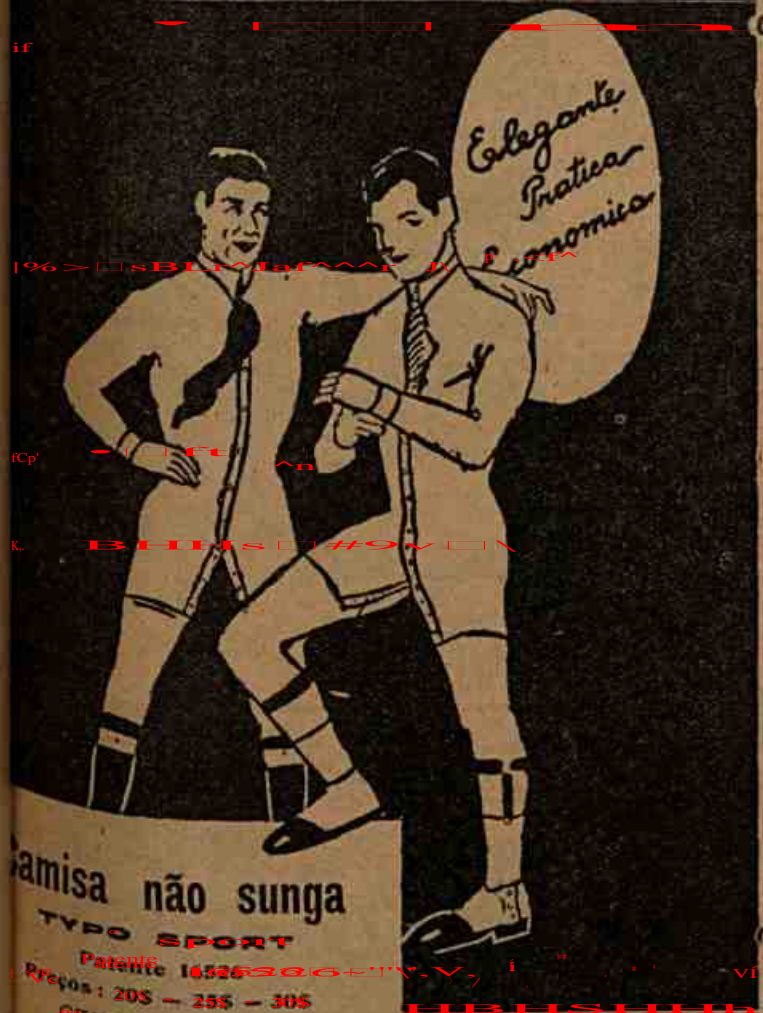
Contou-nos depois algo da sua vida, e ai não passamos a fazer.

Como diria Charles Richet, dissemos-lhe ha na nossa vida uma janella aberta para o immenso campo das artes, e nella, como diria o saudoso Julio de Mesquita, nos debruçamos de preferencia para o ameno recanto da literatura. Dissemos-lhe ainda estar praticando a tachygraphia no Senado e Camara paulistas, e nos julgavamos adeantado. Já estavamos tachygraphando as lições de Direito Civil do doutor Pinto Ferraz, na Faculdade...

Interrompeu-nos para indagar si não estavamos contente com o emprego. Respondemos-lhe affirmativamente. Perguntou-nos, em seguida, si pretendiamos deixal-o. Affirmámos-lhe ser esta a nossa intenção. Ganhavamos tão pouco...

De novo nos interrompeu para nos aconselhar:

— Ouça: não deixe o seu emprego. O dinheiro do empregado publico não chega para o empanturrar, mas dá para andar de barriguinha cheia.

Dom Abbade... Quasi não lhe recordávamos o nome, — Dom Frei Pedro de Assumpção Moreira, o ultimo benedictino natural do paiz no Convento de São Bento, de São Paulo, pois um simples *Aviso* sustára o noviciado das ordens religiosas no Brasil, quando numa das tres vezes se achava Nabuco de Araujo na alta investidura de ministro da Justiça; — bahiano patriota, porquanto muito resistira á entrada dos frades estrangeiros, só a permittindo por interferencia pessoal do Abbade-Geral da Ordem Benedictina com séde na Bahia, de quem era jurisdiccionado; — homem disciplinado, pois só a disciplina o obrigára a entregar tamanhas riquezas a irmãos de outros paizes, as quaes, consoante Lei do Imperio, deveriam passar para o patrimonio do Estado com a morte do ultimo frade brasileiro, si não fôra, á vista da Constituição republicana, carecer a Egreja de relações de dependencia ou alliança com o governo da União ou das antigas Provincias. Quasi perdiamos da memoria o nome do bom velhinho, mas por largo tempo não olvidámos o conselho do piedoso Dom Abbade.

Camisa não sunga
TYPO SPORT
Patente [illegible]
Preços: 20$ — 25$ — 30$
CAMISA, CUECA E COLLARINHO N'UMA SÓ PEÇA
MOLDES APERFEIÇOADOS

Venda nas Casas | VIEIRA NUNES . Av. Rio Branco, 142
| FORTES - Praça Tiradentes, 13

RIO DE JANEIRO

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas — Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o N.º 87 em 16-6-1917)
Exigir o frasco de origem sobre o qual figuram o nome e o endereço de
J. RATIÉ, Pharmaceutico,
45, Rue de l'Echiquier, PARIS
Agente Geral: A. W. COURNAND
R. dos Ourives, Rio de Janeiro.
A venda em todas as pharmacias.

IRRITAÇÕES AGUDAS DO ESTOMAGO

Uma irritação ligeira do estomago, mas prolongada, leva quasi fatalmente ás gastrites chronicas. Estas gastrites, sobretudo quando ellas são acompanhadas de hyperacidez, são muitas vezes dolorosas em virtude de inflammação da mucosa gastrica que ellas provocam. Logo que sinta o mais pequenino mal-estar estomacal, tome então meia colher de café de Magnesia Bisurada num pouco de agua quente. A acidez é immediatamente neutralizada e as paredes inflammadas do estomago são immediatamente alliviadas. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

Licções de lingua Italiana

pelo Profr. EUGENIO ORFEO
Rua Leopoldo Miguez 135
(Copacabana)
Tel. Ipanema 0315

Leiam as Quartas-Feiras
SELECTA
a melhor revista de Cinema

PELLICULA

. . . o perigo para os dentes.

A SCIENCIA fez uma descoberta importante. O que torna os dentes turvos e descorados é tambem a causa principal dos graves males que affectam os dentes e as gengivas. E essa causa é a tenue pellicula que se forma sobre os dentes.

V. S. pode sentir a pellicula, ao tocal-a com a lingua,—uma camada viscosa e escorregadia. Agarra-se aos dentes, penetra nas suas cavidades e ahi permanece. Absorve a coloração do fumo e dos alimentos, turvando a sua côr natural e brilho. Os germens nella se multiplicam aos milhões e são elles, alliados ao tartaro, que constituem a causa principal da pyorrhéa.

Para remover a pellicula por completo, os Dentistas recommendam Pepsodent, o dentifricio especial para a sua remoção. A sua acção encrespa a pellicula, tornando facil á escova retiral-a de todo.

Pepsodent não contem pedra pomes ou abrasivos damnosos. É tão macio que os dentistas o recommendam para limpar os tenros dentes infantis. Comece hoje. Compre o Pepsodent em qualquer boa Pharmacia.

Pepsodent

O Dentifricio especial para a remoção da pellicula

Aprovado pelo D. N. S. P. Rio de Janeiro 30 de Maio de 1924, sob o No. 2820

ESPIRITO ALHEIO

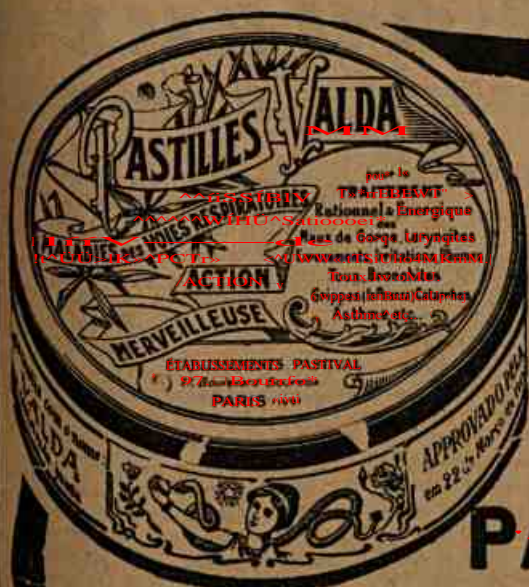
O garoto: — Com tantos animaes em casa, e ainda me trazem outro!

Ella. — Parece-me que já comprámos tudo que as ...ças pediram, não?
Elle. — Creio que tambem pediram um carre...

NO THEATRO

A senhora (ao espectador que está atraz). — ... que o meu chapéo não o incommodará, cavalh...
O espectador. — Ora se incommóda! Si minh... está exigindo de mim um igual...

O velho chinez. — Margarida, minha velha, você nos tem servido lealmente durante vinte e cinco annos e isto merece uma distincção.
De hoje em deante, a consideraremos mais um membro da familia, e, como tal, não receberá ordenado algum...

O garoto do escriptorio. — O senhor consentiria que eu faltasse ama... para ir...?
O chefe: — Ao enterro de seu avô, não é isto?
O garoto: — Não, senhor. Ao seu casamento...

METTEI NA BOCCA

cada vez que tendes de evitar os perigos do frio, da humidade, da poeira e dos microbios; logo que começaes a espirrar, logo que a Garganta começa a picar ou que tendes oppressão;

se sentis chegar a constipação,

UMA PASTILHA VALDA

cujos vapores balsamicos e antisepticos fortalecerão, resguardarão, robustecerão, a Garganta, os Bronchios e os Pulmões.

Tende sempre debaixo de mão as

PASTILHAS VALDA

mas sobre tudo não useis senão

as VERDADEIRAS que são vendidas **EM LATAS** com o nome **VALDA**

Encontram-se em toda as Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 22 DE MARÇO DE 1912 SOB O NUMERO 358 — FORM. : MENTHOL 0,000 EUCALYPTOL 0,0005 P. PAS.

MATARÁ

ISTO **AQUILLO**

TRICALCINE

Appr. D. N. S. P. sob o N° 364 em 30-8-12

para Tratamento das

ANEMIA, DEBILIDADE, RACHITISMO, BRONCHITES ESCROFULOSE, TUBERCULOSE

LABORATOIRE SCIENTIA, 21, Rue Chaptal, PARIS.
JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara, RIO DE JANEIRO.

Sublime Loucura

Por PEPE

....

— Então, tu, que, para não morreres, lutas com a propria vida, tu, que te dizes victima de tanta maldade humana... penetraste no caminho da felicidade!...

— E te admiras?

— Não. Não me admiro, porém não creio. E' uma fantasia como as muitas que compões...

Antonio Marcio, intellectual, artista, sorriu victorioso. Sorriu e, olhando firme nos olhos de seu amigo, como querendo fazer-lhe crente da realidade que sentia, disse após, lançando a vista pelo espaço azul:

— Lá, está o meu espirito! Lá, eu vejo e sinto todas as delicias e emoções que não vês, nem sentes... O *mal da vida*, as angustias, as desillusões... não attingem as alturas de minha vida transcendental... Ficam aqui, onde o nosso corpo é vencido pela natureza, pelo proprio corpo... Lá... eu vivo!

Alvaro Maia, o que ouvia, fitando o amigo, meio desconfiado, afastou-se discretamente, querendo não demonstrar receio...

— Não me temas, Alvaro, porque não sou louco — disse, sorrindo maliciosamente, Marcio.

E aproximando-se, convicto:

— E queres disto uma prova? E queres saber como alcancei o Poder? Sim, eu sou poderoso como rarissimas pessoas o são!

Alvaro Maia accedeu, talvez medroso de contrariar.

Anoitecia. A claridade da tarde diluira-se no poente. A natureza se apresentava mais mysteriosa sob o véo escuro da noite que cahia...

— Tu bem sabes o quanto padeci: soffri pelo mal que me faziam, soffri pela adversidade da sorte, soffri por amar... E desesperava-me, e lutava e... chorava... Chorava, sim. Para que occultar as lagrimas vertidas? Tu viste muita vez os meus olhos rasos dagua...

— E dizem que a dôr nos approxima de Deus...

— E eu não o nego. Se foi ella a scentelha que a mim illuminou!... A dôr agora não me causa desespero... Mas, continuemos: victima, como sabes, da maldade humana e do infortunio, eu me sentia desfallecer, cahir... Era um vencido! A minha inspiração, que diziam fertil, lançava versos cheios de angustias e rancores, de lagrimas e descrenças... As minhas rimas eram sinceras porque brotavam do amago de meu coração amargurado... Depois, o meu cerebro começou a enfraquecer, acompanhando o meu corpo... Faltava-me a memoria. O meu espirito, como o de quasi todos, estava arraigado ao corpo, ás coisas materiaes... Foi quando, em ultima salvação, em um esforço herculeo, certificando-me de que era invencivel, rasguei meu coração e delle expulsei odios e soffrimentos que me crucificavam!... Que ironia, meu amigo! Venci... quando tombava exangue!... Foi uma luta muito maior do que si eu lutasse com um exercito inteiro! E a minha victoria... muito maior!... Lembro-me bem do dia em que comprehendi o meu poder: era de tarde. Abatido, rancoroso, cheio de pensamentos tetricos, eu olhava o mar, que bramia furioso de encontro ao escarpado de uma rocha. Olhava... e, sob um impulso repentino, a minha mente agiu com todo o poder... Senti-me mal e suffoquei a terra... Depois, porém, olhei para o alto e vi que alguma coisa restava que eu attingiria: o céo. E foi fitando o céo, tão tranquillo e azul, tão puro, que me julguei ser poderoso como o mar... e inattingivel como o firmamento!... E não ouvi e não mais senti as mentiras e adversidades do mundo. Abafei-as... das... Que me importavam o... e o clamor que eu repudiava? ... a vida... Que é a vida sinão sonho?, dizem. Pois eu, de sonhos, expulsei os pesadelos, elevei-me muito, até onde não chega nem mesmo o éco da ... humana... "Je songe au vide des cieux"...

— E aqui...

— ... .vegeta o meu corpo, o imperio da lei creadora...

— Queres, então, dizer, que ... frimento moral algum te attinge? A crueldade terrena...

— ... rasteja e não tem ... para attingir ao alto...

— E' bella a tua... fantasia...

— Loucura, querias dizer, que dizem dos meus ultimos trabalhos. Pois que o seja, mas... sublime loucura!... Com ella galguei a paz intima que a tua intelligencia e inspiração, e daquelles que me ridicularizam, ainda ... vos deram. Louco... porque ... pelo ideal alcançado!... E ... vivesse com idéas a revolver o cerebro, a depauperar a mente e o corpo?

— Não digo que sejas louco... ha loucos cheios de calma e ... cos que vivem a embaralhar o cerebro... Admittamos, pois, que ... acceite a tua fantasia — essa theoria que a pratica destroe — como uma realidade: o meu ... go, então, é o egoismo perso... cado!

— E' inutil, meu Alvaro, ... querer convencer do con... Egoismo, em mim, porque ... de girar em torno do mundo! ... ha egoismo onde existe elevação...

— Si tu já não conheces a ...

— Vejo que é inutil, repito, ... quer tentativa. Adeus! ... louco... desta sublime loucura... tens força para tanto!... ... cuidado! Bem vês os perigos ... a gente corre...

Era noite fechada quando se separaram os dois amigos, levando cada um, diversamente, a ... cção do que sentiam...

NA BERLINDA

(continuação do num. passado)

sélas. Chamava a essa sua profissão, ninguém sabe porque, de armaçoeiro...

O Francisco Madureira, vendo-o certa vez arrastando uma perna, indaga-lhe do incommodo.

— Ah, Chico! Exercendo temporariamente o officio de armaçoeiro, e dirigindo-me hermeticamente a um dos proximos engenhos, que fica á margem occidente, para cortar uns rólos para o referido officio, e, de volta, ao passar por uma porteira mais ou menos ingreme, um dos supraditos rôlos cahiu sobre a margem perpendicular do pé esquerdo, vindo o projectil offender-me um dos orgãos mais sensiveis do corpo humano!

De outra feita, certa menina romantica atacava ao piano "A Casa Branca da Serra" e o velho, virando-se para a musicista, dando com a mão no teclado, sentenciou:

— Menina, esse compendio é muito mais bonito acompanhado pelo Ulysses Cerqueira, na flauta...

* * *

Emquanto as moças e os rapazes brincavam na sala de visitas do juiz de direito, procurando onde andava o annel ou brincavam o *Manoel da Hora*, a Nhá Bemtevi contava na sala de jantar a felicidade e a tristeza, ao mesmo tempo, que a ultima carta do filho em Maceió lhe trouxera.

— Nêgo, o Ocride está empregado numa casa de nome tão feio, nêgo, que é um horror!

E, virando o branco dos olhos, suspirou:

— Ai, Jesus! Triste da mãe que tem o seu filho solto neste ouço de mundo! E o que faz admirar, nêgo, é que a mizindia da casa é de seu Leobino, genro do coronel João da Rocha! Eu fesconjuro! Sabe aonde é, Nenen, que o Euclydes está empregado? Virje, nêgo! Eu digo o quê... E' um nomão escandeloso! Bote os meninos lá p'rá fóra, nêgo... Bote os meninos p'rá fóra...

E nu mcochicho que todo mundo ouviu:

— Diz que é ta-ba-ca-ria! Não é um fim de mundo, nêgo? Não é uma falta de respeito? Isso é lá nome que se bote em casa de negocio? Eu fesconjuro a vergonheza!...

As crianças, enxotadas pela pudicicia da Sinhá Nenen, continuavam, lá fora, na mesma expansão, rindo e cantarolando ao calor da fogueira, disputando, entre si, carocinhos de milho, numa algaravia festiva. Ali outro grupo formava em roda. Mãos estendidas em leque, espalmadas no chão, uma das guryas de maior prestigio ia dizendo e beliscando nervosamente:

— Pinicainha...
Da barra...
De vinte...
E cinco...
Minguárra...
Mingórra...
Tira esta,
Que está forra!

A meninada se encolhia, cochichando entre si, fazendo brevejo ao óscar da velha Generosa, o menino impossivel da cidade, que passava cantando na sua peraltice:

— Oi dá-lhe... quem não tem irmão...
Fôrça só...
Dá-lhe quem não tem irmão...

Um grito de terror estilhaçou o grupo da fedelhada. O Panema!

O Panema era um preto velho, farroupilha e beberrão. Peccador de menino que brincava com fogo e mijava na cama... Elle fazia mandinga e dançava em cima das brazas das fogueiras, sem queimar os pés!

Lá vem elle gargalhando da sua propria desgraça! Vem illustrando a rua com os picilones da sua eterna cachaça.

— Seu moço, a minha vida é uma carta de a-b-c cheia de picilone! E' por isso que eu só aprendi neste mundo os picilone da minha bebedêra! Qué vê, seu moço? Eu não tou bêbo não, hum-hum! Eu tou mais é assoletrando... E tanto tou assoletrando que vou já, inté, espaiá as braza daquella foguêra bêsta c'os pé limpinho da sir-v-a-va!

E dançando sobre o brazeiro vivo, ia cantando e tocando com as mãos por baixo das axillas, a sua musiquinha esquisita de sovaco:

— Sapucaia?
Quéis q'eu morra?
Quéis q'eu cáia?
Rato cum côco,
Lagartixa cum féjão!
O ferrêro fez a foice,
Mais num fez o gavião!

Nessa cantoria macabra, a musica de escapão redobrava e o saracoteio estravagante sobre o brazeiro vivo e ardente era infernal. O fascinado da cachaça sapateava nas brazas com um prazer allucinante e numa volupia delirante ia interrogando sempre o seu desvairado infortunio, repetindo, repetindo e sapateando:

Sapucaia!
Quéis q'eu cáia!

A garotada, espavorida, grelava o espectaculo tenebroso, com um olho no Panema e outro atraz da porta. As folganças redobravam.

— Bocca de fôrno!
FÔRNO!
Tira bôlo!
BÔLO!
Càrraxis!
XIS!
Fizeste o que eu fiz?
FIZ!

Rei manda... Rei manda... que todos vão tomar benção a Tinha...

A Tinha era a velhice benemerita e tradicional da cidade. Todos lhe tomavam a benção com uma accentuada veneração aos 95 annos do capucho que lhe alvejava a cabeça. Todo encriquilhada e tremula, como

NA BERLINDA

(Conclusão)

que atacada de um accesso permanente de maleita, a expressão da velhinha bonissima se reflectia nas suas faces chupadas, mais animada pelos olhos vivos e irrequietos. Cá na terra era, talvez, a mais pura embaixatriz do reino celeste das onze mil virgens.

A rapaziada mais pirata, quando ia chupar as boas laranjas da velha, pretextando ouvir-lhe as boas *historias daquelles tempos*, que era a melhor maneira de se referirem ás historias antigas, puxava sempre a da origem do seu apellido.

E ella, com a mesma paciencia e ingenuidade de todas as vezes, tornava a explicar.

— Ah, meus filhos! Eu não me chamava Tinha, não... O meu nome, de verdade, é Senhorinha... Mas em casa, desde menina, começaram a me chamar Tinha... Tinha... e eu p (r) u Tinha fiquei...

* * *

Emquanto o mandão da *bocca de forno*, escapulindo-se, cahia redondo num prataço de cangica, a berlinda se desencadeava na sala.

O Ulysses Braga era quem estava lá dentro em julgamento.

O velho commerciante devia-lhe um desaforo! O de lhe ter vendido um par de tamancos que durou um mez! Era agora!

— Menino, por que o *seu* Ulysses está na berlinda?

— O *seu* Lysses?... o seu Lysses está... está... está... porque faz tamancos de toucinho...

O coronel Ulysses Braga, no meio da roda, entre as provocações pilhericas dos circumstantes, ia ouvindo as chacotas que lhe atiraram na berlinda.

— Uma diz que o senhor está na berlinda, porque é feio...

— Outra, porque o senhor é viuvo...

— Outra, porque é um Barba Azul...

— Outro, porque é delegado de policia...

— Outro, por isso...

— Outro, mais por aquillo...

— Outro, porque o senhor faz tamancos de toucinho...

Uma gargalhada reboou pela sala.

— Oh! Tamancos de toucinho! Porque faz tama[ncos] de toucinho! — ironizava a sala em peso!

— Por menos disso eu fui ao enterro de um, o[utro] dia, delegado! — debochava o Cardoso.

E o Ulysses, arrancando para botar o Cardoso [na] berlinda, fazendo-se de indignado:

— Pois passe para a berlinda o atrevido que d[iz] que eu faço tamancos de toucinho!

Emquanto o pinéozinho, com difficuldade, procur[ava] descer da cadeira para cumprir a sentença do desafôro, o delegado de policia, coronel Ulysses So[...] Braga, recebia a vaia mais gozada que a fina flor [da] sociedade muricyense já deu numa prestigiosa e [tre]menda autoridade policial, graças ás estripolias de [um] fedelho, que só dormia ouvindo historias de princ[ipes] e princezas encantadas.

Foi por isso que a berlinda daquella noite de S. João, em casa do juiz de direito, passou á posterid[ade].

MACIEL-FILHO.

(Da Academia Guimarães Passos, de Mac[eió])

(Dos Contos e Cantos de Minha Gente, em prep[aro])

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

ULTIMAS NOVIDADES

32$ Fina pellica envernizada preta, guarnições de couro de ... estampado. Luiz XV cubano medio.

35$ Em naco branco lavavel guarnições de chromo marron Luiz XV cubano medio.

30$ Em camurça ou naco branco, guarnições de chromo côr de vinho, salto Cavalier mexicano. Rigor da moda.

35$ Lindo ... naco branco ou camurça com vistas e guarnições de bezerro côr de vinho. Luiz XV. Porte 2$500 em par.

ALTA NOVIDADE

Lindas alpercatas de chitão florido em diversas côres, toda forrada de couro.

De ns. 17 a 26 .... 8$000
De ns. 27 a 32 .... 10$000
De ns. 33 a 40 .... 12$000

Porte 1$500 em par.

CATALOGOS GRATIS, PEDIDOS A

JULIO DE SOUZA

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

TELEPH. 4-4424

VENUS DE MILO
PADRÃO DE BELLEZA

JUVENTUDE ALEXANDRE

PADRÃO DOS TONICOS PARA A BELLEZA DOS CABELLOS

SEM SUBSTITUTO CONTRA CABELLOS BRANCOS

OLEO de FIGADOS de BACALHAU de BERTHE

O Unico approvado pela Academia de Medicina de Paris

O melhor Fortificante

BRONCHITES CHRONICAS
TEMPERAMENTOS DEBEIS
FRAQUEZA
CONVALESCENÇA
RACHITISMO
RHEUMATISMOS CHRONICOS

Deposito geral
Casa FRÈRE
19, rue Jacob, PARIS

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1931

Para os bronchios delicados.

E preciso dar Goudron Guyot especifico por excellencia das

VIAS RESPIRATORIAS

CONSTIPAÇÕES - DEFLUXOS
Tosses - Bronchites - Catarrhos
Affecções da Garganta e dos Pulmões
são combatidos com successo pelo

GOUDRON GUYOT

... GOUDRON-GUYOT a afim de evitar qualquer erro, olhai para o rotulo; ... GOUDRON-GUYOT leva o nome GUYOT impresso em grandes letras e a sua assignatura em tres cores: violeta, verde e vermelho, e em ... FRÈRE, 19, rue Jacob, Paris.

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1937

Versos

Quando o meu Bem passou

Quando o meu Bem passou, lourinho e vaporosa
Uma rosa falou ao ouvido de outra rosa:

"Esta que vae passando assim tão clara e esguia
Deve ser como eu sou — por ser branca — bem fria

Nunca teve, talvez, nem de teve, o desejo
De sentir no seu beijo a força de outro beijo...

De deixar que esta força irresistivel, calma,
Corresse no seu sangue a despertar sua alma..."

Mas a outra, vermelha, interrompeu risonha:
"Não conheces o olhar de uma mulher que sonha!

— Ouve cá, rosa branca, indifferente e langue,
Ella é branca, porem é vermelho o seu sangue...

A apparencia é falaz... — Não vês, si cae a neve,
Parecer-me eu comtigo embuçada de neve?..."

E o meu amor passou, na tarde, suave e calma
Em busca do meu beijo — em busca de minh'alma.

CAETANO DE FIGUEIREDO

A guarda verde da cidade

Ellas se erguem tensas, elegantes,
com seus pennachos pandos, fluctuantes
e atirados pros céos!

Lembram as tribus possantes
dos guerrilheiros gigantes,
dos tempos dos philisteus!

Na inflexivel immobilidade
do seu porte militar,
— são a Guarda Verde que vigia,
no silencio da noite e no tumulto do dia,
o grande Canal escuro e feio
em cujo seio
escorre o sangue negro da Cidade!

No seu longo e perpetuo alinhamento,
as Palmeiras-soldados
alli ficam paradas,
expondo os troncos nús, esguios, perfilados,
ao sol, á chuva, ao frio, ao vento...

E emquanto ao seu redor os homens passam
e o rythmo da vida augmenta e cresce,
na rude indifferença a tudo que acontece,
seus verdes capacêtes mais aprumam e realçam!

PAULO GOULART

O coração e os rosaes

O coração, como os rosaes, floresce,
e abre-se todo em rosas perfumadas;
e, quando o sol, no outomno, empallidece,
o coração, como os rosaes, fenece
numa chuva de petalas fanadas...

O coração, como os rosaes, perfuma
tudo que o cerca, com seu casto cheiro,
e as folhas vão cahindo, uma por uma,
e o coração, como os rosaes, na bruma
envolto, exhala o aroma derradeiro.

O coração, como os rosaes floridos,
tem espinhos nas flores velludosas,
e vem o outomno, e os dias frios, doloridos
e o coração, como os rosaes despidos,
guarda os espinhos quando perde as rosas.

ALVARO RODRIGUES

HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY

SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS MIDY

EGUAL herança preciosa, o **LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS** transmittiu-se, atravez dos annos, de geração em geração. Não existe producto algum semelhante, capaz de offerecer uma garantia tão valiosa, nem tão eloquente, comparavel á de haver merecido a confiança implicita das familias, durante mais du meio seculo.

Nada o supera, na correcção da acidez excessiva do estomago, nada que o exceda, em brandura e em efficacia, como laxante. Por este motivo, não tem egual. nos casos de

INDIGESTÃO · ESTADOS BILIOSOS
SENSAÇÃO DE FARTURA DEPOIS DAS REFEIÇÕES
ERUCTAÇÕES · AZIAS · ARDOR NA BOCCA DO ESTOMAGO
PRISÃO DE VENTRE

O melhor existente, para tornar assimilavel pelas creanças o leite de vacca, e evitar as colicas e os vomitos.

O Leite de Magnesia verdadeiro, creado e preparado por Phillips, ***apresentou-se e continuará a apresentar-se sob a forma liquida.*** A magnesia em pó, em comprimidos ou em pastilhas, é de solução difficil, e costuma provocar irritações, ou accumular-se nos intestinos.

Para não se exporem aos perigos duma imitação, exijam o envolucro azul, e verifiquem a presença do nome **PHILLIPS**, *impresso sobre o mesmo.*

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Rua Ouvidor, 98, Rio de Janeiro — Rua S. Bento, 35, S. Paulo